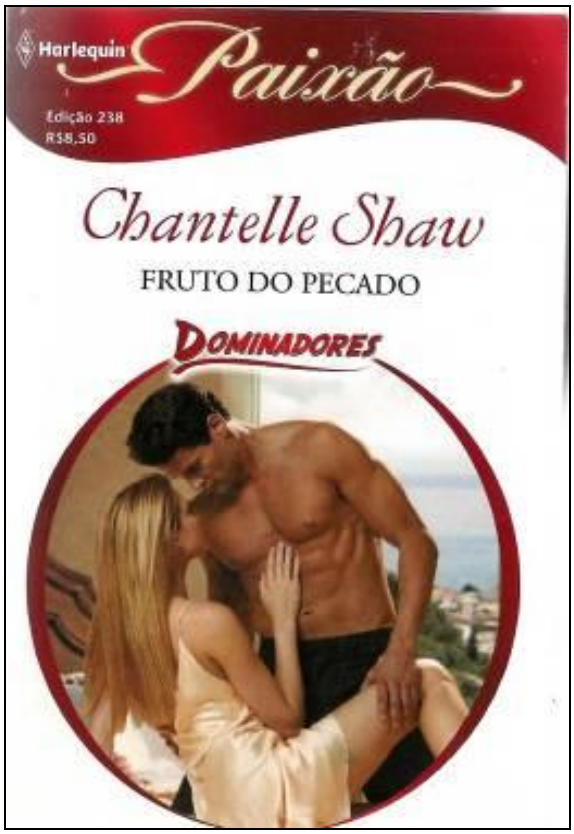
Fruto do Pecado

HIS UNKNOWN HEIR

Chantelle Shaw



Sofisticação e sensualidade em cenários internacionais.

Ela cometeu um pecado... e agora escondia um segredo!

Ramon, herdeiro da vinícola Velaquez, declarou claramente a sua principal regra quando conheceu Lauren Maitland: não poderia prometer a ela mais do que um caso passageiro bastante quente. Ela ouviu suas palavras, porém seu coração se recusou a aceitá-las. Por isso, quando Ramon percebeu que ela estava apaixonada, ele a baniu de sua vida friamente. Dois anos depois, as lembranças de Lauren ainda estavam vivas na memória de Ramon. Tornara-se impossível esquecê-la. Mas ao reencontrá-la, se deu conta de que ela deixara de ser a mulher de antes. Independente, forte e ainda mais irresistível, Lauren guardava um segredo que nem em seus sonhos mais selvagens Ramon achou que seria possível...

Eles vieram para conquistar o mundo... e as mulheres!

Digitalização: Projeto Revisoras
Revisão: Simone Chagas

harlequinbooks.com.br

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: HIS UNKNOWN HEIR

Copyright © 2011 by Chantelle Shaw
Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modem Romance
Arte-fmal de capa: Isabelle Paiva
Editoração eletrônica: ABREU'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037
Impressão:
RR DONNELLEY
Tel.: (55 XX 11) 2148-3500
www.rrdoimelley.com.br
Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900
Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171,4° andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380
Correspondência para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971
Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

O jato particular de Ramon Velaquez pousou no aeroporto de Londres exatamente no horário marcado. Ele finalizou rapidamente os procedimentos de praxe, e enquanto caminhava para fora do aeroporto rumo à limusine que o aguardava, o chofer ia em sua direção para pegar sua pasta.

— Bem-vindo de volta, Sr. Velaquez. Espero que tenha feito boa viagem.

— *Gracias, Paul.* — Ramon sentou no banco traseiro do carro e apoiou a cabeça contra o banco de couro. Uma sensação de bem-estar o atingiu quando ele ergueu o copo de uísque e soda que havia sido preparado ali no armário de drinques.

— É bom estar em casa.

Assim que o carro arrancou suavemente, ele refletiu longamente sobre seu uso inconsciente da palavra casa. Porque é claro que a Inglaterra *não* era sua casa; ele era espanhol, e imensamente orgulhoso de seu país e de sua duradoura e nobre linhagem. Seu verdadeiro lar era o Castillo dei Toro e um dia, e ele temia que num futuro não muito distante, considerando os problemas de saúde de seu pai, ele seria o novo duque de Velaquez e iria morar permanentemente no castelo, cercado por um exército de empregados.

Ramon sabia desde a infância que seria uma vida ditada pela formalidade e por protocolos, tão diferente da atmosfera tranqüila em sua cobertura em Londres, onde ele empregava o mínimo de pessoas e gostava da sensação de liberdade, distante do olhar ávido da imprensa espanhola.

Ele sentiu uma leve pontada de culpa por ter escolhido voar da reunião em Nova York rumo à Inglaterra em vez de ir à Espanha. Ele se importava profundamente com seus pais, mas havia ficado relutante em encarar outro sermão sobre a necessidade de ele se casar com uma nobre espanhola e proporcionar um herdeiro para assegurar a continuação do ilustre nome da família. Então ele inventara o pretexto de que precisava estar em Londres para lidar com assuntos urgentes de trabalho.

Ramon sabia que seu pai, o duque, ficava satisfeito com a dedicação dele à Velaquez Conglomerates, mas era duvidoso que fosse ficar tão impressionado caso soubesse que o verdadeiro motivo para Ramon correr de volta para Londres era por estar impaciente para encontrar sua amante inglesa.

Lauren estava sentada à escrivaninha, lendo um complicado acordo de aluguel, quando seu telefone celular tocou. O coração dela deu um pulo e ela agarrou a bolsa, um sorriso nos lábios quando viu que era Ramon quem estava ligando. Havia ficado ansiosa o dia todo, esperando que ele ligasse. Tal como uma adolescente carente sofrendo as dores do primeiro amor, ela pensou de forma pesarosa.

É claro que hoje havia um motivo especial para ela estar ansiosa para falar com ele, reconheceu Lauren, sentindo outra vez a curiosa sensação de estar mergulhando em um elevador em alta velocidade, com o estômago revirando. Ela ainda estava se recuperando do choque que recebera há uma semana, ainda não conseguia acreditar que era verdade. Aquilo a deixara tão desesperada para ouvir a voz de Ramon, para se sentir segura de que o relacionamento deles havia se desenvolvido para algo mais profundo do que uma conexão sexual casual.

A proximidade que ela sentira crescer entre eles nos últimos meses não era simplesmente fruto de sua imaginação ou devaneio, ela assegurou a si. Quando conheceu o enigmático espanhol em uma boate seis meses atrás, sua amiga jornalista,

Amy, lhe contara que Ramon Velaquez tinha uma reputação como playboy, mas que conduzia seus casos discretamente, e sua vida amorosa mal era divulgada pela imprensa inglesa.

Lauren tinha sido incapaz de negar a química poderosa que havia inflamado entre ela e Ramon, porém, atenta ao aviso de Amy, embarcara em um caso com ele aceitando que ele não iria querer um relacionamento sério, assim como ela. Lauren estava ocupada com sua carreira e descrente em relação ao amor. E ainda assim, de algum modo, indo contra todas as possibilidades, um relacionamento havia se desenvolvido entre eles e ela achava ser mais do que simplesmente sexo enlouquecedor.

De comum acordo, Ramon desencorajava discussões sobre sua vida pessoal. Tudo que ela realmente sabia a respeito dele era que sua família possuía uma famosa vinícola em Rioja, ao norte da Espanha. Mas em todos os outros aspectos eles eram um casal que compartilhava uma vida juntos: companheirismo, risadas, uma apreciação mútua por galerias de arte e por cinema e, freqüentemente nos últimos tempos, pelo apartamento de Ramon em Londres. Toda vez que ele estava na cidade, Lauren sempre ficava com ele.

Uma lição importante que ela aprendera durante o caso deles era que ele não gostava de demonstrações de emoção, e uma sensação instintiva de auto preservação a fez manter para si o fato de que havia se apaixonado por ele. Mas agora ela se esquecia de sua resolução de agir friamente com ele e atendia ao telefone rapidamente.

O som de seu sotaque sexy e grave enviou arrepios de prazer pela espinha dela.

— *Buenos tardes,* Lauren.

— Ramon. Como foi sua viagem?

— Bem-sucedida. Você deve me conhecer bem o suficiente a esta altura, *querida,* para entender que eu não fecharia um acordo por nenhum valor inferior.

Ramon sorrira ao som da voz de Lauren. Era bom estar de volta a Londres e ainda melhor saber que logo ele estaria fazendo amor com sua linda rosa inglesa, cujo sorriso reservado escondia uma natureza deliciosamente apaixonada.

— Reservei uma mesa no restaurante Vine para as sete e meia — disse ele. Era prazeroso pensar em sua viagem de negócios, que transcorrera exatamente do jeito que ele planejara. Como sempre ele não deixara nada ao acaso, e o controle da licitação havia sido finalizado com uma rapidez brutal, que tomara seus concorrentes de surpresa. — Vamos comemorar.

O coração de Lauren falhou e durante alguns segundos o cérebro dela entrou em queda livre antes de seu bom-senso retornar. Ela era a única pessoa no mundo que sabia o resultado do teste de gravidez que havia feito há uma semana. De jeito algum Ramon poderia estar sugerindo que ele estava comemorando o fato de ela estar esperando o filho dele, o que então deveria significar, o coração de Lauren deu outra cambalhota, que ele se lembrava de que era o aniversário de seis meses de namoro.

Ela olhou para a gravata de seda que havia comprado para ele depois de passar o horário de almoço inteiro atormentada pensando se deveria dar um presente de aniversário a ele. Claramente ela havia tomado a decisão certa. Ramon tinha se lembrado do significado especial do dia de hoje, e esta noite, durante o jantar, ela contaria a ele sobre o bebê.

— Maravilha — murmurou ela, incapaz de disfarçar o leve tremor na voz. Tentar esconder os sentimentos por Ramon era sempre uma luta, e a ciência de que ela estava carregando o filho dele tornava ainda mais difícil a tarefa de mascarar as emoções.

Ramon deu uma olhada para o relógio de pulso.

— Te encontrarei no restaurante dentro de três horas.

Ele havia sentido falta dela, Ramon reconheceu. O pensamento o fez franzir a testa. Nenhuma mulher jamais fora tão importante em sua vida a ponto de ele sentir falta da companhia dela, e ele estava surpreso por perceber o quanto havia pensado em Lauren enquanto estivera fora. Mas ele não tinha a intenção de compartilhar aquela informação

com ela. Ele não queria que ela pensasse que poderia ser algo mais para ele além de sua amante.

Ele franziu mais a testa quando os pensamentos se voltaram mais uma vez para a notícia de que o câncer do pai retornara após um breve período de remissão. Desta vez era incurável. Agora ele entendia por que ultimamente o duque havia ficado mais insistente do que nunca para que ele escolhesse uma esposa adequada, com ênfase na palavra *adequada,* Ramon pensou severamente, recordando como o pai havia evocado a velha história sobre Catalina durante a última conversa entre eles.

Catalina Cortez foi um erro do passado sobre o qual ele não gostava de ser lembrado, Ramon pensou de maneira irritada. *Dios,* ele era um garoto de 18 anos dominado pela testosterona quando perdeu o coração e a cabeça para a linda modelo cujas curvas generosas haviam figurado nas páginas de algumas revistas pornográficas. Mas quase duas décadas depois, o pai dele ainda não permitiria que ele se esquecesse de que já estivera completamente determinado a se casar com Catalina.

Ramon não supunha ser o primeiro homem a ser feito de bobo por causa do amor, mas ele havia aprendido sua lição e não seria enganado outra vez. A lembrança de descobrir Catalina com seu amante e perceber que ela era uma vadia que somente esteve tão lisonjeiramente ansiosa para se casar com ele a fim de pôr suas mãos ávidas na fortuna dos Velaquez ainda mexia com ele, porém não mais do que a humilhação que ele sentira quando seu pai provara estar certo.

— Ramon, você ainda está aí? — A voz de Lauren o arrastou de seus pensamentos. — O sinal deve estar ruim. Por um instante achei que tivesse perdido o contato com você.

— Ainda estou aqui — respondeu Ramon suavemente. — Vou te ver esta noite. — Ele finalizou a ligação e olhou para o tráfego de Londres, consciente de que sua sensação anterior de contentamento havia evaporado.

Lauren chegou ao restaurante dez minutos mais cedo e foi até o bar para esperar. O estômago dela estava revirando diante da perspectiva de ver Ramon outra vez. Ela sentira muita falta dele enquanto ele estivera fora, e imaginar como ele iria reagir à notícia digna de mudar vidas que ela estava prestes a lhe dar aumentava a tensão dela.

Embora estivesse de costas para a porta, ela soube o instante exato em que ele adentrou o restaurante por causa do silêncio assustador que decaiu no ambiente, seguido por uma agitação de curiosidade nas vozes dos clientes e daqueles que, assim como ela, estavam no bar. Ela virou a cabeça e sentiu os joelhos enfraquecerem.

— Você está linda, *querida* — cumprimentou-a Ramon, o calor flamejando dentro dele enquanto passava os olhos vagarosamente por sobre a saia vermelha apertada de Lauren e o pousava sobre a roupa torturante de seda e renda visível sob o casaco. — E muito sexy. Fico surpreso por os advogados na sua empresa conseguirem se concentrar no trabalho tendo você como uma distração tão deliciosa.

— Eu usei uma blusa de gola alta muito recatada no escritório — Lauren assegurou a ele. — Mas pensei que você gostaria se eu trocasse por algo mais decorativo.

— Vou demonstrar o quanto gosto durante a noite toda — ele prometeu, com a voz rouca.

Não eram apenas os paparazzi espanhóis que eram fascinados pelo filho de uma das famílias mais proeminentes e ricas da nação. A imprensa inglesa o havia rotulado como o solteiro mais desejado da Europa, e uma foto dele beijando uma loira em um bar iria render o tipo de manchete que ele estava determinado a evitar. E então, com as narinas inflando enquanto ele aspirava a fragrância floral do perfume de Lauren, Ramon colocou a mão levemente na cintura dela e a impeliu a sair do bar.

— Creio que nossa mesa está pronta. — Ele se aproximou dela enquanto eles seguiam um garçom e murmurou: — Vamos esperar que o serviço seja rápido esta noite, *querida,* porque estou com *muita* fome.

O brilho nos olhos dele não deixou dúvida para Lauren sobre o significado daquilo, e um arrepio de excitação correu pela espinha dela. Após duas semanas longe, Lauren ansiava que ele fizesse amor com ela. Logo eles voltariam ao apartamento dele. Mas primeiro o coração dela deu um pulo, primeiro ela teria de contar a ele que estava esperando um filho.

Ela simplesmente não sabia como ele iria reagir à gravidez acidental. Inquestionavelmente *foi* um acidente, causado por um momento negligente quando eles tomavam banho juntos, ela se lembrou pesarosamente. Ela não planejava ter um filho neste estágio da vida e havia passado a última semana guinando entre o pânico e a descrença. Porém, estranhamente, no momento em que ela vira Ramon esta noite, o bebê se tornara real para ela, não era mais uma linha azul do teste de gravidez simplesmente, mas uma vida nova crescendo dentro dela, criada por ela e pelo homem que ela amava.

Ela mordeu o lábio inferior. Será que Ramon se sentiria do mesmo jeito? Lauren nunca fizera qualquer referência sobre o futuro, e embora ele fosse um amante maravilhoso que a tratasse com consideração e respeito, ela não sabia como ele realmente se sentia a respeito dela. Mas ele a *havia* convidado para jantar esta noite para celebrar o aniversário de seis meses de namoro, Lauren lembrou a si. Certamente isso significava alguma coisa.

O garçom anotou o pedido de bebidas deles. Ramon não fez comentários quando ela pediu suco de fruta porque havia dito a ele quando se conheceram que não gostava de álcool, embora não tivesse contado suas razões para ser totalmente abstêmia. A lembrança do jeito como a mãe afogava as mágoas regularmente no gim depois que o pai dela as abandonou era algo sobre o qual Lauren nunca falava com ninguém.

Com uma velocidade impressionante, o garçom retornou com as bebidas, e Ramon ergueu sua taça de champanhe.

— Eu gostaria de fazer um brinde... a outro ganho de licitação bem-sucedido da Velaquez Conglomerates.

Lauren congelou, até que o silêncio prolongado ficou embaraçoso, e então ela apressadamente agarrou seu copo de suco.

— Ah... sim... à Velaquez Conglomerates. — Ela bateu o copo na taça de Ramon e tentou dar um sorriso, que falhou quando ele não fez menção ao outro motivo que eles estavam comemorando.

— Então, conte-me o que você andou fazendo enquanto estive fora — disse Ramon confortavelmente.

Lauren conseguia se lembrar de pouca coisa das últimas duas semanas além do pânico atordoante que a inundara depois que descobrira estar grávida. Ela não conseguia pensar em nada para dizer e, em vez disso, fuçou na bolsa e entregou a Ramon um pacote embrulhado em papel de presente.

— É um presente — disse ela a ele quando ele olhou para o pacote de forma suspeita, como se esperasse que explodisse em seu rosto. — Não é nada, na verdade. — Ela conseguia sentir o próprio rosto corando. — Só uma lembrancinha... para celebrar nosso aniversário.

Ramon enrijeceu, e a sensação de um desastre iminente que ele sentira quando conversara com Lauren mais cedo naquele dia se colocou sobre ele tal como uma nuvem negra.

— Aniversário? — perguntou ele friamente.

— Faz seis meses que nos conhecemos. Pensei que era isso que estivéssemos celebrando... O motivo de você ter marcado nosso jantar no restaurante no qual você me trouxe no nosso primeiro encontro... — A voz de Lauren morreu. Ela encarou a expressão chocada de Ramon e se encolheu de constrangimento quando ficou aparente que ela entendera as coisas de forma muito errada. — Pensei que você tivesse se lembrado —

murmurou ela, desejando que um buraco se abrisse no chão sob a cadeira e a engolisse.

Ramon a analisou num silêncio tenso.

— Devo admitir que não me lembrei — disse ele de forma direta, franzindo a testa quando absorveu o significado das palavras dela. Seis meses! Como pode ter se passado tanto tempo sem ele perceber? E como Lauren se insinuara na vida dele tão discretamente, a ponto de ele se acostumar à presença dela ali? Comumente, ele nunca saía com mulheres por mais do que algumas semanas antes de atingir seu limite de aborrecimento. Mas mesmo sendo sua amante há seis meses, Lauren nunca o enfastiava, nem na cama ou fora dela, ele reconheceu de forma severa. Ele não havia nem mesmo ficado tentado a olhar para outra mulher.

Ele franziu a testa ainda mais. *Dios!* Ele havia sido fiel a ela sem perceber a longevidade do caso entre eles, mas agora que ela o deixara ciente disto ele estava chocado pelo modo como permitira aquilo que começara como mais um flerte casual durar tanto tempo. Para ele, era culpa de Lauren. Se ela tivesse começado a irritá-lo, ou, como acontecia tão freqüentemente com as amantes dele, a mostrar tendências possessivas, ele teria terminado o caso há meses. Mas ela havia sido a amante perfeita: condescendente e feliz por tomar um papel discreto na vida dele. O desejo dela de celebrar um aniversário era uma surpresa súbita. Aquilo ultrapassava um limite no relacionamento deles, Ramon se preocupou, o aborrecimento substituindo o contentamento de alguns minutos atrás.

— Eu não crio grandes expectativas com aniversários — disse ele resumidamente.

Sua educação impecável o forçou a desfazer o laço dourado sobre o pacote, e ele rasgou o papel de presente para revelar uma gravata listrada de seda com nuanças de azul e cinza. Era exatamente o tipo de coisa que ele teria escolhido para si, mas a percepção de que Lauren conhecia os gostos dele tão bem não melhoravam seu humor.

Ele olhou para cima apenas para flagrá-la observando-o ansiosamente, e ele se deu conta de que ela parecia surpreendentemente tensa desde o momento em que a cumprimentara no bar.

— É encantadora — disse ele, forçando um sorriso enquanto retirava a gravata do pacote. — Uma escolha excelente. *Gracias.*

— Eu te disse que era só um presentinho — murmurou ela, soando defensiva.

Mas não era o tamanho ou o valor do presente que era um problema. Era o motivo *pelo qual* ela o dera a ele que o perturbava, refletiu Ramon. Lauren nunca havia parecido ser do tipo que cedia a gestos sentimentais e era desconcertante pensar que ele poderia não conhecê-la tão bem quanto acreditava.

Felizmente o garçom chegou com o primeiro prato, e enquanto eles comiam, Ramon mudava o rumo da conversa, saindo do controverso assim chamado aniversário deles rumo a uma discussão sobre as críticas diversas a respeito de uma nova peça que havia estreado no West Road.

A comida no restaurante Vine era sempre magnífica, mas mais tarde Lauren não conseguia se lembrar do que havia comido. Ela pediu um chá de camomila para finalizar a refeição e bebericou freneticamente para neutralizar o enjôo causado pelo aroma do café de Ramon. Normalmente ela amava café, mas na última semana só o cheiro dele era o suficiente para fazê-la correr para o banheiro. Enjôo matinal, que parecia atacar em qualquer parte do dia, era uma indicação física de que a gravidez dela era real e, caso fosse ser honesta, ela estava assustada e insegura em relação ao futuro. *Conte a Ramon sobre o bebê agora,* insistia o cérebro dela. Mas ela não conseguia se esquecer do tom áspero dele quando anunciara que não criava grandes expectativas em relação a aniversários, e assim as palavras *Estou grávida* permaneciam presas na garganta de Lauren.

A reação de Ramon ao presente inócuo havia sido ruim o suficiente. Ele a fizera se sentir como uma criminosa por querer celebrar o fato de o relacionamento deles ser especial para ela. Claramente não era especial para ele, ela pensou pesarosamente.

Durante o jantar ela deu um jeito de sorrir e conversar como se a descoberta humilhante de que o aniversário deles não significava nada para ele nunca tivesse acontecido. Ramon certamente parecia ter tirado aquilo da cabeça. Mas quando ele passou os braços em torno das costas dela no banco de trás da limusine e instruiu o chofer a levá-los ao apartamento dele com vista para o Hyde Park, a raiva lentamente substituiu a dor dentro dela. Se eles não possuíam um relacionamento que valia a pena celebrar, o que eles possuíam *de fato?* Ela se perguntou amargamente.

O motor do carro roncou rumo ao estacionamento subterrâneo sob o bloco do apartamento dele. Instantes depois, eles entravam no elevador e ele a tomava nos braços.

— A sós, finalmente — murmurou Ramon com uma voz satisfeita. O perfume de Lauren hipnotizava seus sentidos, e sua respiração acelerou quando ele tirou o grampo do coque dela e correu os dedos pelos abundantes cabelos loiros que caíam por sobre os ombros. *Dios,* ele estava ávido por ela. Ela aquecia o sangue dele. Com um murmúrio ele cobriu a boca de Lauren com a dele e provocou os lábios dela com a língua, fazendo com que se abrissem para ele invadi-la com sua umidade cálida.

O sentimento inquieto que o perseguira durante o jantar se foi assim que ele sentiu a resposta instantânea dela. Por alguns instantes ele havia se perguntado se iria dar um fim ao caso deles, e ficou surpreso devido à própria relutância em fazê-lo.

Mas uma vez que uma amante começava a mencionar aniversários, era hora de ela se tornar uma ex-amante, pois como você poderia comemorar o que era essencialmente um relacionamento de sexo casual? Ele havia pensado que Lauren entendia as regras e ficou aliviado porque agora parecia, afinal, que ela entendia. Ela não mais fez referências à quantidade de tempo no qual eles estavam juntos, e quando ele pressionou seu delicado corpo curvilíneo contra o dele as dúvidas foram levadas pela intensidade ensurdecedora do desejo dele.

Ele a guiou para fora do elevador, pela porta da frente de seu apartamento, sem desgrudar os quadris dela. As mãos dele retiraram o casaco dela com primor e deram uni jeito de abrir a frente do bustiê sexy enquanto ele a direcionava para o quarto.

Como poderia resistir a ele? Lauren pensou sem esperança, o corpo tremendo de expectativa.

Mas ela não era *dele.* O pensamento irrompeu na mente dela, e a boca tremeu sob a pressão exigente do beijo de Ramon. As pernas dela bateram aos pés da cama ao mesmo tempo que ele afrouxou o bustiê e os seios transbordaram nas mãos dele.

— Senti sua falta, *querida* — Ramon gemeu de forma rouca.

Mas em vez de essas palavras confortarem o orgulho ferido de Lauren, elas a fizeram endurecer e se afastar dele.

— Você sentiu saudades *de mim...* ou do sexo comigo? — perguntou ela de maneira trêmula, observando-o com os olhos acinzentados ponderados enquanto ele franzia a testa.

— Não faça joguinhos — disse ele impacientemente. — É a mesma coisa. É claro que senti falta de fazer sexo com você. Afinal, você *é* minha amante.

O rosto de Lauren ficou pálido, e ela poderia ter jurado que realmente ouviu o som de seu coração sendo dilacerado por facas afiadas enquanto suas esperanças patéticas viravam poeira.

— Eu não sou sua amante — disse ela rijamente, rangendo os dentes para evitar lamuriar feito uma criança perturbada, porque era assim que se sentia.

Ela se afastou de Ramon e uniu as laterais do bustiê, as mãos tremendo.

— Uma amante é uma mulher sustentada por alguém e você *não me* sustenta. Eu tenho meu próprio apartamento, meu trabalho e pago tudo sozinha.

— Você mora virtualmente no meu apartamento quando estou em Londres — lembrou a ela, sucintamente. Ele estava frustrado por Lauren estar perdendo tempo discu-

tindo quando tudo no que ele conseguia pensar era em investir sua ereção pulsante entre as coxas macias dela.

— Verdade. Mas mantenho a geladeira abastecida com suas comidas favoritas, incluindo caviar e champanhe, e levo seus ternos para a lavanderia. São apenas coisas pequenas, eu sei, mas eu tenho que equilibrar nossos custos de vida de maneira justa.

Aquele era o tipo de coisa que uma esposa fazia, não uma amante. E como eles estavam tendo aquela conversa, quando segundos atrás estavam na iminência de fazer amor?

Fazer sexo, ele se corrigiu.

A tensão vibrava entre eles e o rótulo desmoralizante de *amante* ressoava no cérebro de Lauren. Ela havia pensado que eles eram amantes que compartilhavam um relacionamento igualitário, mas claramente Ramon não enxergava desse modo. A voz dela soou rançosa quando ela se obrigou a falar:

— Eu... preciso saber aonde estamos indo — disse ela sem rodeios.

— Eu pensei que estivéssemos indo para a cama — falou Ramon de modo arrastado.

— Quero dizer para onde nosso relacionamento está indo — disse Lauren com decoro contido.

O estômago dela revirava de medo. Em circunstâncias normais, a expressão proibitiva de Ramon a teria alertado para não prosseguir com aquela conversa terrível, como se fosse colidir a toda velocidade contra uma parede de tijolos. Mas as circunstâncias não eram normais. Ela estava grávida do filho dele, embora ele não soubesse ainda, e o instinto de Lauren para fazer o melhor pelo seu bebê era mais importante do que seu orgulho.

— Diga-me honestamente: você visa nós dois tendo algum tipo de futuro juntos? — perguntou ela baixinho. — Ou eu sou apenas mais uma loira a compartilhar a cama com você temporariamente?

O silêncio dele confirmou o que o coração dela já sabia.

Os olhos de Ramon se estreitaram.

— Eu nunca fiz falsas promessas ou deixei você acreditar que queria mais do que um caso. Você nunca escondeu o fato de que sua carreira ocupa a maior parte da sua vida, e eu pensei que você estivesse contente com um relacionamento que não colocasse uma pressão de expectativas pouco realistas sobre nenhum de nós.

Ela nunca criara expectativas, Lauren pensou pesarosamente. Mas esperava que estivesse começando a significar algo para ele. Como *ela pôde ter sido tão boba?* Perguntou-se furiosamente. Fora cegada por seu amor a Ramon, e se enganara achando que o companheirismo que eles compartilhavam era uma prova de que ele se importava com ela. Agora ela sabia que ele sempre pensava nela como uma amante conveniente, que proporcionava sexo e uma conversa agradável quando necessário, mas que nunca fazia exigências.

Quanto à carreira dela... A mão dela se moveu instintivamente para a barriga. Ela havia trabalhado duro para se tornar advogada, e indubitavelmente o trabalho era importante. Mas em oito meses ela iria assumir o papel mais importante que uma mulher podia desempenhar, e parecia cada vez mais que iria criar o bebê sozinha.

Ela olhou para os traços perfeitamente esculpidos de Ramon e seu coração apertou.

— As coisas mudam — disse ela de forma rouca. — A vida não pode permanecer a mesma ou nós nos estagnaríamos. Como você *enxerga* seu futuro, Ramon? Quero dizer... — a voz dela tremeu levemente — ... você vai querer se casar um dia?

Esse não era o jeito que ele tinha visado passar a primeira noite em Londres, Ramon pensou furiosamente.

— A família Velaquez faz parte dos membros mais antigos da nobreza espanhola, sua linha de ancestrais pode ser traçada até o século XI — disse ele asperamente. —

Como único filho do duque de Velaquez, é meu dever me casar com uma noiva de outra família aristocrática espanhola e providenciar um herdeiro para continuar a linhagem dos Velaquez.

— Você é filho de um *duque!* — disse Lauren fracamente, chocada com a revelação. Ela havia pensado que a suprema autoconfiança que algumas vezes se revelava como arrogância era simplesmente da natureza dele. Mas ele era um membro titulado da nobreza espanhola, não era surpresa que houvesse um ar de realeza em torno dele.

— O título vai ser passado a mim quando meu pai falecer — disse Ramon sucintamente, sentindo uma pontada de dor quando pensou no prognóstico do pai. O duque sempre fora um pai austero, mais propriamente reservado, e a infância de Ramon tinha sido dominada por regras e formalidade sufocante, porém tristemente ausente de demonstrações de afeto. Ele sempre respeitara o pai, mas só agora percebia que também o amava, e era por esta razão, mais do que qualquer outra, que ele tinha a intenção de um dia cumprir seu dever e se casar com uma mulher adequada para desempenhar o papel de duquesa.

Ele deu um longo suspiro. Talvez, se fosse paciente, pudesse salvar a noite. Agora que havia explicado sua situação para Lauren ele não conseguia ver motivo para o caso deles não continuar. O dever o chamava, porém, desconsiderando a doença do pai, ele não tinha pressa em sacrificar sua liberdade e escolher uma noiva.

— Qual é o objetivo de se preocupar com o futuro quando o presente é tão agradável? — murmurou ele, aproximando-se dela e erguendo a mão para tirar o cabelo de seu rosto.

Ela se encolheu para longe instantaneamente, e ele enrijeceu o maxilar.

— Deixe-me entender isto. Você tem a intenção de se casar, não necessariamente por amor, você vai escolher uma noiva que seja apropriadamente vinda de origem nobre, a fim de ter um filho, e presumidamente vai ter de ser um menino, que vai carregar o nome da sua família — falou ela devagar.

Ramon contraiu os lábios diante da insistência em continuar com a conversa quando ele havia deixado claro que queria esquecê-la.

— Conforme expliquei, é meu dever assegurar a continuação da linhagem dos Velaquez — disse ele resumidamente. — Quando meu pai morrer, vou retornar à Espanha para viver na casa histórica da família, o Castillo dei Toro, e é importante que eu tenha um filho, que um dia vá tomar meu lugar.

— Você mora em um castelo! — *Talvez tudo fosse parte de um terrível pesadelo,* Lauren pensou desesperadamente, e logo ela iria acordar e descobrir que Ramon *não* havia se transformado em um estranho indiferente que habitava o mundo ilustre da nobreza espanhola ao qual uma advogada inglesa comum nunca poderia pertencer.

Dever era uma palavra tão fria, ela pensou com um arrepio. Ramon não soava como se planejasse ter um filho porque queria ser pai, mas porque era necessário produzir um herdeiro. Mas será que ele quereria o bebê que ela estava carregando? Será que ele exigiria que ela se casasse com ele, assim aquela criança meio-inglesa seria sua herdeira legal? Ou, e isto parecia mais provável, ele ofereceria dinheiro a ela? Talvez comprar alguma propriedade para ela e o bebê morarem e cumprir o dever de visitar seu filho ilegítimo ocasionalmente, mantendo sua liberdade para se casar com uma mulher adequada para ser sua *duquesa* e que poderia dar a ele um filho com sangue nobre espanhol correndo nas veias? Um instinto maternal primitivo de proteger o filho atingiu Lauren. Ela encarou Ramon e o viu como realmente era: um homem de negócios bilionário e rude. Ela se deu conta de que nunca o conhecera de fato. Ele agira como o amante charmoso, mas nunca permitira a ela enxergar o homem de verdade, o filho de um *duque* cujo lar era um castelo. E naquele instante ela decidiu que o bebê deveria ser um segredo. Ramon precisava de um herdeiro para perpetuar o nome dos Velaquez, mas o bebê dela merecia um pai que o amasse incondicionalmente. Seria melhor para seu

filho não ter um pai do que ter um que não o amava, e que talvez fosse fazê-lo se sentir inadequado ou indigno do nome dos Velaquez.

Como nunca havia sido o mais paciente dos homens, Ramon de repente ficou farto de ser interrogado por Lauren.

— Há algum objetivo nessa conversa? — ele quis saber de maneira explosiva.

Ela hesitou, certa de que o tranco doloroso em seu coração não poderia ser bom para o bebê.

— Acho que há — disse ela sombriamente. — Senti que era hora de estabelecer que tipo de relacionamento nós temos, e está claro que vemos as coisas de forma muito diferente. Eu *não* sou sua amante — insistiu ela furiosamente, então ele ergueu as sobrancelhas de maneira sarcástica.

Os olhos dele decaíram deliberadamente sobre o sexy bustiê de seda que mal cobria os seios dela.

— No entanto, como uma boa amante, você se vestiu para me agradar — falou ele de modo pachorrento, os lábios dando um sorriso rijo quando ela corou e juntou as rendas freneticamente. — Uma amante é tudo que você poderá ser para mim, *querida.* — Ele não conseguia fingir que havia outras possibilidades.

A falta de consideração dilacerou o coração de Lauren, mas ela se recusava a chorar em frente a ele. As lágrimas poderiam vir depois, quando estivesse sozinha, o que provavelmente aconteceria durante muito tempo, pensou ela de maneira sombria.

— Neste caso, eu gostaria de ir para casa — sussurrou ela. — E... e não vou voltar.

Ramon foi tomado pela incredulidade, porém sua descrença no fato de Lauren parecer estar dispensando-o rapidamente se transformou em ultraje. Embora ele tivesse terminado mais casos do que fazia questão de se lembrar, nenhuma mulher nunca rompera com *ele* antes.

— *Dios!* O que você espera de mim? — ele quis saber furiosamente.—Você preferiria que eu fizesse falsas promessas que não posso manter? — Ele não queria perdê-la, mas certamente não iria suplicar para ela mudar de idéia. Não era como se ele precisasse dela. Havia muito mais loiras atraentes querendo compartilhar a cama com ele.

—- Se você realmente quer ir embora, então vou providenciar para que meu motorista a leve para casa — informou ele em um tom gélido. — Mas uma vez que você passar por aquela porta nosso acordo estará acabado, e eu não vou aceitar você de volta.

Lauren ficou entorpecida diante das palavras quando se deu conta de que realmente era o fim.

— Eu só quero ir embora — disse ela de forma rouca. E enrijeceu quando ele pegou seu queixo e a forçou a encarar seu olhar furioso. A tensão pulsava entre eles. Por um instante ela pensou que ele iria beijá-la, e se desesperou diante do fato de que precisaria ter forças para resistir a ele, mas então ele xingou barbaramente e a afastou.

— Vá, então — disse ele de forma selvagem. E sem dar mais uma palavra, ela desapareceu.

CAPÍTULO UM

Dezoito meses depois, Lauren corria pelo escritório do enorme prédio da empresa de advocacia onde trabalhava, e deu um gemido silencioso quando viu a hora. A pancada dos saltos finos no piso ladrilhado parou de forma abrupta quando Guy Hadlow parou em frente a ela.

— O velho está perguntando por você desde as nove horas desta manhã. Ele quer te ver no escritório dele assim que você chegar. — Guy deu um sorriso malicioso. — Você está quarenta e cinco minutos atrasada. Esticou o tempo na cama? Parece que você teve uma noite pesada.

— Não que meu atraso seja da sua conta, mas está nevando nos subúrbios do norte de Londres e meu trem foi cancelado — disse Lauren a ele sucintamente.

Como ela, Guy era um advogado na Plessy, Gambrill & Hess trabalhando no Departamento de Propriedades Comerciais. Filho único de um banqueiro rico, ele estava acostumado a ter o que queria. A recusa educada, porém consistente de Lauren em sair com ele revelara um lado desagradável de sua natureza. E o fato de agora estarem em competição pela mesma promoção havia exacerbado a hostilidade entre eles.

Quanto a ela esticar o tempo na cama! Isso seria uma bênção, pensou ela pesarosamente. Outro dente estava despontando em Mateo, seu filho de 10 meses, e Lauren não conseguia se lembrar da última vez que tivera uma noite inteira de sono. Matty havia acordado às cinco horas naquela manhã, e depois que ela lhe deu sua mamadeira matinal e trocou sua fralda, tomou um banho, se vestiu, encheu a máquina de lavar roupas e esvaziou a máquina de lavar louças antes de agasalhá-lo no macacão e colocá-lo no carro.

As estradas cheias de neve faziam o tráfego rastejar, o trajeto usual de dez minutos para a creche havia levado o dobro, e quando ela finalmente chegou lá, não teve tempo de fazer nada além de confiar Mateo aos braços de um dos membros da equipe antes de partir às pressas rumo à estação de trem. Os sons dos soluços repletos de lamento dele a assombraram durante sua jornada ao trabalho e ela não estava no clima para lidar com as brincadeiras sarcásticas de Guy.

— Você sabe por que o Sr. Gambrill quer me ver? Guy deu de ombros.

— Sou apenas o mensageiro. Mas é uma pena que você tenha escolhido esta manhã para se atrasar. Isso não vai ajudar nas suas chances de promoção.

— Eu não *escolhi* me atrasar — rebateu Lauren, sentindo o estômago revirar. Alistair Gambrill chefiava o Departamento de Propriedades Comerciais na PGH, era um sócio mais velho que se irritava com os estúpidos e que defendia a pontualidade de modo pedante. Mas se ele havia pedido para vê-la às nove horas, não poderia ter sabido àquela hora que ela estava atrasada, então era improvável que quisesse discutir seus horários, concluiu Lauren.

Com as sobrancelhas contraídas, enquanto debatia silenciosamente o motivo da convocação, ela jogava o casaco e a bolsa sobre a mesa e se apressava pelo corredor em direção à sala do chefe. A assistente pessoal dele estava falando ao telefone e, enquanto esperava, ela fazia uma leve análise de sua aparência no espelho detrás da mesa da secretária.

As olheiras escuras sob os olhos dela, que não puderam ser completamente escondidas com base, *eram* uma indicação das noites em claro regulares.

As alegrias de ser mãe solteira, ela pensou severamente. No entanto, se lhe fosse dada a escolha, ela não mudaria as coisas. O filho havia sido inesperado e não planejado, mas ela o amava com uma intensidade feroz que estava além de qualquer coisa que jamais experimentara.

A assistente pessoal desligou o telefone e deu um breve sorriso para Lauren.

— Entre. O Sr. Gambrill está esperando por você.

Será que houve uma pequena ênfase na palavra *esperando?* Assim que abriu a porta, Lauren fez uma checagem mental frenética nas suas atribuições recém-

completadas, assim como nas transações de propriedades comerciais correntes nas quais ela estava trabalhando. Será que ela cometera um erro do qual não se dera conta? Será que um cliente reclamara de seu trabalho? A aquisição de um novo bloco de escritórios para um conhecido banco da cidade estava levando mais tempo do que o esperado depois que surgiram problemas nas cláusulas do arrendamento.

— Ah, Lauren.

Para surpresa dela, Alistair Gambrill soava satisfeito por vê-la, em vez de incomodado por seu atraso. Mas ela mal o escutou. Assim que entrou no escritório, os olhos dela se fixaram no segundo homem na sala, que ficou de pé e a submeteu a um escrutínio arrogante que fez o sangue dela esfriar.

— Lauren, eu gostaria que você conhecesse nosso novo cliente, Ramon Velaquez. Ramon, apresento uma das melhores advogadas de propriedades comerciais da PGH, Lauren Maitland.

Uma das melhores advogadas da empresa! Aquilo era novidade para ela, pensou Lauren vagamente. Mas Alistair estava sorrindo como se ela fosse sua sobrinha favorita. Ele estava claramente muito interessado em impressionar Ramon, e ela sentia sua impaciência enquanto ele esperava que ela se pronunciasse.

De algum modo, ela se obrigou a falar:

— Sr. Velaquez.

— Ramon, por favor. Vamos dispensar a formalidade.

Matty tinha os olhos do pai, pensou ela fracamente.

Ela nunca mais esperava vê-lo de novo, mas agora, inacreditavelmente, ele estava ali no escritório de Alistair Gambrill e Lauren estava dominada pelas emoções conflitantes que se debatiam dentro dela.

— Prazer em conhecê-la, Lauren. — Apenas Ramon conseguia fazer o nome dela soar tão sensual, o sotaque perceptível se prolongando sobre as vogais como a carícia de um amante, fazendo os pelinhos nos braços dela se arrepiarem.

Por que ele estava ali? Perguntou-se ela de forma apavorada, a tensão dando nós no estômago. Será que ele poderia ter descoberto a existência de Mateo? Ela olhou para Alistair desesperadamente. Todos na PGH sabiam que ela tinha um filho. Será que o chefe dela revelara o segredo involuntariamente, explicando para Ramon que o atraso dela nesta manhã havia sido em função de contratempos com o filho?

Ela lutava contra a ânsia louca de se virar e escapar do olhar especulativo de Ramon. Alistair o havia apresentado como um novo cliente, ela se lembrou. Ele *não podia* estar ali por causa de Matty. Mas ele sabia o nome da empresa para a qual ela se transferira pouco antes de eles romperem, e tinha certeza de que a presença dele na PGH não era mera coincidência. Ramon nunca fazia algo sem planejar.

Que tipo de jogo ele estava fazendo? Perguntou-se. Mas era mais fácil seguir com aquilo em frente a Alistair do que revelar uma história que estava verdadeiramente no passado. O orgulho e o profissionalismo eram as únicas armas dela contra o charme mortal de Ramon, e ela recorreu a ambos, se forçando a dar um sorriso educado enquanto se aprumava para dizer o nome dele:

— Ramon.

Ela havia lido no jornal a respeito da morte do pai dele um ano atrás. Ramon agora era diretor-executivo da Velaquez Conglomerates, que incluía dentre suas sociedades profissionais a vinícola Velaquez, um banco e uma cadeia de hotéis cinco estrelas ao redor do mundo. Ele também já devia ter assumido o título de duque de Velaquez, imaginou ela. Mas então os pensamentos dela dispersaram quando a mão dele agarrou a dela, os dedos fortes e bronzeados contrastando completamente com a pele mais pálida de Lauren, e o contato pele com pele enviou uma corrente elétrica através do braço dela e um arrepio pela espinha.

A paixão que eles compartilharam tinha sido enlouquecedora, a melhor que ele

conhecera. Embora ele tivesse se recusado a admitir a intensidade de sua necessidade pela presença dela durante o caso deles. Os últimos 18 meses haviam passado rapidamente: a doença e morte subseqüente do pai dele foram seguidas por um período de luto, enquanto ao mesmo tempo ele tomava seu lugar no comando da companhia, se empenhando em agradar acionistas e tentando confortar a mãe e as irmãs. Houve pouco tempo para introspecção, embora as lembranças de Lauren, a suavidade sedosa dos cabelos dela, o corpo esbelto e teso, e os gritos delicados que ela soltava quando ele fazia amor com ela tivessem continuado a invadir a mente dele.

Agora ele estava de volta a Londres para inspecionar um projeto profissional, mas também era uma oportunidade ideal para descobrir se sua atração sexual duradoura por sua ex-amante era real ou uma lembrança que ele deveria ter tirado da mente há meses.

— Por favor, sente-se, Ramon. Eu sei que você tem uma agenda apertada, e temos muitas coisas para discutir. — A voz de Alistair Gambrill cortou o silêncio doloroso, embora o homem parecesse não perceber a tensão na sala.

Lauren tentou libertar a mão do aperto de Ramon, mas ele a deteve por mais alguns segundos, os olhos se estreitando sobre o rosto corado dela antes de ele finalmente a soltar.

Há dezoito meses ele tinha ficado furioso quando ela fugira dele, e prometera tirá-la da cabeça. Mas ele havia sido incapaz de esquecê-la. Ainda havia negócios inacabados entre eles. A chama de emoção nos olhos dela quando adentrara o escritório de Alistair Gambrill e o leve tremor na mão dela quando tocou a mão dele eram a evidência de que ela não estava imune a ele do jeito que seu sorriso frio tentava fazê-lo crer.

As pernas de Lauren ficaram trêmulas quando o choque da aparição inesperada de Ramon a penetrou, e ela afundou fracamente na poltrona ao lado dele. Lauren não fazia idéia do porquê de Alistair a haver convocado para encontrar este novo cliente, mas enquanto estava tentando adivinhar o motivo, o advogado sênior pigarreava.

— Eu analisei sua remessa, Ramon, e tudo parece muito honesto. Pelo que compreendo, a Velaquez Conglomerates está procurando adquirir uma quantidade de propriedades comerciais adequadas em Londres com a intenção de requerer alvarás para administrar estes estabelecimentos como bares especializados em vinhos.

Ramon assentiu:

— Correto. Eu gostaria de abrir dois, talvez três bares aqui na capital. Eu já tenho uma pequena lista de propriedades em potencial sugeridas por agentes imobiliários, e o que desejo é um advogado de propriedades comerciais para trabalhar exclusivamente neste projeto e que tenha experiência adicional em leis de planejamento e desenvolvimento.

Ele virou a cabeça e olhou diretamente para Lauren, o sorriso predatório fazendo-a se lembrar de um lobo perseguindo a presa.

— Colocando de forma simples, eu preciso de *você,* Lauren. Eu entendo que você se especializou particularmente neste assunto, e acredito que você seja a pessoa mais adequada para me aconselhar sobre quaisquer problemas em potencial com as propriedades nas quais estou interessado.

Ela ficou boquiaberta, a mente vacilante de pavor quando se deu conta de que ele parecia estar sugerindo que desejava que ela trabalhasse para ele.

— Há muitos outros advogados de propriedades na PGH que são mais qualificados e experientes do que eu e que, tenho certeza, iriam atender melhor aos seus re-requerimentos — gaguejou ela rapidamente, olhando de forma frenética para Alistair, buscando confirmação. Os olhos de Ramon se estreitaram sobre o rosto enrubescido dela.

— Eu li os relatórios com suas atribuições recentes e estou impressionado com seu trabalho — disse ele friamente. — Também vi em seu currículo que você estudou espanhol e que fala fluentemente, o que seria útil — acrescentou ele, o brilho nos olhos

de Ramon dizendo que sabia muito bem, antes mesmo de ler o currículo, que ela conseguia falar o idioma dele.

Ele se voltou para Alistair Gambrill antes que ela pudesse fazer um comentário.

— Eu entendo que a PGH promove um serviço que cederia Lauren, à Velaquez Conglomerates para oferecer conselhos legais personalizados até o projeto estar finalizado?

Alistair assentiu de forma entusiasmada.

— Isto certamente é possível. A cessão de profissionais oferecida pela nossa empresa é completamente única e possibilita que empresas como a sua tenham acesso a advogados especializados sem a necessidade de contratar o próprio advogado em tempo integral.

— Então na verdade Lauren estaria trabalhando diretamente para a Velaquez Conglomerates até o projeto estar finalizado? — questionou Ramon. — Posso considerar que você ficaria satisfeita com isso, Lauren?

A apreensão revirou o estômago dela. *Não,* certamente *não* iria ficar satisfeita, queria gritar. Como poderia trabalhar para ele, passar horas todos os dias com ele e conseguir manter a existência de Matty em segredo? Mais uma vez ela sentiu uma urgência desesperada de fugir, correr para fora do escritório e continuar correndo. Mas se o fizesse, seria altamente provável que perdesse o emprego, seu único meio de sustentar o filho, e então ela permaneceu na poltrona e entrelaçou os dedos trêmulos enquanto Alistair falava:

— Não tenho dúvidas de que você vai considerar Lauren uma funcionária dedicada e esforçada que fará o máximo para lhe agradar.

— É bom saber disso. — O sorriso faminto se expandiu e, apesar da tensão, o brilho malicioso nos olhos de Ramon enviou ondas de calor pelas veias de Lauren.

Totalmente aterrorizada pela própria reação a ele, ela não confiava em si para falar alguma coisa. Mas por dentro estava enjoada de pânico. Teria de conversar com Alistair em particular mais tarde, concluiu Lauren furiosamente. Mas que pretexto ela poderia dar por não querer trabalhar com um novo cliente influente? Por enquanto, pelo menos, ela teria de concordar com aquilo.

— Certamente vou fazer meu melhor para assegurar que todas as transações sejam finalizadas tão tranqüila e rapidamente quanto possível — falou ela friamente.

— Ótimo. — Ramon sorriu, exibindo os dentes brancos, e Lauren sentiu uma dor aguda, como se tivesse sido chutada nas costelas.

— Espero abrir pelo menos um dos bares neste verão — continuou ele, os olhos intensamente fixados nela —, é por isso que quero que você dê atenção exclusiva para este projeto. Vamos precisar fazer contato diariamente e será providenciado um escritório para você em meu centro de operações em Londres.

— Ah, mas... — Desta vez ela se recusava a ficar em silêncio, apesar de Alistair ter franzido a testa intensamente. — Acho que seria melhor se eu permanecesse aqui na PGH. Sou responsável por diversas outras contas...

— Vou alocar pessoalmente outros membros da equipe para cuidar destas contas — interrompeu Alistair delicadamente.

Lauren supôs que ele estivesse muito ávido para que ela trabalhasse diretamente para Ramon. A consultoria personalizada poderia fazer com que clientes economizassem na contratação de seu próprio advogado em tempo integral, mas a PGH cobrava altas taxas pelo serviço.

— Vou providenciar um contrato imediatamente, e Lauren está à sua disposição a partir de agora.

— Excelente.

A satisfação na voz de Ramon acendeu a fúria de Lauren. Ela não queria trabalhar para a Velaquez Conglomerates, e certamente não queria trabalhar para Ramon. Mas

contestar seria o equivalente a cometer suicídio profissional. Esta era uma oportunidade fantástica de provar a conformidade dela para a promoção por vir na PGH e uma posição mais alta significaria um aumento no salário, o que ajudaria nas taxas exorbitantes na creche de Matty. Mas ela não conseguia afastar a idéia de que Ramon havia arquitetado a situação deliberadamente. A pergunta chave era *por quê?* O que ele queria dela?

— Eis os detalhes das propriedades nas quais estou interessado. Talvez você pudesse passar algum tempo analisando-as esta manhã e possamos discutir durante o almoço sua opinião sobre elas?

Ele estava querendo demais!

— Que tal eu ler as anotações e te enviar um e-mail com o resumo das minhas idéias iniciais? — ela deu o contragolpe, tão educada. — Eu não quero interromper sua agenda.

Os olhos castanhos reluziram divertidos, mas a nuança súbita no tom de voz dele não tolerava argumentações.

— Uma hora da tarde, no restaurante Vine, em Covent Garden. Espero você lá, Lauren. — Ele ficou de pé e estendeu a mão em direção a Alistair Gambrill. — Obrigado por seu tempo, Alistair.

— É um prazer fazer negócios com você, Ramon.

— O prazer é todo meu, asseguro a você. — Havia pura malícia no sorrido de Ramon quando ele pausou à porta e olhou para trás, para Lauren, satisfeito por ver que ela parecia perturbada e enrubescida, e infinitamente adorável. Mas a expressão nos olhos dela o fez franzir a testa. O que ele havia feito para fazê-la olhar para ele como se o temesse?

Não foram apenas os negócios que o trouxeram de volta à Inglaterra, admitiu Ramon para si. Ele voltara porque esperava persuadir Lauren a retomar o caso deles. Era uma profissional totalmente independente e havia informado a ele que não queria ser sua amante, mas ele estava confiante de que seria capaz de convencê-la que deveriam ser amantes e aproveitar um caso pelo tempo que desejassem que durasse.

Ele era o duque de Velaquez e tinha um deve de escolher uma noiva da categoria da nobreza espanhola. Mas ele não tinha pressa de se casar, certamente não até tirar Lauren da cabeça, reconheceu ele, ironizando-se. Mas primeiro ele precisava descobrir por que ela parecia tão alerta diante dele.

CAPÍTULO DOIS

Lauren chegou ao restaurante faltando dois minutos para uma hora. Do ponto vantajoso onde estava sentado no bar, Ramon a observava tirar o casaco e entregá-lo ao garçom, que havia corrido para atendê-la no momento em que ela adentrou pela porta.

Enquanto ela andava em direção a ele, Ramon lutava contra a ânsia furiosa de remover os grampos dos cabelos dela, enterrar os dedos nos cabelos sedosos e prendê-la para tomar sua boca até ela derreter de encontro a ele.

— Ramon.

Ramon ficou de pé quando ela chegou ao lado dele, levemente irritado, pois enquanto o garçom havia ganho um sorriso dela, ele não.

— Pontual como sempre — murmurou ele.

— Seria extremamente não profissional chegar atrasada a uma reunião com um

cliente — respondeu ela asperamente.

Um lembrete súbito de que *negócios* era o único motivo pelo qual ela havia concordado em almoçar com ele? Ramon sentiu um jato de diversão na determinação de Lauren para colocá-lo em seu devido lugar, mas ele também reconhecia um desejo forte de desestabilizá-la.

— Nossa mesa está pronta. — Ele pausou, então acrescentou delicadamente: — É uma pena que não estejamos no verão; poderíamos ter almoçado lá fora como costumávamos fazer, lembra-se, Lauren?

Ela o encarou. É claro que se lembrava, pensou Lauren de forma trêmula. As lembranças dos bons tempos que eles haviam compartilhado durante o caso que tiveram estavam enraizadas na mente dela para sempre. O restaurante Vine havia sido um dos lugares favoritos deles, e eles haviam jantado freqüentemente ali antes de retornar a cobertura de Ramon para saciar outro tipo de fome.

Um garçom os guiou até a mesa.

— O que gostaria de beber? — perguntou Ramon quando eles já estavam sentados.

— Água com gelo, por favor. E eu gostaria de comer o filé de linguado grelhado com batatas. — Rejeitar a entrada e a sobremesa significava que, com sorte, o almoço duraria não mais do que trinta minutos.

O garçom saiu com o pedido deles, e ela olhou para o outro lado da mesa.

— O que está planejando, Ramon? Por que me trouxe aqui? — ela quis saber.

— Você sabe o motivo. Eu gostaria de discutir um empreendimento profissional com minha nova advogada. — Ele pausou, e então acrescentou laconicamente: — Admito que escolhi o Vine por motivos puramente nostálgicos. Compartilhamos alguns bons momentos aqui.

— Não tenho desejo algum de me enveredar pelas lembranças — disse ela brevemente. — Ambos seguimos em frente.

Ramon encarou Lauren de forma especulativa, ciente dos olhares clandestinos que ela estava lançando para ele. A química ainda estava ali, fervendo sob a superfície da expressão fria dela, mas o leve tremor nos lábios dela avisavam de sua determinação para lutar contra a ciência da presença dele. Por enquanto era suficiente saber que ele a incomodava. Ramon controlava a ânsia de dar a volta na mesa e beijá-la até a submissão, e em vez disso a atenção dele se voltava para o garçom que se aproximava.

Lauren deu um suspiro de alívio quando as refeições foram servidas. O peixe estava delicioso, mas ela estava tão agudamente ciente da presença de Ramon que seu apetite se foi após algumas garfadas.

— Fiz algumas checagens preliminares nas propriedades nas quais você está interessado e consigo ver possíveis problemas em duas delas — explicou ela, tirando o bloco de anotações da maleta. — A propriedade em Chancery Lane faz parte dos prédios de interesse histórico e você precisaria de um alvará especial para fazer qualquer tipo de reforma. A propriedade na Jermyn Street está sob contrato recente. Conversei com a empresa que detém a propriedade livre e soube que eles considerariam estender o contrato. Mas obviamente isso teria de ser negociado.

Ramon espetou seu último pedaço de filé e o saboreou antes de responder:

— Sua eficiência é louvável.

— Este, presumidamente, é o motivo pelo qual você me contratou.

— Um dos motivos. — Ele a encarou com um sorriso meigo. Ele havia se esquecido do quanto gostava dos embates verbais deles e das conversas sobre tudo, de artes a notícias do momento.

— Alistair Gambrill tem um conceito alto sobre você — comentou ele. — Há 18 meses eu me lembro de que você havia se mudado recentemente de outra empresa para a PGH, e agora vejo que você está sendo considerada para uma promoção. Você deve

ter trabalhado duro para criar essa impressão tão positiva nos sócios.

Lauren lhe deu um olhar contundente, se perguntando se ele estava sendo sarcástico. A dedicação dela ao emprego e sua recusa em reduzir as longas horas de trabalho haviam sido a única fonte de atrito entre eles durante o caso que tiveram. Ramon havia deixado claro que esperava que ela estivesse à disposição dele, enquanto ela ficara enfurecida com a atitude chauvinista e não se contivera em dizer isto a ele.

Ele nunca entendeu que o foco na carreira, vinha de uma necessidade quase obsessiva de independência financeira e de uma determinação de nunca ser dependente de ninguém, do jeito que a mãe dela fora do pai. Mas como ele poderia compreender, quando ela nunca contara a ele sobre o divórcio amargo de seus pais ou sobre o fato de o pai dela ter abandonado a família para ficar com a amante e ter deixando a esposa e a filha virtualmente sem dinheiro algum?

— A mudança para a PGH certamente me deu uma oportunidade de evoluir na minha carreira — concordou ela. — E eu trabalho duro no meu emprego.

Ela deu um gole na água, remexendo nervosamente no guardanapo, e então disse abruptamente:

— Sinto muito sobre seu pai. — Ramon sempre havia sido relutante em discutir sua vida pessoal, e ela sabia pouco a respeito da família dele, no entanto Esteban Velaquez havia sido um político notório no governo espanhol e sua morte tinha sido divulgada no mundo todo.

Ela não esperava que ele fizesse comentários e ficou surpresa quando, após uma longa pausa, ele admitiu:

— Foi um choque. O câncer foi diagnosticado seis meses antes, mas depois da cirurgia o prognóstico dele foi bom. Infelizmente a doença retornou de um jeito mais agressivo e não havia nada mais que os médicos pudessem fazer. Minha mãe encarou mal a morte dele — continuou, severamente. — Meus pais foram casados por mais de quarenta anos, e ela está de coração partido.

Lauren encarou o belo rosto de Ramon e sentiu o estômago revirar. Ele estava impossivelmente lindo, mas ela não era a primeira mulher a ser arrebatada pelo visual sexy e certamente não seria a última. Desde a morte de Esteban Velaquez, a imprensa noticiava freqüentemente o estilo de vida de seu único filho e herdeiro. Ramon havia sido fotografado com uma quantidade de mulheres, em particular uma conhecida modelo de passarela, Pilar Fernandez, que era filha de um aristocrata espanhol e cuja linhagem impecável estava refletido em seus belos traços. As fotos de Ramon e da bela Pilar reforçaram a crença de Lauren de que ele não estaria interessado em seu filho bastardo.

— Sinto muito sobre sua mãe — murmurou ela. — Talvez a perspectiva de seu casamento em breve ajude a aliviar um pouco a dor dela? Há especulações na imprensa de que você está prestes a anunciar seu noivado com Pilar Fernandez — completou quando ele ergueu as sobrancelhas num questionamento silencioso.

— Não tenho dúvidas de que minha mãe ficaria satisfeita diante da notícia das minhas núpcias iminentes disse ele de forma arrastada. — Desde a morte do meu pai ela parece ter transformado a tarefa de encontrar uma noiva para mim em uma missão de vida. Mas a especulação é infundada. Certos indivíduos da imprensa espanhola são fascinados pela minha vida particular, mas Pilar é simplesmente uma amiga. Nossas famílias se conhecem há anos. Temo que, mesmo que seja por amor à minha *madre,* não tenho pressa de encontrar uma *duquesa.*

Os olhos dele pousaram deliberadamente sobre os lábios de Lauren, e o brilho sensual nos lábios dele enviou um tremor pela espinha dela. A mensagem dele era alta e clara. Em algum momento no futuro ele iria escolher um membro da aristocracia espanhola para ser sua esposa e providenciar a ele um herdeiro de sangue azul para manter o nome dos Velaquez, mas até lá ele iria aproveitar sua liberdade e satisfazer sua libido com inúmeras amantes.

Mas ela já conhecia essa história, pensou Lauren.

A chegada do garçom trouxe a mente dela de volta à realidade.

— Gostaria de uma sobremesa? — perguntou Ramon.

— Não, obrigada. — As mãos dela estavam tremendo enquanto ela enfiava as anotações sobre as propriedades de volta à maleta. — Eu tenho que ir. Preciso voltar ao escritório para repassar as contas no meu arquivo para outros advogados no departamento.

— Tenho certeza de que eles podem esperar mais cinco minutos — disse ele secamente antes de se voltar para o garçom: — Um café, por favor, e um chá de jasmim.

Será que isso significava que ele se lembrava de que ela sempre gostava de finalizar uma refeição com uma xícara de chá de ervas? Isso só provava era que ele tinha uma boa memória, Lauren disse a si com firmeza.

O garçom retornou com as bebidas, e ela bebericou o chá perfumado.

— Então, o que tem acontecido na sua vida desde que rompemos? — perguntou Ramon em tom casual, a expressão real em seus olhos ocultada pelos cílios espessos. — Tem alguém especial na sua vida, Lauren?

Só seu filho, que preenchia a vida dela tão completamente que não havia espaço para ninguém mais, mas ela não podia contar a Ramon, que deu de ombros de maneira descompromissada.

— Não acho que seja da sua conta.

Ele se reclinou na cadeira e a analisou meditativamente.

— Sinto muito por este cara, quem quer que seja.

— O quê? — Foi preciso alguns segundos para entender que Ramon acreditava que ela estava namorando alguém. Lauren franziu a testa. — Por quê?

— Porque ele não te satisfaz.

— Ah? Você sabe disso, não sabe? — Ela havia se esquecido do quão irritantemente arrogante ele podia ser.

— Eu posso dizer. — Ramon se mexeu tão repentinamente que ela não teve tempo de reagir quando ele se inclinou na mesa e pegou o queixo dela. — Se o namoradinho deixasse você satisfeita, seus olhos não iriam escurecer quando você olha para mim. — Ele passou o polegar no lábio inferior dela e sentiu o tremor traiçoeiro. — E sua boca não iria relaxar em prontidão a um beijo meu.

— Ele não... Eu não... — Tremendo de raiva, mais outra emoção que ela se recusava a definir, Lauren ficou de pé tão abruptamente que a cadeira caiu e bateu no chão com um ruído que atraiu olhares curiosos de todo o restaurante.

O barulho a fez recobrar os sentidos e ela deu um suspiro, desejando agir com uma dignidade tranqüila, mesmo com o coração pulsando.

— Eu não sei que jogo você está fazendo — disse ela friamente —, mas talvez eu devesse te lembrar de que você terminou nosso caso há um ano e meio. Você pode ter me contratado para trabalhar para você, mas espero que nossa relação seja conduzida em um nível puramente profissional, sem referências à minha vida particular e sem...

— Beijos? — Ramon sugeriu suavemente.

O olhar provocante dele fazia o coração dela dar arrancos. Ela havia se esquecido do senso de humor pernicioso dele e da freqüência com que ele a fazia rir, e, por alguma razão inexplicável, lágrimas fizeram arder os olhos dela.

— Você é insuportável — ela sibilou, ciente de repente da presença do garçom, que havia se apressado para pegar a cadeira e que estava claramente intrigado com a conversa entre eles. — Vou voltar ao trabalho.

— Eu te levo. — Ramon entregou o cartão de crédito ao garçom para fechar a conta. — Depois que eu tiver mostrado onde você vai ficar enquanto estiver trabalhando para mim.

Lauren sabia o suficiente sobre carros para reconhecer que o Porsche prateado

lustroso de Ramon era um modelo topo de linha. Enquanto ela se acomodava no banco, sentia uma pequena pontada de arrependimento pelo seu amado carro vermelho esportivo, que ela havia trocado por um carro familiar grande o suficiente para acomodar a cadeirinha de Mateo e a montanha de parafernálias que uma criança pequena requeria.

Perdida nos pensamentos, ela não prestou atenção à rota que Ramon estava tomando através do tráfego congestionado das ruas de Londres até eles se aproximarem do Marble Arch e entrarem na Park Lane.

— Por que estamos aqui? — perguntou ela a ele, franzindo a testa quando ele passou por um portão e desceu uma rampa que levava a um estacionamento subterrâneo. Ela reconheceu o lugar instantaneamente. Dezoito meses atrás Lauren havia ficado freqüentemente na cobertura luxuosa de Ramon, mas não conseguia entender por que ele a estava levando ali agora.

— Tenho meus escritórios aqui. — Ele estacionou, saiu do carro e deu a volta para abrir a porta dela.

Lauren o seguiu até o elevador, o coração batendo dolorosamente rápido de repente enquanto ela se lembrava de todas as ocasiões quando Ramon a havia tomado nos braços e a beijado até eles chegarem ao último andar, tirando as roupas dela, dele, o momento em que chegavam ao apartamento, algumas vezes fazendo no quarto, outras conseguindo alcançar apenas o sofá antes de a ânsia de um pelo outro dominá-los.

Ela podia sentir o exame minucioso dele, mas se recusava a encará-lo, e mordeu o lábio inferior quando ele ficou ao lado dela para deixá-la sair do elevador primeiro.

— Seus escritórios são aqui em cima? — Ela deu uma olhava pelo corredor, franzindo a testa enquanto procurava por outra porta além daquela que ela sabia levar para a cobertura.

— A - hã. — Ramon passou um cartão magnético no sistema de segurança da porta e a incitou a entrar. O apartamento era dolorosamente familiar. Através de uma porta entreaberta Lauren podia ver o quarto principal. Lembranças se amontoavam dentro dela.e ela hesitou subitamente, tomada por um pânico repentino.

— Este é mais um de seus joguinhos? — ela quis saber categoricamente. — Você disse que ia mostrar meu escritório.

Ramon lhe deu um olhar reflexivo, analisando o rosto rubro dela e o leve tremor em seus lábios. Não era a primeira vez que ela parecia desconfortável com ele, e ele estava intrigado para saber o que a estava perturbando.

— É aqui. — Ele abriu uma porta ao fim do corredor e a guiou até um cômodo que Lauren lembrava ter sido certa vez uma pequena sala de estar. Agora tinha uma escrivaninha, um computador e mobiliário de escritório.

— Estou trabalhando do meu estúdio, adjacente a este quarto, até poder alugar um complexo adequado de escritórios para a subsidiária em Londres da Velaquez Conglomerates — disse a ela. — Na verdade, esta vai ser sua primeira tarefa. — Vi recentemente um novo prédio comercial na St Katharine's Dock e quero que você cuide do contrato de aluguel.

Quando Lauren não respondeu, ele continuou:

— Minha assistente pessoal está na Espanha e estou usando uma equipe de secretárias de uma agência temporária até encontrar uma base de operações permanente. Sally vem aqui em algumas manhãs na semana para que eu possa ditar a correspondência.

Então trabalhar do apartamento seria apenas um arranjo temporário, Lauren tentou assegurar a si. Mas ainda assim poderia levar semanas, talvez meses, antes que a Velaquez Conglomerates ocupasse novos escritórios, o que significava que ela teria de vir aqui todos os dias e reviver as lembranças de todas as vezes que Ramon fizera amor com ela. Deus do céu... Mateo havia sido concebido ali!

— Isto não vai funcionar — disse ela sucintamente. — É mais fácil para mim ir até os

escritórios da PGH do que até aqui. Posso manter comunicação constante com você por e-mail ou telefone...

Ramon balançou a cabeça.

— Eu preferiria que você ficasse aqui.

— *Por quê?* — gritou ela, incapaz de controlar mais as emoções. Ela havia ficado tão chocada em vê-lo de novo, e voltar ao apartamento onde eles haviam sido amantes era uma agonia completa.

Os olhos de Ramon se estreitaram diante da explosão dela, e agora ele caminhava em direção a ela, tão silenciosa e concentradamente quanto uma pantera perseguindo sua presa, e duas vezes mais mortal. A atmosfera mudou subitamente, a tensão entre eles era tão palpável que Lauren sentiu a pele formigar.

— Com o que exatamente você está preocupada, Lauren? — perguntou ele suavemente.

— Não estou preocupada com nada — negou ela desesperadamente, certa de que ele podia ouvir o coração dela martelando contra as costelas. Ele era grande demais, estava perto demais e as lembranças da boca exigente dele saqueando a dela doíam demais. — Eu simplesmente não entendo para quê tudo isso, Ramon. Porque você foi tão longe para me manipular a trabalhar com você.

Ele não disse uma palavra, apenas continuou indo em direção a ela, e a ânsia inflexível nos olhos dele a deixava sem ar.

— O que você quer de mim? — sussurrou ela, e o coração dela parou quando a mão dele lhe agarrou a nuca e ele baixou a cabeça lentamente.

— Eu quero isto, querida — disse ele asperamente, e cobriu a boca de Lauren com a sua.

CAPÍTULO TRÊS

Lauren entreabriu os lábios para vocalizar seu protesto, mas as palavras ficaram perdidas sob a pressão da boca de Ramon. O beijo não era uma sedução gentil, mas um arroubo quente, violento dos sentidos dela sem piedade, exigindo uma resposta que ela foi impotente para negar.

Ela deveria impedi-lo, insistia a voz da razão em sua cabeça. Mas a investida audaciosa de sua língua na boca de Lauren tirava tudo da mente dela, exceto a necessidade de ele continuar beijando e nunca parar. Fazia tanto tempo desde que ela estivera nos braços dele, e agindo puramente por instinto ela pressionou o corpo mais junto a ele, de modo que os seios macios colidiram contra a parede sólida do peito dele.

— *Querida.*

Era como se ela tivesse voltado rapidamente no tempo, e os meses que eles passaram separados nunca tivesse acontecido. Quando eles se tornaram amantes, Ramon libertara a sensualidade dela, e apenas ele tinha a chave.

Com dedos hábeis ele desabotoava a blusa dela, e gemia enquanto deslizava a mão por dentro do sutiã, rolava o mamilo intumescido entre o polegar e o indicador. Ele sentia o tremor que a abalava, e de repente a paciência se foi. Ele a queria agora, forte e rapidamente sobre a escrivaninha, e com um murmúrio ele investiu a outra mão sob a bainha da saia e passou os dedos sobre a meia-calça finíssima, sobre a faixa larga de renda da meia, e finalmente sobre a carne macia na parte interna da coxa.

— *Dios mio, querida...* Preciso possuir você agora.

Oh, por favor, sim... agora, agora. As palavras eram como um cântico na cabeça de

Lauren. Ela não sentia desejo sexual há muito tempo. Era um daqueles sentimentos que estavam trancafiados desde que ela rompera o caso com Ramon. Mas agora ele estava ali, e o corpo dela estava gritando pela satisfação que só ele poderia dar. A sensação da mão dele em sua coxa era insuportavelmente frustrante quando ela desejava que ele a movesse mais para cima até a borda da calcinha, para tocá-la onde ele não havia tocado por tanto tempo. Ela conseguia sentir a impaciência dele, e o pensamento que dominava a mente era que ela esperava que ele fosse gentil. O parto de Mateo havia sido relativamente rápido, porém, todavia, havia sido uma experiência dolorosa...

Matty!

Ela ficou tensa e abriu os olhos como se a realidade tivesse lhe dado um banho de água gelada. *O que, em nome de Deus, ela estava fazendo!*

Durante alguns segundos ela ficou dividida entre a batida poderosa do desejo e a firme insistência de seu cérebro, que dizia que ela deveria parar isto *agora,* porque permitir que Ramon fizesse amor com ela apenas transformaria uma situação já complicada em algo muito pior.

— *Não!* — A negativa brusca cortou o ar e, tirando vantagem da surpresa de Ramon, ela se desvencilhou dos braços dele e ficou trêmula como uma folha ao vento enquanto abotoava a blusa freneticamente.

— Não?

O tom dele era ilusoriamente delicado, mas ela conseguia sentir a raiva dele. Era justificado, visto que ela correspondera com um entusiasmo tão atrevido, pensou ela pesarosamente. Ela havia lhe dado todas as razões para acreditar que estava feliz por pular na cama com ele, mas os pensamentos em Mateo a fizeram colidir de volta à Terra. Ela não podia fazer amor com Ramon enquanto mantinha o filho dele como um segredo.

Ramon deu um suspiro rude, enquanto tentava lutar contra a ânsia de puxar Lauren de volta a seus braços e terminar o que eles tinham começado. A frustração arranhava seu âmago e o fazia querer atacá-la.

— Nós dois sabemos o quão facilmente eu poderia fazer você mudar de idéia — provocou ele. Ele olhou para os mamilos dela, salientados tão provocativamente através da blusa, e amaldiçoou a dor pulsante na virilha. — Você pode dizer não, mas seu corpo diz sim, *querida.*

— Bem, a cabeça ganhou por número de votos — lançou Lauren, mal confiando em si mesma para falar enquanto lutava para recuperar algum senso de compostura. — Você... Você me pegou de surpresa, mas eu não quero você, Ramon.

— Tem certeza disso? — Ramon quis saber de forma incrédula. — Acabei de provar que o fogo ainda queima entre a gente. — Ela havia atormentado seus pensamentos e perturbado seus sonhos durante meses, até que ele se rendeu à necessidade de encontrá-la outra vez. — Eu quero você de volta, Lauren — admitiu ele de forma crua.

— Pensei que você devesse se casar com uma mulher da nobreza espanhola, que deveria te dar um herdeiro para manter o nome dos Velaquez? — disse ela de maneira trêmula. — Você está dizendo que a situação mudou?

Ramon deu de ombros.

— Não. Ainda é minha intenção cumprir meu dever. Mas isso é para o futuro. Por enquanto eu quero me concentrar em administrar a Velaquez Conglomerates e o Castillo dei Toro. Eu não quero ter um filho ainda, e conseqüentemente eu não preciso cogitar um casamento por muitos anos. — Ele parou e pousou o olhar deliberadamente sobre os seios dela. — Mas também não tenho o desejo de viver como um monge, *querida* — falou ele suavemente.

Lauren amaldiçoou a reação traiçoeira do próprio corpo diante do brilho faminto dos olhos dele. Então tudo que ele queria era um caso. O pequeno broto de esperança secou e morreu. Nada havia mudado, ela pensou dolorosamente. Ela se perguntava se ele percebia agora o quanto ela se sentia insultada por ouvir que ele apenas a considerava

boa o suficiente para ser sua amante, mas não sua esposa.

Reconhecidamente, casamento não era algo que *ela* queria, pensou ela exaustivamente, esfregando a testa enquanto incontáveis pensamentos rodopiavam na cabeça. Tendo testemunhado a devastação da mãe depois que o pai foi embora, ela havia decidido que nunca desistiria de sua independência por homem nenhum.

Muitos casais moravam juntos sem estarem legalmente casados. Mas Ramon não estava nem mesmo sugerindo um compromisso de longo prazo, pensou ela pesadamente. Ele simplesmente a queria em sua cama por um mês ou dois, até se cansar dela. Talvez se ela tivesse apenas a si para considerar, poderia ficar tentada a enterrar o orgulho e aceitar a oferta dele. Dezoito meses atrás ele roubara o coração, e ela ansiava em recuperar a alegria, as risadas e as longas noites de amor terno que eles tinham compartilhado durante o caso que tiveram. Mas ela não estava sozinha, havia Matty. E Ramon havia estabelecido que não queria um filho ainda. Ela não tinha certeza se *um dia* ele iria querer um filho de sua amante inglesa.

— Seria inapropriado para mim agora ter um caso com você — disse ela a ele rigidamente. — Você é um cliente da PGH e deve perceber que seria altamente anti profissional. — Ela caminhou até a porta, rezando para que parecesse mais controlada do que se sentia de fato. — Por esta razão acho que seria melhor se você escolhesse outro advogado do Departamento de Propriedades Reais para trabalhar em seu projeto. Há uma variedade de excelentes advogados na PGH que ficariam satisfeitos em trabalhar para a Velaquez Conglomerates.

Guy Hadlow iria agarrar a oportunidade, pensou ela de forma sombria. Ela teria de dar uma desculpa para Alistair Gambrill alegando que não se sentia capaz de assumir o projeto da Velaquez devido a compromissos pessoais. Aquilo certamente iria arruinar as chances de promoção, mas ela não podia trabalhar com Ramon agora que sabia que ele a queria de volta em sua cama.

— Vou conversar com Alistair. — Ela abriu a porta e estava prestes a pisar no corredor quando a voz de Ramon a fez parar:

— Como você acha que Alistair Gambrill vai encarar a notícia de que estou cancelando o contrato com a PGH? — falou ele de modo pachorrento.

— Você não vai. — Chocada, Lauren girou para encará-lo, imaginando com pavor a reação do sócio caso soubesse que o contrato lucrativo com a Velaquez Conglomerates não prosseguiria. — Quero dizer, não há necessidade disso. Eu expliquei. Há outros advogados de propriedades reais...

— Eu quero *você.* — A expressão dele era impenetrável, mas algo em sua voz avisava a Lauren que a ameaça de cancelar o contrato com a PGH era muitíssimo séria. — Vou respeitar sua posição como minha advogada e não haverá outro tipo de relação entre nós... a menos que você queira.

— Eu não quero — rebateu ela.

Ele ignorou a interrupção dela e continuou, gentilmente:

— Minha decisão de utilizar os serviços da PGH só permanece se você concordar em atuar como minha advogada no projeto dos bares de vinho. Se você recusar, então vou encontrar outra empresa, o que tenho certeza que nem você nem Alistair Gambrill prefeririam que acontecesse — acrescentou ele, com um suave sorriso de escárnio.

Se ela fosse julgada responsável pela perda de um cliente altamente influente, sua carreira sofreria danos irreparáveis na PGH, e provavelmente em outras empresas de advocacia, pensou Lauren, nauseada.

Ela encarou o rosto rígido de Ramon e o coração afundou no peito.

— Isto é chantagem.

Ele ergueu os ombros de forma lacônica, totalmente despreocupado com a acusação dela.

— Você deveria saber a esta altura que eu sempre consigo o que quero.

Ah, sim, ela sabia bem, Lauren pensou amargamente. A reputação de Ramon como um homem de negócios rude era lendária. Ela não tinha opção a não ser trabalhar para ele, mas se ele pensava que iria cair na cama dele porque ele havia concluído que a queria de volta como sua amante, era melhor pensar duas vezes.

— Não te incomoda saber que você vai estar trabalhando com alguém que te detesta intensamente? — disse ela entre os dentes.

— Não. — O sorriso arrogante dele a fez ranger os dentes. — Mas devo dizer que estou surpreso que alguém que me deteste tanto como você diz possa ter correspondido a mim com tanta paixão há alguns minutos. Talvez você não saiba o que quer, *querida?* — sugeriu ele delicadamente.

Enquanto ela lutava para formular uma resposta, ele remexia em uma gaveta e abria uma pasta.

— Estes são os detalhes do complexo de escritórios na St Katharine's Dock. Eu gostaria que você começasse a trabalhar no contrato de aluguel imediatamente. Se você ficar conosco, não é? — acrescentou ele quando ela ficou indecisa perto da porta.

Com o máximo de dignidade que podia reunir, Lauren marchou de volta ao cômodo, se sentou à mesa e imediatamente se concentrou na pilha de documentos, o silêncio vibrando com a fúria.

— Tenho algumas reuniões agendadas para hoje ainda e provavelmente vou chegar tarde.

— Então é provável que eu já tenha ido embora no momento em que você retornar. — Lauren levantou a cabeça e encarou o olhar dele diretamente. — Termino no escritório às cinco e meia. Isso não é negociável. Mas fico satisfeita em levar trabalho para casa para terminar durante a noite se necessário.

Ramon estreitou os olhos, a curiosidade aumentou por causa da determinação tranqüila na voz dela.

— Tudo é negociável, Lauren.

— Isso não. — Ela buscava Mateo na creche todos os dias às seis e meia, e nem mesmo a ameaça de perder o emprego iria persuadi-la a trabalhar até mais tarde.

— Eu me lembro que você costumava trabalhar freqüentemente até sete ou oito da noite. — Ramon pausou. — Talvez você queira correr para casa para encontrar alguém?

Ele estava patinando perigosamente perto da verdade. Ela ficou vermelha, e desviou os olhos dos dele para encarar os papéis em frente a si.

— Nós já estabelecemos que minha vida pessoal não é da sua conta.

— Oh, nós estabelecemos uma série de coisas — disse Ramon com uma voz perigosamente suave. — Dentre elas que você sente atração por mim, por mais que queira negar.

O rosto de Lauren queimou e ela amaldiçoou aqueles instantes de fraqueza quando correspondera ao beijo dele com uma ânsia que havia mais do que combinado à dele.

— Na verdade, preciso sair meia hora mais cedo hoje. Minha mãe está chegando de Nova Jersey e eu vou buscá-la no aeroporto. — Ela hesitou. — Já pedi permissão para Alistair Gambrill. Espero que esteja tudo bem para você.

Ramon lhe deu um olhar sarcástico.

— Vou ter que concordar, não vou? — Ele pausou e a analisou de forma especulativa. — Tem algo mais que você deveria me contar?

O coração dela quase saltou para fora do peito e os olhos desviaram do rosto dele. Será que ele se referia a Matty? Será que ele sabia...? A expressão dele era insondável.

— O q... o que você quer dizer? — gaguejou ela.

— Eu simplesmente me perguntava se você teria outros compromissos agendados sobre os quais eu deveria saber, de modo que eu possa agendar as visitas às propriedades de acordo com outros compromissos que você possa ter. — Ramon a encarou impacientemente. — Por que você está tão irascível, Lauren? E por que tenho a

impressão de que você está escondendo algo de mim?

Ela sentiu as palmas das mãos frias e úmidas e foi necessária toda sua força de vontade para encontrar o olhar dele.

— Eu realmente não sei de onde você tiraria uma idéia tão ridícula — disse ela, dando um jeito de soar friamente indiferente. — Não estou escondendo nada.

— Mentirosa. Você está fazendo o que pode para esconder o fato de que ainda sente atração por mim. — Ramon se inclinou para a frente de súbito, uma das mãos pousada sobre a mesa, e a outra na nuca de Lauren. — Mas você não está se saindo bem. Seus olhos a entregam, *querida* — disse ele de modo arrastado antes de puxá-la e capturar sua boca em um beijo forte e breve que a deixou ansiando por mais.

Ele sorriu sardonicamente diante da mistura confusa de raiva e desejo nos olhos dela, e então a soltou e caminhou a passos largos até a porta.

— Te vejo mais tarde — disse ele por sobre o ombro, deixando Lauren emocionalmente cansada demais para imaginar por que ele havia dito *mais tarde,* em vez de na segunda-feira.

— Tenho certeza de que Mateo vai começar a andar antes de completar um ano de idade. Olha como ele está se equilibrando bem de pé.

Lauren ergueu o olhar do laptop e sorriu diante da visão da mãe, ajoelhada no chão, brincando com Matty.

— Você acha que ele está adiantado para a idade que tem?

— Deus, sim. — Francês Maitland sorriu para o netinho. — Você era um bebê tão quieto, você nem mesmo engatinhava antes de 11 meses, mas ele é tão ativo. Ele certamente não herdou essa natureza ousada de você. Ele deve ter herdado do pa... — Ela parou abruptamente e pareceu frustrada.

— Do pai — Lauren finalizou a frase da mãe secamente. — Você *pode* dizer a palavra que conhece, mãe.

— Bem, parece estranho falar sobre o pai de Matty quando eu nem mesmo sei o nome dele — murmurou Francês. — Eu gostaria que você me contasse sobre ele. Eu não sei por que isso tudo é tão secreto.

Lauren deu um suspiro.

— Eu já te contei sobre ele. Ele é um playboy. Tivemos um caso breve, mas quando descobri que estava grávida, soube que ele não ia querer um filho, então eu não contei a ele. Fim da história.

Francês fungou.

— Não é certo você precisar trabalhar tanto para sustentar Matty sozinha. Você tem o direito de receber apoio do pai dele.

Lauren balançou a cabeça impetuosamente.

— Eu nunca exigiria dinheiro para o meu filho. Mateo é minha responsabilidade e eu posso dar tudo de que ele precisa. — Ela observou o bebê engatinhando rapidamente sobre o carpete e franziu a testa. — Eu ainda acho que ele parece um pouco vermelho. E é estranho que ele não tenha bebido o chá. Normalmente ele adora. Eu acho que não vou à festa hoje à noite porque ele está com alguma coisa.

Francês ficou de pé e pegou o bebê risonho nos braços.

— Ele está absolutamente bem. Você não pode perder o baile Valentine... Pensei que fosse o grande evento anual da PGH.

— E é — disse Lauren pesadamente.

A esposa de Alistair Grambrill organizava o baile todos os anos, e parte da renda dos ingressos vendidos era doada à caridade. Os clientes mais prestigiados da empresa eram convidados e era esperado que todos os membros da equipe comparecessem, particularmente aqueles que estivessem almejando uma promoção, pensou ela pesarosamente. Ela ainda estava abalada por ter visto Ramon de novo hoje, e não se sentia no

clima para socializar, mas sabia que sua ausência seria notada pelos sócios.

— Bem, talvez eu vá, mas daí volto hoje à noite mesmo — murmurou ela. O baile acontecia em um hotel, e o ingresso incluía uma noite de estadia, assim os convidados podiam beber e não se preocupar em dirigir depois.

— É só uma noite, pelo amor de Deus — disse Francês impacientemente. — Você não confia em mim para cuidar do meu neto por uma noite?

— É claro que confio, mas... — interrompeu Lauren sentindo-se impotente quando viu um sinal de briga nos olhos da mãe. As faces coradas de Mateo provavelmente eram por causa do calor no apartamento. Ele parecia uma imagem da saúde, com seus olhos brilhantes e sorriso escancarado, e ela sabia que Francês andava ansiosa para passar algum tempo com ele. — Está bem — rendeu-se ela. — Eu vou.

— Ótimo. — Francês sorriu. — Você nunca sabe... você pode se apaixonar por um lindo estranho.

— Deus me livre! — disse Lauren fervorosamente enquanto clicava no botão "enviar" no laptop para mandar por e-mail o relatório no qual estava trabalhando para Ramon. — A expressão "gato escaldado tem medo de água fria" nunca foi tão adequada.

Enormes lustres decorados iluminavam o salão de baile e cintilavam sobre as dúzias de convidados que estavam circulando pelo ambiente. Lauren deu um sorriso de agradecimento ao garçom que lhe ofereceu uma taça de champanhe e passou a mão no vestido enquanto andava em direção ao grupo de sócios e suas esposas.

Fazia diferença se arrumar pelo menos uma vez, admitiu ela, sentindo um pequeno jato de confiança quando ficou ciente dos olhares de admiração de dois advogados de outro departamento da PGH. Ela continuou o trajeto até os sócios, mas os passos falharam, e por um segundo o choque do dia a deixou pálida quando seu olhar captou aquela figura familiar, alta, morena.

O que diabos Ramon estava fazendo ali?

— Ah, Lauren, fico satisfeito que você tenha vindo. — Alistair Gambrill escolheu aquele momento para virar a cabeça na direção dela, então ela não teve opção senão continuar andando, o coração palpitando dolorosamente enquanto sentia o olhar fixo intenso de Ramon.

— Boa noite. — Ela deu um jeito de sorrir para Alistair e para os outros sócios, e de algum modo se obrigou a encontrar o olhar resplandecente de Ramon.

— Você e Ramon se conheceram, é claro. — Alistair franziu a testa levemente. — Na verdade, fiquei surpreso por você não ter convidado Ramon para vir esta noite. Tenho certeza de que você está ciente de que a PGH sempre tem o máximo prazer em receber clientes em nosso baile Valentine.

— Eu... — O rosto de Lauren ficou enrubescido.

— Na verdade, Lauren de fato me convidou — murmurou Ramon suavemente. — Eu tive de declinar por causa de um compromisso prioritário, mas tal compromisso foi cancelado exatamente antes de você me ligar, Alistair, então pude comparecer ao baile, afinal.

— Ah, bem. Ótimo! — A expressão de Alistair ficou leve e ele deu um sorriso jovial. — Ramon estava dizendo que é novo em Londres e que não conhece pessoalmente os convidados aqui esta noite. Eu sei que você ficará contente em apresentá-lo às pessoas, não vai, Lauren?

— Contentíssima — assegurou ela ao sócio entre os dentes. Ela sabia que deveria ser grata por Ramon encobrir seu lapso ao não convidá-lo para o baile, mas ele sabia, é claro, que ela deixara de fazê-lo deliberadamente, e o sorriso presunçoso dele era exasperador.

— Eu certamente vou apreciar sua companhia — Ramon assegurou a ela, malícia pura brilhando nos olhos dele. — Permita-me pegar outra bebida para você.

— Novo em Londres! — bufou ela, caminhando furiosamente ao lado dele quando

ele pegou seu cotovelo e a guiou em direção ao bar. — Presumidamente Alistair não está ciente de que você dormiu com todas as mulheres da capital com idades entre 18 e 60 anos? — Ela o olhou de soslaio quando ele riu, o som da risada sexy causando um aperto no estômago dela. — Você gostaria que eu segurasse sua mão enquanto te apresento às pessoas por aí? — perguntou ela sarcasticamente.

— Para ser honesto, eu preferiria que você segurasse outra área da minha anatomia, *querida* — disse ele de forma doce. — Porém, como estamos em público, vou me conformar com sua mão na minha.

— Como ousa...? — Corada, Lauren tentou libertar a mão da dele, mas com uma facilidade insultante ele a incitou até a pista de dança e colocou a outra mão sobre o quadril dela, o brilho de zombaria em seus olhos avisando a ela que ela pioraria as coisas caso fizesse um escândalo.

— Relaxe — propôs ele, a respiração contra o ouvido dela enquanto puxava o corpo rijo contra seu peito largo. — Você costumava gostar de dançar comigo.

Mas aquilo havia sido nos dias inebriantes durante o caso deles, quando ela havia se enganado pensando que ele a enxergava como algo mais do que uma amante conveniente, pensou Lauren desoladamente. Agora ela sabia que nunca poderia significar nada para ele.

No entanto, tentar disfarçar a intensa consciência da presença dele não era seu único problema. Bem mais seriamente, a maioria da equipe da PHG sabia que Lauren tinha um filho, e seria necessária apenas uma observação involuntária da parte deles para alertar Ramon daquele fato. Ela foi tomada pelo pânico. Talvez fosse melhor que ela dançasse com ele a noite toda, pensou ela tempestuosamente. Pelo menos, daquele modo ele não poderia conversar com mais ninguém.

— Que tal aquele drinque? — murmurou ele, um pouco depois.

Lauren ergueu a cabeça do peito de Ramon e o encarou de maneira atordoada, amedrontada, pois estivera tão seduzida pelo calor do corpo dele que derretera de encontro a ele. Ela não fazia idéia de quanto tempo tinham passado dançando. Tudo do que ela estava ciente era do perfume sensual e malicioso da colônia dele e da batida forte do coração dele sob seu ouvido.

Os pensamentos giraram dentro da cabeça dela até ela sentir como se o crânio estivesse prestes a explodir. Incapaz de encarar Ramon, ela olhou em volta do salão de baile e percebeu que muitos de seus colegas de trabalho estavam olhando para ela especulativamente. A curiosidade deles não era surpreendente, visto que ela *estava* aconchegada ao cliente mais prestigioso da PGH, reconheceu ela severamente. Guy Hadlow estava recostado em uma pilastra, observando-a, e seu sorriso malicioso era torturante.

— Parece que monopolizei sua atenção por tempo demais — disse ela friamente.

— Não estou reclamando, *querida.* — O sorriso confiante de Ramon detinha tudo: satisfação por ela ter sucumbido ao seu charme em potencial e a expectativa de que ele precisava apenas estalar os dedos para ela cair em sua cama.

Ela precisava escapar dele antes que fizesse ainda mais papel de boba.

— Na verdade, estou com dor de cabeça. Por favor, se me dá licença — murmurou ela, e girou para longe dele antes que ele tivesse chance de protestar.

Ela caminhou rapidamente pelo salão, necessitando escapar da cacofonia dos ruídos, do som da voz das pessoas e da música. Ela precisava ficar sozinha, pensar, já que a grandiosidade da decisão de manter Matty em segredo para Ramon evocava uma culpa incômoda que ela tentava afastar.

Ela correu até o elevador e apertou o botão para ir ao quinto andar. A porta havia começado a fechar quando uma figura surgiu, e ela deu um gemido silencioso quando Guy Hadlow se juntou a ela.

— Indo para a cama tão cedo, Lauren?—provocou ele.

Ela o ignorou, mas ele se aproximou, cercando-a contra a parede do elevador. Ela torceu o nariz de desgosto quando inalou o hálito forte de álcool dele.

— A pergunta é: para a cama de quem? Você vai sair correndo com seu playboy espanhol? — Guy deu uma risada de zombaria. — Não é surpresa que você tenha sido escolhida para o trabalho na Velaquez. O que você fez? Prometeu dormir com ele se ele te desse o contrato?

O estalo da mão de Lauren no rosto de Guy ressoou no elevador e a cabeça dele deu um arranco para trás, a boca se contorcendo num formato feio.

— Sua vadia. Só estou dizendo o que todo mundo está pensando.

— Bem, não é verdade. — Lauren ficou enjoada de vergonha e tristeza. Ela ouviu o tilintar da campainha anunciando que o elevador havia chegado em seu andar e tentou empurrar Guy, mas ele agarrou seus braços com uma força que machucava.

— Mesmo? Você se entrega de graça, não é, Lauren? — o advogado zombou sordidamente.

Para horror dela, ele apertou o botão para evitar que a porta do elevador se abrisse. Ela podia dizer devido ao rosto vermelho e olhos vitrificados que ele estava verdadeiramente bêbado, mas enquanto ela estava desesperadamente buscando dizer algo que iria acalmar a situação, ele agarrou uma alça do vestido dela e puxou violentamente ombro abaixo.

— Pelo amor de Deus, Guy, me solta. — Ela podia ouvir o pânico na própria voz, e tremeu quando ele baixou a cabeça em direção à dela.

— Eu desejava você muito tempo antes de Velaquez — repreendeu ele.

Lauren foi tomada de náusea quando ele colocou uma das mãos no seio dela, mas ela rapidamente se aproveitou do fato de ele ter soltado os braços dela e de algum modo encontrou forças para empurrá-lo. O elevador ainda estava parado.

Ela golpeou freneticamente o botão para abrir a porta e cambaleou cegamente pelo corredor, batendo diretamente no muro sólido formado por um peito musculoso e largo.

CAPÍTULO QUATRO

— Lauren? O que está acontecendo?

Ramon encarou o rosto branco feito papel de Lauren, e os hematomas já surgindo em seus braços, então direcionou o olhar para o homem que ainda estava se apoiando na parede do elevador. Ele sentira uma leve inquietude quando vira o homem segui-la até o elevador há alguns minutos, e rapidamente tomara o outro elevador rumo ao quinto andar. Parecia que seus instintos estavam certos, pensou ele severamente.

— Só um instante, *querida* — disse ele, enquanto movia Lauren gentilmente para um lado. — Deixe-me livrá-la deste lixo.

— Ramon, o que você está fazendo? — arfou Lauren quando Ramon agarrou Guy pelas lapelas do casaco e ergueu o punho. — Não! Você não pode bater nele. Ele está bêbado.

— E essa é a defesa dele? — rosnou Ramon. — Ele machucou você.

A bravata de Guy foi desinflada como um balão estourado, e ele se curvou de medo do espanhol furioso.

— Ele só está sendo um idiota — disse Lauren severamente. — Olhe para ele; mal consegue se manter de pé. De qualquer forma, brigar com ele só vai tornar tudo cem

vezes pior.

Ramon franziu a testa, mas soltou Guy relutantemente.

— Saia e dê um jeito de ficar sóbrio — ordenou ele ao rapazinho rispidamente —, e se você valoriza sua vida, fique longe da Srta. Maitland no futuro.

Guy não discutiu quando saiu cambaleante do elevador e quase saiu em disparada pelo corredor. Lauren abraçou o próprio corpo, tremendo em choque.

— Aqui. — Ramon tirou o casaco e o colocou em volta dos ombros dela.

O forro de seda era cálido e carregava o perfume sutil da colônia dele. Lauren se deixou envolver pelo casaco enquanto Ramon a guiava de volta ao elevador.

— Esse é o meu andar — murmurou ela, o cérebro finalmente entrando nos eixos enquanto o elevador se movimentava suavemente para cima. — Onde estamos indo?

Você precisa de uma bebida, e eu tenho uma garrafa de conhaque no meu quarto... a menos que você queira voltar para o bar lá embaixo — sugeriu ele, quando pareceu como se estivesse prestes a argumentar.

Lauren tremeu diante do pensamento de retornar à festa com Ramon, sabendo que eles iriam atrair olhares curiosos dos outros membros da PGH. Mas ela não podia se arriscar a ficar sozinha com ele, pensou ela desesperadamente. Não porque tinha algum tipo de medo dele. Não... Era ela mesma, e sua consciência dominadora da presença dele que a deixavam morta de medo.

Mas quando o elevador alcançou a cobertura, foi mais fácil segui-lo pelo corredor do que fazer um escândalo, especialmente quando ela sentiu as pernas bambearem de repente. Ao contrário de seu quarto de hotel pequeno e funcional, a suíte de Ramon era grande e luxuosa, e ela afundou em um dos sofás de couro enquanto ele ia até o bar e servia uma bebida para ambos.

— Aqui... beba isto. Pode trazer um pouco de cor de volta ao seu rosto.

Ela estava prestes a lembrá-lo que nunca bebia álcool, mas a expressão nos olhos dele a avisavam que sua paciência estava perigosamente tênue, então ela obedientemente deu um gole no conhaque e estremeceu quando o líquido lhe queimou o fundo da garganta.

Ramon se sentou no sofá ao lado dela, perto o suficiente para ela sentir o calor emanando do corpo dele. Ele afrouxou a gravata-borboleta e abriu os botões superiores da camisa para revelar vários centímetros da pele morena e um pouquinho os pêlos escuros do peito. Após um olhar furtivo para ele, Lauren deu outro gole no conhaque.

— Então o que foi aquilo? — Os olhos dele ficaram mais sombrios quando ele analisou os hematomas nos braços dela. — Você deveria ter me deixado bater no desgraçado.

— Guy só estava sendo... Guy. Ele me convidou para sair algumas vezes no passado e não gostou quando eu recusei. De qualquer modo, talvez ele tenha um objetivo — disse Lauren pesadamente, sentindo outra onda de tristeza nauseante tomá-la quando se lembrou dos comentários de Mark sobre o motivo que lhe fora dado o contrato da Velaquez.

Ramon franziu a testa.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que, de acordo com Guy, todo mundo na PGH acha que você me escolheu para trabalhar para sua empresa por motivos que vão além da minha capacidade como advogada — disse ela amargamente. — Há muitos outros advogados de propriedade real mais qualificados e experientes do que eu, então suponho que não seja surpreendente as pessoas acreditarem que passei pela sua cama até chegar ao trabalho.

— Na verdade, Alistair Gambrill recomendou que você seria a melhor pessoa para trabalhar no meu projeto — contou Ramon calmamente.

Saber isso a fez se sentir melhor.

— Mas você sabe como são fofocas de escritório — interrompeu ela, ficando de pé num pulo, em agitação.As pessoas andaram se perguntando por que eu fui encolhida para o contrato em detrimento de outros advogados sêniores, e o fato de você ter dançado comigo a noite toda vai alimentar os rumores a meu respeito.

Ela foi tomada por raiva e humilhação, e girou para encarar Ramon, os olhos faiscando.

— Serei conhecida como a Mata Hari do mundo Legal — choramingou ela furiosamente — e é tudo sua culpa. — Mais uma vez ele havia virado o mundo dela de cabeça para baixo. — Por que você tinha que voltar, Ramon?

— Porque eu não conseguia ficar longe — revelou ele asperamente. Ele ficou de pé, os olhos fixados intensamente sobre ela, e o fogo flamejante nas profundezas douradas daquele olhar enviaram uma corrente de calor pelas veias dela. — Eu tentei te esquecer... mas, *Dios!* Você sempre estava na minha cabeça. Mesmo no dia do funeral do meu pai eu me flagrei pensando em você — revelou ele de forma severa, a voz envolvida por auto repúdio porque em meio ao luto ele se imaginou apoiando a cabeça sobre os seios de Lauren.

Ela deveria se mover, Lauren disse a si quando Ramon caminhou em direção a ela. Ela deveria correr até a porta e continuar correndo. Mas os pés pareciam soldados ao chão e o coração dela estava batendo tão rapidamente que a respiração vinha em pequenos ofegos.

— Deixe-me em paz — disse ela de maneira trêmula, erguendo uma das mãos para repeli-lo.

Ele riu e a agarrou, puxando-a para junto de seu corpo rijo, excitado.

— Oh, *querida,* eu deixaria se por um minuto eu achasse que você fala sério. Mas seu corpo te entrega... vê? — Ele curvou a mão de maneira possessiva em torno do seio dela, o sorriso de zombaria enquanto roçava o polegar levemente sobre o mamilo, que inchava instantaneamente e se salientava contra o tecido fino do vestido.

Por que ela não conseguia sentir a mesma repulsa que sentira quando Guy a tocara? Perguntava-se Lauren desesperadamente. Mas Ramon não era um bêbado rude, desajeitado. Ele era um amante altamente habilidoso, com uma experiência abundante na arte do sexo. Mais do que isso, ele era o homem que lhe havia roubado o coração, ela reconheceu silenciosamente, incapaz de desviar os olhos dos dele enquanto ele baixava a cabeça lentamente.

Ela esperava que o beijo fosse duro e exigente, uma demonstração do poder dele sobre ela. Mas o roçar suave dos lábios sobre os dela foi tão agradavelmente gentil que as defesas dela desintegraram instantaneamente.

Ela estava se agarrando a ele, pressionando as curvas esbeltas avidamente contra seu corpo duro feito rocha, mas por alguma razão ela se conteve, sufocando a paixão entre eles para uma chama branda, em vez de permitir que a queimasse em uma labareda selvagem.

Ela percebeu que ele estava lhe dando uma escolha. Ele não iria forçá-la a ir para sua cama. Mas ela estava com vergonha de admitir que desejava que ele a tomasse nos braços e a carregasse para o quarto. Ela não queria pensar nas complicações ligadas ao sexo com ele. Ela queria que ele a seduzisse e fizesse amor com ela com toda sua notável habilidade, assim aquele pensamento consciente seria esquecido e ela poderia se perder na maestria sensual do toque dele.

— É isso que você deseja, *querida!* — murmurou ele, abraçando-a até ela ficar soldada à figura forte dele e não pudesse duvidar da avidez da ereção dele, golpeando insistentemente entre as coxas dela. Ela era a mulher dele, e ele a beijou com uma possessividade selvagem; a ânsia por ela era uma força incontrolável que exigia ser apaziguada.

De repente, de maneira explosiva, as barreiras despedaçaram, libertando o desejo

mútuo como um fluxo de lava derretida de um coração vulcânico. Os lábios de Lauren estavam inchados quando Ramon finalmente ergueu a cabeça e trilhou beijos cálidos pelo pescoço dela, sobre as curvas macias acima dos seios. Os mamilos dela estavam rijos e quentes, formigando de expectativa perante o toque dele, e ela sentiu um calafrio de prazer quando ele passou as alças do vestido pelos ombros, cada vez mais baixo, até os seios transbordarem nas mãos dele.

— Seus seios sempre foram incrivelmente sensíveis — murmurou ele roucamente enquanto rolava os mamilos dela entre os dedos, apertando e soltando até ela emitir um som lamurioso. — Eu nunca desejei nenhuma mulher do jeito que desejo você.

Sua ereção estava tão rija que Ramon temia atingir o clímax a qualquer momento, e com um gemido impaciente ele deu a volta em torno dela, abriu o zíper do vestido e o baixou rapidamente, formando uma poça de tecido sob os pés dela.

Uma calcinha preta de renda cobria a feminilidade dela. Ele enganchou os dedos no elástico e sustentou o olhar dela deliberadamente enquanto ele a deslizava pelas pernas dela lentamente.

— Você me deseja, Lauren — dizia a ela com voz rouca, e para provar, ele deslizou a mão por entre as coxas dela e descobriu a umidade viscosa da sua excitação. — Você não pode negar que seu desejo é tão grande quanto o meu.

Lauren não podia negar aquilo; ela nem mesmo tentou fazê-lo. Ela sentira tanta saudade dele, ansiara por ele durante tantas noites que simplesmente não tinha força de vontade para resistir a ele. Tudo parecia estranhamente distante: Matty, a ciência de que ela poderia nunca significar alguma coisa para Ramon, os colegas e chefes lá embaixo. Será que seria tão errado ter esta noite com ele? A mente dela argumentava.

As recriminações poderiam vir depois, mas quando Ramon ficou de joelhos e entreabriu sua feminilidade com seus dedos gentis, antes de cobrir a protuberância do clitóris sensível com a boca, ela enredou os dedos nos cabelos dele e soluçou seu nome.

Ele a explorava com a língua, sondando o calor úmido e abrindo-a um pouco mais com os dedos para intensificar o prazer.

- Oh, agora... por favor, agora. — Pequenos espasmos deliciosos a invadiram, aumentando rápida e gradualmente, mas ela queria mais.

— Diga-me o que você deseja, *querida* — ele quis saber.

Durante um segundo louco ela se perguntou o que ele diria caso ela revelasse que desejava que ele a amasse. Mas é claro que ela nunca o faria, e naquele momento nada importava, exceto que ele a possuísse.

— Eu quero você... dentro de mim. — Durante alguns segundos tensos a confissão dela fervilhou entre eles, e então, com um juramento baixinho, ele a pegou nos braços e caminhou a passos largos até o quarto. Ele a colocou sobre a colcha e ela observou, os olhos arregalados, enquanto ele se despia com uma rapidez violenta, a cueca caindo no chão para revelar a força poderosa da ereção dele.

A boca de Lauren secou, mas quando ele a puxou para a beira da cama, abriu-lhe as pernas e se posicionou entre elas, a atenção fraca dela desapareceu sob uma onda de excitação e desejo. Ele pôs um preservativo rapidamente, e então, com uma cautela lenta, esfregou a ponta de seu órgão para cima e para baixo nas dobras sedosas dela. Ela arfou, e instintivamente dobrou os joelhos, a fim de permitir que ele a penetrasse, fechando os olhos, repleta de felicidade, quando ele a preencheu com seu falo espesso e duro como ferro.

— Eu senti saudade. — A confissão a fez abrir os olhos, e quando encontrou o olhar dele, ela vislumbrou uma emoção fugaz que desapareceu antes que pudesse defini-la, deixando a expressão dele imperscrutável mais uma vez.

Ela queria dizer que também sentira falta dele, que sua alma ficara vazia sem ele, mas as palavras ficaram perdidas sob a pressão da sua boca quando ele esmagou os lábios dela em um beijo faminto, ao mesmo tempo que começava a se movimentar dentro

dela.

Ele a penetrou mais forte e profundamente, estabelecendo um ritmo que logo extraiu leves choramingos dela.

Ele agarrou os quadris dela, e Lauren inclinou a pélvis de modo que ele pudesse investir mais profundamente, recebendo cada investida devastadora e sussurrando apelos roucos para ele ir mais rápido, mais forte. Com um gemido, ele a obedeceu, os últimos vestígios de contenção dizimados pela paixão ardente dela. E de repente Lauren percebeu que havia alcançado o clímax.

Deus do céu, fazia tanto tempo desde que experimentara uma sensação tão intensa que se esquecera da maravilha absoluta que era chegar ao clímax nos braços de Ramon.

O silêncio no quarto foi quebrado pelo som de respiração ofegante desacelerando gradualmente. Ramon se sentiu estranhamente relutante em separar o corpo do de Lauren, mas após alguns minutos ele rolou para longe dela e viu que ela estava adormecendo gradualmente.

— Você vai ficar mais confortável sob as cobertas — murmurou ele, acomodando a ambos nos travesseiros e puxando a coberta.

— Eu preciso ir para o meu quarto — murmurou Lauren.

— Fique aqui comigo — propôs ele firmemente.

Ela estava cansada demais para argumentar quando ele a puxou para seus braços de modo que sua cabeça se apoiou sobre o peito dele. A batida ritmada do coração dele sob o ouvido dela parecia ecoar pelo seu corpo, forte e estável, e ela suspirou quando suas pálpebras se fecharam.

Ramon ajeitou o cabelo que caía sobre o rosto dela, apagou o abajur e não conseguiu conter o sorriso satisfeito na escuridão. O sexo com Lauren estava ainda melhor do que ele se lembrava. Ele não se sentia tão satisfeito assim há muito tempo.

A vida dele havia sido projetada desde seu nascimento, e ele aceitava os deveres e responsabilidades que vinham juntamente ao título de *duque.* Mas antes de sossegar em meio a uma vida de deveres, ele merecia uma folga final com a mulher que podia fazer subir a temperatura dele com apenas um olhar de seus frios olhos acinzentados.

Com tal fato estabelecido em mente, Ramon adormeceu.

Ainda estava escuro quando Lauren se remexeu, mas ela acordou instantaneamente. Vergonha, culpa e inúmeras emoções estavam se agitando dentro dela quando virou a cabeça e viu Ramon deitado de costas ao seu lado. O rosto dele parecia mais suave durante o sono e os cílios negros espessos se agitando eram uma doce semelhança penetrante de Mateo.

Que boba ela havia sido: uma boba sem força de vontade que havia permitido que a doce pulsão sexual dominasse a cautela em sua cabeça, pensou ela amargamente. Ela havia passado a noite na cama de Ramon e agora ele iria pensar que ela estava com intenções de ser sua amante outra vez.

Iria ser impossível manter Matty escondido dele, ela percebeu, o pânico fazendo seu coração saltitar. Ela teria de abandonar a PGH, abandonar Londres, levar Matty para algum lugar e rezar para que Ramon não tentasse encontrá-la...

Ela deu um suspiro atemorizado. O que ela estava pensando? Ela não podia desarraigar Matty de seu lar.

Quando ela rompera o caso deles, ele dissera que não iria aceitá-la de volta, embora tenha voltado para encontrá-la. Talvez ele apenas o tivesse feito por causa da química sexual poderosa entre eles, mas o que importava era que ele estava ali. Ela não podia mais usar a desculpa de que não sabia como contatá-lo. Ela estava brincando de Deus com a vida dele. Ramon tinha o direito de saber que possuía um filho, e assim que ele acordasse ela iria contar.

O som do telefone celular a fez dar um pulo, e ela rapidamente saiu da cama e se apressou pela sala de estar, pilhando a bolsa para atender antes que perturbasse Ramon.

Ela deu um leve sorriso quando viu que era sua mãe ligando. Ela avisara a Francês que Mateo invariavelmente acordava ao amanhecer e que ela não deveria esperar conseguir prolongar seu tempo na cama.

— Mãe? — Ela manteve a voz baixa. — Já faz tempo que Matty acordou?

— Ai, Lauren... — A voz de Francês tremeu. — Lauren, Matty não está bem.

— O que você quer dizer... ele não está bem? — Um medo gélido tomou o coração de Lauren. — Qual é o problema com ele?

— Ele... Ele ficou bem quando o coloquei no berço à noite e dormiu. Mas de manhã acordei quando o escutei fazer um barulho estranho. Não era um choro... — A voz de Francês oscilou. — Parecia mais com um som de sufocamento.

Deus do céu! Lauren apertou o telefone com tanta força que os nós dos dedos ficaram pálidos.

— E claro que corri até o quarto dele — a mãe dela continuou. — E, bem... ele parecia estar tendo algum tipo de convulsão. Chamei uma ambulância imediatamente e os médicos estão aqui agora. Eles vão levá-lo ao hospital.

— Estou indo diretamente para aí — disse Lauren à mãe com urgência e desligou. O vestido e a calcinha estavam espalhados no carpete: uma lembrança vergonhosa de como ela se tornara uma criatura libertina nos braços de Ramon na noite anterior. Mas neste instante ela não conseguia pensar em nada, exceto em estar junto de seu filho doente.

Com o coração palpitando de medo, ela enfiou o vestido pela cabeça e deixou a suíte de Ramon, até o elevador. Uma vez de volta ao seu quarto, ela vestiu jeans e camiseta, agarrou a mala e, minutos depois, estava correndo pela recepção do hotel. Nada e ninguém mais importavam agora, nem mesmo Ramon. Ela não lhe reservou nem um mísero pensamento.

Ela colidiu violentamente com Alistair Gambrill, que estava parado na escadaria do hotel, carregando uma sacola com tacos de golfe.

— Lauren, você levantou cedo. — Ele franziu a testa quando viu a expressão tensa dela. — Está tudo bem?

— Matty está doente. Preciso ir — gritou ela por sobre o ombro enquanto descia os degraus. Não havia tempo para parar e conversar com o sócio. O bebê dela estava a caminho do hospital e nem o diabo em pessoa poderia evitar que ela ficasse com o filho.

Ramon disparava com seu Porsche pelas ruas movimentadas do norte de Londres. Era fim da tarde de sábado e havia muito trânsito enquanto ele seguia em direção ao apartamento de Lauren.

— *Lauren foi embora cedo esta manhã porque o filho dela não está bem.*

As palavras de Alistair Gambrill soavam sem parar na cabeça dele. *Filho dela!* Lauren tinha um filho? *Dios!* O cérebro dele não conseguia processar. Filho de quem? Ele queria, *exigia* uma explicação, porém o telefone dela ficara desligado o dia todo, e a raiva dele aumentava a cada tentativa fracassada de ligar para ela.

A mente dele reprisava o dia, desde o momento em que ele acordara no hotel e descobrira que a cama estava vazia. Primeiro ele pensou que ela estava no banheiro, mas quando descobriu que as roupas dela haviam sumido, ficou irritado porque ela deve ter retornado ao próprio quarto durante a noite. Mas ele se lembrara de que Lauren havia ficado chateada com o fato de os outros advogados da PGH estarem discutindo o relacionamento dela com ele, e ele entendeu a relutância dela em se arriscar a ser vista deixando o quarto dele.

Com essa idéia em mente, ele tomara o café da manhã na suíte e visitara a academia de ginástica do hotel. Só mais tarde ele ficara sabendo, através de um comentário casual de Alistair Gambrill, da partida de Lauren logo cedo: e a razão chocante por trás dela.

— Você nunca acreditaria que Matty foi levado ao hospital às pressas nesta manhã — dizia Lauren pela milionésima vez, enquanto observava o filho engatinhando energicamente pela sala. — Ele parece cem vezes melhor do que estava quando eu o vi na ala infantil do hospital.

— Ele parece bem melhor do que você — comentou a mãe dela. — Você ainda está branca como um fantasma.

— Eu estava preocupada. — Lauren sorriu diante da declaração, e lágrimas borraram sua visão. *Preocupada* não era nada perto do medo total que ela sentira quando correra até o hospital. A possibilidade de que Mateo estivesse seriamente doente a encheu de pavor, assim como de culpa por ela tê-lo deixado com sua mãe enquanto comparecia ao baile Valentine. — Eu não devia ter ido àquele baile desgraçado ontem à noite — disse ela grosseiramente.

— O médico disse que convulsões febris são razoavelmente comuns em bebês quando eles têm altas temperaturas — lembrou Francês a ela. — Ele confirmou que Matty está com uma infecção na garganta e que os antibióticos devem fazer efeito rapidamente. Ele vai ficar bem, Lauren.

— Eu sei. Eu só fico pensando, e se tivesse sido pior? E se ele tivesse tido algo que o colocasse sob risco de morrer? Eu não conseguiria suportar perdê-lo. — A voz de Lauren falhou, e ela pegou Mateo e o abraçou. — Eu o amo tanto.

A campainha da porta tocou.

— Provavelmente é o meu táxi — murmurou Francês, ficando de pé. — Tem certeza de que vai ficar bem se eu for para Southampton esta noite?

— É claro que vou — assegurou Lauren à mãe. — Você não pode perder um cruzeiro pelo mundo... e você *deve* ir esta noite, se quiser embarcar no navio às oito horas de amanhã.

Ela apoiou a cabeça dolorida nas costas do sofá, grata porque Matty estava brincando alegremente com seu novo brinquedo durante algum tempo. Ela podia ouvir vozes no corredor. Talvez o táxi de sua mãe não tivesse chegado ainda e um vizinho que tivesse visto a ambulância chegar a tivesse chamado para perguntar sobre o bebê? Passos soaram no corredor. Ela olhou em direção a porta da sala quando esta se abriu. A mãe dela entrou, Lauren arfou de maneira audível diante da visão do homem moreno e infinitamente perigoso seguindo logo atrás de Francês.

Ramon! Com o rosto austero, aqueles olhos estavam brilhando de ódio. Lauren instintivamente apertou o abraço em Mateo e engoliu em seco quando o olhar de Ramon foi em direção ao seu filho.

CAPÍTULO CINCO

— Lauren...O Sr. Velaquez explicou que é um de seus clientes... — A voz de Francês parou de repente quando ela olhou da filha para o homem sombriamente lindo que ela havia convidado para entrar no apartamento, e ele agora estava olhando de forma austera para Lauren e Mateo.

O silêncio caiu sobre o cômodo. Um silêncio que fervia com uma tensão oculta que fazia a pele de Lauren se arrepiar. Ela mal estava ciente da presença da mãe. Seus olhos estavam cravados no rosto de Ramon. Ele estava pálido apesar do bronzeado, o choque era palpável. Ela não conseguia tirar o olhar dele, e observou quando sua expressão chocada mudava para outra, de fúria amarga.

— Então é verdade... você tem um filho. — A voz dele era tão áspera que estava quase irreconhecível, o sotaque muito marcante. O silêncio se prolongou entre eles mais uma vez, abalando os nervos de Lauren, antes de ele falar outra vez: — Ele é meu filho.

Era uma afirmação, não uma pergunta. A semelhança entre Ramon e Matty era impressionante. Lauren não poderia ter negado a verdade nem mesmo se quisesse, e ela deu um pequeno meneio com a cabeça.

Ele xingou violentamente, e Lauren retrocedeu.

— Você manteve meu filho em segredo de mim — disse ele rispidamente, de forma incrédula. Ele encarou o bebê e enxergou os próprios traços em miniatura. Não havia dúvida de que Lauren estava segurando o filho dele nos braços, mas seu cérebro estava lutando para compreender o que os olhos estavam lhe dizendo.

E não apenas seus olhos, pensou ele enquanto caminhava aos trancos pela sala, se movimentando sem sua graça suave usual. Seu coração, sua alma reconheciam a própria carne e sangue. Ele não entendia como aquilo havia acontecido, mas isso era secundário agora. Lauren dera à luz o filho dele... e nunca lhe contara.

— Quantos anos ele tem? — rosnou ele, forçando as palavras a passarem pelo aperto peculiar em sua garganta.

— Dez meses.

Lauren mordeu o lábio. Ramon parecia chocado, quase selvagem, e dentro dela estava nascendo a terrível constatação de que ela errara em manter o filho em segredo para Ramon.

— Dez meses? — repetiu ele asperamente. — Você manteve meu filho longe de mim durante quase um ano. — Ele fez um rápido cálculo mental. — Você sabia que estava grávida na noite em que rompeu nosso caso, não sabia? *Dios!* — Ele fechou os olhos brevemente, tentando absorver aquilo. — *Por que,* Lauren?

— Lauren... O que está acontecendo? — interrompeu Francês com uma voz surpresa. — Quem é este homem? Devo chamar a polícia?

— Não. Está tudo bem, mãe. — Lauren deu um suspiro trêmulo. — Ramon é pai do Matty. Eu... Eu preciso conversar com ele, e você precisa ir. Acho que seu táxi está aqui agora. Por favor, não se preocupe — implorou ela à mãe, que parecia como se estivesse prestes a argumentar. — Tudo vai ficar bem.

Se ela ao menos pudesse acreditar naquilo, pensou Lauren alguns minutos depois, quando deu um aceno para Francês e fechou a porta da frente.

Ramon estava parado perto da lareira, observando uma foto de Mateo tirada quando ele tinha alguns dias de vida. Ele a perfurou com um olhar rude.

— Eu nem mesmo sei o nome dele — comentou ele em um tom baixo que não disfarçava sua raiva fortemente controlada.

— É Mateo.

— Mateo. — Ramon pronunciou o nome do filho com um senso de admiração. O filho dele... o filho *dele.* Ele ainda não conseguia absorver. Até agora ele enxergava *a* paternidade simplesmente como um dever que teria de cumprir em algum ponto no futuro. Mas agora ele estava encarando seu filho, cujos traços se assemelhavam tanto com os dele que era como olhar para uma versão em miniatura de si mesmo, e ficou aterrorizado por saber que esta criança perfeita, linda era dele.

Ramon se aproximou, as mãos visivelmente trêmulas quando ele tocou o filho pela primeira vez, e Lauren teve uma súbita sensação irracional de pânico. Ela não queria largar Matty, mas o bebê sorriu alegremente quando Ramon o ergueu e o abraçou contra o peito.

— Mateo. — Ramon acariciou o cabelo negro sedoso do filho, e quando ele fitou os olhos castanhos do bebê, que eram exatamente no mesmo tom dos dele, a onda de emoção que o atingiu ameaçou derrubá-lo. Ele havia perdido a maior parte do primeiro ano de vida de seu filho. Lauren havia roubado aqueles meses insubstituíveis dele, e se

dar conta disso o encheu de raiva.

— Matty está cansado — falou ela baixinho. — Ele normalmente tira uma soneca por volta desse horário. Vou colocá-lo no berço. — Ela estendeu as mãos para pegar o bebê, porém Ramon balançou a cabeça negativamente.

— Eu vou levá-lo. Mostre-me onde ele dorme.

Seria infantil da parte dela recusar, e dificilmente conseguiria arrancar Matty dos braços de Ramon, ela reconheceu enquanto o guiava pelo corredor relutantemente até o quarto do bebê.

— Ele teve um dia traumático — explicou Lauren alguns minutos depois, depois que Ramon havia deitado Mateo no berço cuidadosamente.

— Alistair Gambrill me contou nesta manhã que você correu para casa porque seu filho estava doente.

Então foi assim que ele descobriu a respeito de Matty. E agora ela não podia negar a Ramon as respostas que ele claramente desejava.

— Qual foi o problema com o Mateo? — Ramon quis saber. — Ele parece perfeitamente bem agora.

— Ele teve uma convulsão nesta manhã. Minha mãe chamou uma ambulância e ele foi levado às pressas para o hospital. Aparentemente foi o que chamam de convulsão febril, causada por altas temperaturas. Os exames revelaram que ele tem uma infecção na garganta, e o médico receitou uma série de antibióticos. Não devem ocorrer danos remanescentes, embora os bebês que passam por uma convulsão febril apresentem levemente mais tendência a tê-las de novo — ela acrescentou de maneira trêmula.

Ela passou a mão no rosto e olhou de soslaio apenas para flagrar Ramon observando-a com olhos estreitos. Ele havia tirado o casaco de couro que usava e de repente o jogou violentamente sobre uma cadeira, e sua violência mal controlada fez Lauren pular de susto.

— Por que você fez isso, Lauren? Sua traidora! Como você pode negar a mim o meu próprio filho?

— Eu não achei que você fosse querê-lo.

— *Você nunca me deu escolha.* — Com as narinas inflando, Ramon lutava para controlar o temperamento. — Por que você iria pensar que eu não iria querer meu próprio filho?

Lauren deu uma risada amarga.

— Porque você me disse que era seu dever se casar com uma noiva da aristocracia espanhola e ter um herdeiro de sangue azul para dar continuidade à linhagem dos Velaquez. Eu ia te contar que estava grávida naquela última noite, quando fomos jantar no Vine, mas você deixou claro que eu não significava nada para você.

Ela nunca iria se esquecer da expressão assustada dele quando lhe dera o presente de aniversário de namoro.

— Você insistiu que eu só poderia ser sua amante. Eu tinha medo de que você pensasse que Matty não era um herdeiro adequado... porque eu certamente não tenho nenhum ancestral nobre — continuou Lauren em um tom contido quando Ramon lhe deu um olhar sarcástico. Ela mordeu o lábio. — Desde o instante em que eu saí do seu apartamento fui atormentada por culpa e indecisão. Eu não sabia o que fazer. Eu estava dividida entre querer contar para você que eu estava esperando seu filho e entre o medo da sua reação. Muitas vezes, antes de Matty nascer, e depois, eu disquei seu número no celular. Mas em todas as vezes eu perdia a coragem e desligava — admitiu ela com a voz rouca. — Eu não queria Matty crescendo sentindo que não era bom o suficiente para fazer parte da ilustre família Velaquez. As crianças precisam se sentir valorizadas. — Era algo que ela havia aprendido quando o pai a deixara e ela percebera o quanto era pouco importante para ele. — Embora você estivesse querendo se casar para cumprir um dever, eu não estava.

— Você achou melhor criar Mateo sem um pai? — acusou-a Ramon sarcasticamente. — Que direito você tinha de negá-lo ao pai? Você um dia pensou no que *ele* poderia querer?

Lauren empalideceu. Ela *de fato* se sentira culpada porque Matty iria crescer sem um pai, mas parecera preferível do que ter um pai desinteressado que, ela temera, iria tratar a paternidade como um dever enfadonho.

— E quanto mais da vida dele você iria roubar de mim? — Ramon quis saber furiosamente. — Você *um dia* iria me contar a respeito dele? Ou aquele comentário oportuno do Alistair Gambrill foi a única razão para eu ter descoberto a existência do meu filho?

Quando ela não respondeu, ele a fitou com um desprezo amargo.

— *Dios!* Você dormiu comigo ontem à noite, e você não disse nada nem mesmo ali. O que foi tudo aquilo, afinal? Você estava me usando como um reprodutor, na esperança de conceber um irmão para Mateo?

— *Não!* Não seja ridículo. — O temperamento de Lauren fulgurou diante da acusação ultrajante dele. — Você veio até mim, se é que se lembra. Você dançou comigo a noite toda e me levou para o seu quarto.

— Você veio com espontaneidade suficiente.

— Só porque Guy havia me chateado. Eu nunca tive a intenção de que as coisas se transformassem naquilo que se transformaram. — Ela desviou o olhar, o rosto corando... porque estava mentindo, admitiu desoladamente.

Durante o baile ela ficara intensamente ciente da presença de Ramon, e bem no fundo havia ansiado para ele levá-la para o quarto e fazer amor com ela. Até mesmo agora ela estava intensamente consciente da presença dele.

Ramon passou a mão pelos cabelos e se afastou dela, caminhando pela saleta como um urso feroz enjaulado.

— Quem cuida de Mateo enquanto você está no trabalho durante todo o dia? Você me contou que sua mãe mora em Nova Jersey, então presumidamente *ela* não está envolvida na criação dele?

— Ele fica em uma creche. E uma creche excelente... a melhor em absoluto — continuou ela rapidamente quando Ramon franziu a testa. As mensalidades da creche .eram exorbitantes, mas ela ficava feliz por pagá-las e ter a tranqüilidade de que Matty ficasse feliz e bem cuidado.

— E quando você voltou a trabalhar?

— Quando ele estava com três meses de idade.

— *Dios mio!* Você o jogou numa creche quando ele tinha apenas três meses? — Havia um pavor genuíno nos olhos de Ramon. — Minhas irmãs não deixaram seus bebês de lado até eles completarem o primeiro ano de vida.

Lauren lhe deu um olhar surpreso.

— Eu nem mesmo sabia que você *tinha* irmãs. Em todos os meses que estivemos juntos, você nunca falou da sua família.

Ele deu de ombros.

— Eu aprendi há muito tempo a resguardar minha privacidade, e a da minha família, depois que algumas das minhas ex-amantes tagarelaram para os tablóides sobre minha vida pessoal. Até mesmo o esquema de cores do meu banheiro parece fascinante para algumas pessoas — acrescentou ele secamente.

— Você deve ter sabido que eu não faria algo assim — murmurou Lauren, magoada pela falta de confiança dele nela. Aquilo reforçava o fato de que ele a considerava apenas como mais uma amante casual, e mais uma vez se perguntava como fora estúpida o suficiente para acreditar que ele tinha começado a se importar com ela. — Ao contrário das suas irmãs, eu vivo no mundo real — disse ela brevemente. — Eu precisava voltar a trabalhar para pagar as contas. Não estou dizendo que a situação é ideal, mas eu fiz o

melhor possível para Matty. Eu até mesmo costumava passar o horário de almoço no banheiro feminino extraindo leite do seio para que a equipe da creche pudesse dar a ele no dia seguinte.

— Teria sido melhor para ele se você o tivesse segurado nos braços e o tivesse alimentado você mesma — disse ele asperamente. — A amamentação no peito é uma época crucial, quando o laço especial entre a mãe e seu filho é formado.

— Eu não fazia idéia de que você era tão especialista em cuidados infantis — rebateu Lauren, enfurecida pela arrogância dele. — Eu odeio ter de deixar Matty, mas não tenho escolha...

— Sim, você tem. Você sempre teve escolha — disse Ramon amargamente. — Se você tivesse me contado que estava esperando um filho meu, eu teria assegurado que você recebesse os melhores cuidados. Meu filho teria nascido na Espanha e teria passado os últimos dez meses no Castillo dei Toro, cercado pela avó, pelas tias e primos... Não aqui neste apartamento pequeno, com o cuidado terceirizado a uma creche o dia todo enquanto você constrói sua preciosa carreira.

Apartamento pequeno... cuidado terceirizado... A acusação mordaz de Ramon sobre o jeito como ela estava criando Mateo deixou Lauren sem palavras de tanta raiva. Mas antes que ela pudesse formular uma resposta ele falou outra vez: desta vez com uma voz fria, implacável que ela achou mais assustadora do que o temperamento explosivo dele.

— Eu quero meu filho. E eu vou tê-lo; não duvide disso, Lauren.

No instante em que Ramon colocou os olhos sobre seu filho ele percebeu que não ligava a mínima se o bebê não era considerado um verdadeiro sangue nobre espanhol porque nascera de mãe inglesa. Mateo era filho dele, e ele se sentia ferozmente possessivo e protetor em relação a ele.

— É óbvio devido à semelhança notável de Mateo em relação a mim que ele é um Velaquez, mas se você negar que eu seja o pai dele, vou exigir um exame de DNA e então vou levá-lo para a Espanha, lugar ao qual ele pertence.

— Você não pode fazer isto. Você não tem o direito de levá-lo — disse ela de maneira trêmula.

Ele bateu a mão na mesa, o temperamento explodindo outra vez.

— Não *ouse* falar comigo sobre direitos! Que direito você tinha de esconder meu filho de mim? E que direito você tinha de negar um pai a Mateo? Isso não é sobre a gente — disse Ramon severamente. — A única coisa importante é o que é melhor para Mateo.

— Como tirá-lo de mim pode ser o melhor para ele? Eu posso não ser especializada em vara de família, mas nenhum tribunal separaria um bebê de sua mãe.

— Veremos — disse Ramon friamente. — Acho que seria totalmente provável que um juiz concordasse que seria melhor para Mateo viver com o pai, que está pronto para devotar a vida a ele, dentre uma família enorme que vai recebê-lo e amá-lo, do que com uma mãe que fica no trabalho o dia todo, enquanto ele fica sob os cuidados de uma equipe de creche. Uma criança da idade de Mateo precisa da segurança de ser cuidada por, principalmente, um ou dois membros da família, e *eu* estarei presente para ele noite e dia.

— Mesmo? — disse Lauren incredulamente. — E quando você estiver viajando pelo mundo a trabalho? Ou comparecendo a inúmeros eventos sociais? Suponho que você vá deixar Matty com uma babá.

— Pretendo cortar minhas viagens de negócios para um mínimo, e, para ser franco, estou enjoado de festas. Eu preferiria muito mais passar o tempo com meu filho. — Ele encarou o rosto pálido de Lauren e endureceu o coração contra uma leve centelha de pena. Ela o havia negado seu filho a sangue frio e não merecia a compaixão dele.

— O que você fez foi imperdoável — disse ele asperamente. — É melhor você começar a rezar para ganhar aquela promoção que Alistair Gambrill me contou que você está concorrendo porque você vai precisar de todo o dinheiro que puder conseguir para

pagar a batalha da custódia, e para a apelação caso eu perca em primeira instância, e então para a apelação seguinte. Você entende, Lauren? Eu nunca vou desistir de lutar pelo meu filho porque acredito genuinamente que ele vai ter uma vida melhor comigo. Mateo é herdeiro dos Velaquez e eu não compreendo como você poderia querer lhe negar seu direito nato.

Lauren espirrou violentamente de repente e não conseguiu conter um gemido quando a dor rasgou todos os músculos de seu corpo. Ela ainda não conseguia parar de tremer, mas quando tirou o cabelo do rosto, a testa estava úmida de suor. Ela apoiou a cabeça nas costas do sofá, inconsciente do escrutínio agudo de Ramon.

Ele franziu a testa quando viu que a pele dela estava num tom estranhamente acinzentado.

— Qual é o problema com você? — ele quis saber, sucintamente. — Você parece péssima.

— Eu devo ter pego o vírus da gripe que andou rondando o trabalho. — Ela desviou o olhar da fúria ardente no olhar dele. — Sinto muito — sussurrou ela. — Eu acreditava honestamente que você não queria nada que tivesse a ver com o Matty... Ou, pior, o considerava uma obrigação. Mas, seja lá o que você esteja pensando, eu juro que fiz o melhor para ser uma boa mãe para ele.

Os olhos escuros dele a encararam de volta, gélidos e imperdoáveis.

— Infelizmente eu não considero seu melhor bom o suficiente. — Ele franziu a testa quando ela espirrou outra vez. — *Dios!* Você não está em condições de cuidar de um bebê. Você mal consegue ficar de pé — rosnou ele quando ela se levantou do sofá e vacilou. — Pelo que vi, sua mãe está embarcando num cruzeiro amanhã e não vai ficar por aqui?

Lauren assentiu de forma relutante e estremeceu quando o leve movimento que fez com a cabeça enviou faíscas de dor por seu crânio.

Ramon puxou o celular do bolso.

— Vou providenciar para que o jato particular venha nos buscar esta noite. Há um aeroporto a cerca de 30 quilômetros daqui.

— Vai nos buscar e nos levar para onde? — grasnou Lauren, desalentada ao perceber que estava perdendo a voz. Ela não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão doente, e a determinação austera na voz de Ramon a deixava morta de medo.

— Vou levar meu filho para a Espanha... e você vai vir também. Ao contrário de você, eu acredito que Mateo precisa de ambos os pais — disse ele brevemente.

— Ah, não. — Ela balançou a cabeça e não conseguiu evitar um gemido de agonia. — Eu não vou deixar você levar Matty para lugar nenhum — disse ela de maneira selvagem.

— Não seja ridícula. Você está doente, e ele precisa de cuidados até você melhorar. O único lugar que seria certo agora é com a família dele. Minha mãe vai ficar cheia de alegria ao conhecer seu novo neto, e eu vou contratar uma enfermeira que vai cuidar de Mateo caso ele sofra mais convulsões. — Pegue seu casaco — ordenou ele, asperamente. — O carro estará aqui em cinco minutos.

Havia uma imagem de um querubim acima de sua cabeça. Lauren abriu os olhos e viu que o querubim era parte de um lindo mural pintado no teto. Ela franziu a testa, se perguntando como o mural havia ido parar ali e o que havia acontecido com o teto branco e liso de seu quarto.

— Ah, você está acordada. — A voz veio da direção da janela.

Lauren piscou contra a luz do sol que passava pelas persianas para ver uma mulher de rosto alegre caminhar em direção à cama.

— Olá, Lauren. Meu nome é Cathy Morris — disse a mulher gentilmente. — Sou enfermeira e estou ajudando o *senor* Velaquez a cuidar de você.

Ramon! Arroubos de lembranças fluíram pela mente de Lauren, imagens borradas de Ramon carregando-a escada acima até o avião. E então mais tarde ela abriu os olhos brevemente para se flagrar num carro, acelerando em direção a um enorme castelo, agourento e medonho sob a luz da lua, cercado por montanhas de cumes recortados.

Ela lutou para se sentar, chocada ao descobrir que não tinha forças. Mas Ramon estava com Matty. Ela precisava se levantar e encontrá-lo.

— Não acho que você esteja pronta para sair da cama — disse a enfermeira em um tom gentil, porém firme. Ela ajeitou Lauren nos travesseiros e esticou as cobertas. — Você esteve muito doente nos últimos quatro dias, com um vírus da gripe particularmente sórdido. O *senor* Velaquez mal saiu do seu lado. Ele até mesmo andou dormindo na poltrona ao lado da sua cama para que pudesse ver como você estava durante a noite. Ele está dando café da manhã ao filho neste instante, mas creio que vá voltar logo.

Quando Cathy finalmente pausou para respirar, Lauren murmurou fracamente:

— Então estou na Espanha? No castelo de Ramon?

— No Castillo dei Toro — confirmou a enfermeira. Ela caminhou até a porta. — Espero que você goste de uma xícara de chá... E alguém vai te ajudar no banho para que você possa se refrescar.

No quarto do bebê, depois do quarto de Lauren, ao longo do corredor, Ramon prendeu o filho no cadeirão e inspecionava as roupas imaculadas do bebê, o rosto limpo e brilhante e os sedosos cachinhos pretos com uma sensação de missão cumprida. Não que dar banho e vestir Mateo não tivesse sido isento de dificuldades, pensou ele pesarosamente enquanto espiava as próprias calças e camisa encharcadas. Ele não havia se dado conta de que um bebê agitado de 10 meses era tão escorregadio quanto uma enguia, e após secar Mateo com a toalha e lutar para fechar os botões trabalhosos do macacão, Ramon sentiu que merecia uma medalha.

— Como sua *madre* faz isso todos os dias antes de trabalhar? — perguntou ele ao bebê, sentindo uma admiração relutante por Lauren.

Suas primeiras quatro horas de paternidade haviam sido um choque de realidade, admitiu ele. É claro que ele poderia ter simplesmente entregado Mateo à enfermeira, Cathy Morris, a quem ele também empregara como babá, mas ele estava fascinado por aquele pequeno ser humano que era seu filho e queria conhecê-lo melhor.

— Está na hora do café da manhã — anunciou ele a Mateo quando uma empregada adentrou o quarto segurando uma bandeja.

Ele pegou uma tigela de cereal com leite, encheu uma colher e ofereceu ao bebê, que se recusou resolutamente a abrir a boca.

—Vamos, *chiquito,* está gostoso — disse Ramon persuasivamente. — Experimente pelo *Papá,* hum? — Em vez disso, Mateo tentou pegar a colher. — Ok, você quer ser independente e comer sozinho? Faça isso então. Não, Mateo... com a colher... — Surpreso, Ramon observou Mateo pegar a tigela e derrubar seu conteúdo na própria cabeça, cobrindo completamente seus cachinhos.

Ele olhou para Mateo, e o bebê o encarou de volta solenemente, a boquinha rosada de repente se curvando em um sorriso angelical. E naquele instante Ramon se sentiu total e irrevogavelmente apaixonado.

— Você é meu filho e eu nunca vou me separar de você de novo — jurou ele fervorosamente.

Um som fraco o fez se virar, e ele se enrijeceu quando viu Lauren parada à porta. Ela parecia pálida e frágil, mas foi o brilho das lágrimas em seus olhos que fez Ramon franzir a testa.

— Por que você está fora da cama? — ele quis saber de maneira rude. — Cathy me disse que você estava acordada, mas não forte o suficiente para se levantar.

Lauren engoliu em seco, incapaz de tirar os olhos do filho sentado alegremente nos

braços do pai.

— Eu queria encontrar Matty — disse ela com voz rouca. — A enfermeira disse que você estava lhe dando o café da manhã. — Ela não conseguia disfarçar a surpresa por Ramon ter desejado cuidar do bebê, em vez de permitir que a babá o olhasse.

Ramon deu uma espiada no cereal emplastando o cabelo de Matty e fez uma careta triste.

— Como você pode ver, dar o café da manhã a ele não foi um sucesso retumbante.

Lauren lhe deu um sorriso sutil.

— Não consigo nem contar o número de vezes que ele fez isso em casa, normalmente nas manhãs em que eu estava atrasada para o trabalho. Mas ele não gosta de ser alimentado. Mesmo nesta idade, ele é muito determinado e quer fazer tudo sozinho.

— Assim como a mãe — comentou Ramon secamente. — Não pode ter sido fácil cuidar dele sozinha e manter o emprego, mas você nunca considerou pedir pela minha ajuda, não é, Lauren?

Ela ouviu a raiva latente na voz dele e mordeu o lábio.

— Eu não sabia como você iria se sentir sobre ter um filho — murmurou ela.

Ramon fez um som impaciente.

— É uma pena que você não me perguntou.

Lauren foi tomada pela culpa mais uma vez. Ela poderia ficar ali o dia todo, tentando defender suas atitudes, mas em seu coração aceitava que estivera errada em não contar a Ramon que ele tinha um filho. Ela não conseguia olhar para ele, e em vez disso começou a olhar em torno do quarto. Através de uma porta entreaberta ela podia ver o banheiro da suíte.

— Vou dar outro banho no Matty — disse ela apressadamente, desesperada para escapar do olhar acusador de Ramon.

Matty adorava a hora do banho e ficou perfeitamente feliz por passar mais vinte minutos brincando entre as bolhas de sabão.

— Ele realmente é um bebê aquático — disse Ramon, sorrindo diante do gritinho agudo de desgosto de Matty quando Ramon finalmente o ergueu da água e Lauren enrolou o bebê descontente numa toalha fofa.

Ela seguiu Ramon de volta ao quarto do bebê e seu coração se apertou quando o viu secando Matty ternamente. Para um homem tão grande ele era surpreendentemente gentil. Lágrimas embaçaram os olhos dela. Se ao menos ela tivesse conhecido este lado de Ramon, talvez tivesse agido de forma diferente.

Ramon olhou para o rosto pálido dela e franziu a testa.

— Você está horrível. Volte para a cama. Vou vestir Mateo e levá-lo lá embaixo, até minha mãe — continuou ele quando Lauren balançou a cabeça em negação. — Vá — insistiu ele. — Você não precisa ficar aqui. Posso cuidar bem dele sem você.

As palavras foram como uma faca no coração dela, e com um choro baixinho ela se apressou para fora do quarto, imaginando desesperadamente o que iria fazer.

CAPÍTULO SEIS

Alguns minutos depois que Lauren havia retornado ao seu quarto, uma governanta

chegou com um bule de chá e alguns bolinhos frescos que tinham um cheiro tentadoramente bom. Ela não conseguia se lembrar da última vez que comera, embora tivesse uma lembrança vaga de dar goles num copo d'água em diversas ocasiões enquanto um braço forte sustentava sua cabeça e seus ombros.

Ela bebeu duas xícaras de chá e comeu meio bolinho antes de cruzar o quarto rumo ao banheiro da suíte. A visão de seu reflexo no espelho foi um choque. Ela não podia fazer muito a respeito dos olhos fundos e rosto pálido, mas pelo menos podia ficar limpa. Tirando a camisola, ela rapidamente adentrou o chuveiro, apreciando a sensação do jato de água limpando seu corpo e o perfume cítrico do xampu que ela passava no cabelo.

— O que *diabos* você está fazendo?

O som de uma voz gravemente familiar coincidiu com a aparição súbita de Ramon enquanto ele abria a porta do box e a encarava. Com o rosto em brasa, Lauren percebeu que teria de passar por ele para pegar uma toalha. Em vez disso ela tentava freneticamente cobrir determinadas áreas pertinentes do corpo com as mãos.

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta — rebateu ela.

— É um pouco tarde para modéstia agora, quando passei as últimas noites passando uma esponja no seu corpo para baixar sua febre — disse ele severamente. — Mas pelo menos você finalmente está com o rosto corado. — Ele demonstrou compaixão por ela e lhe atirou uma toalha. — Quanto ao que estou fazendo aqui... Eu vim checar se você havia voltado para a cama. Eu deveria ter me dado conta de que você seria estúpida o suficiente para tentar tomar banho sem ajuda.

— Eu não sou estúpida. — Lauren lhe deu um olhar furioso. — Estou me sentindo muito melhor e não preciso de ajuda. — Ela se recusava a admitir que suas pernas estavam perigosamente bambas, mas é claro que escolheram aquele instante para vacilar, de modo que ela teria caído no chão do chuveiro se Ramon não a tivesse segurado.

— É claro que não está — disse ele sarcasticamente enquanto a pegava nos braços e caminhava até o quarto.

Ela apertou a toalha junto a si quando Ramon a colocou de pé. Ele abriu uma gaveta no armário ao lado da cama e lhe entregou uma camisola de seda fininha cor de pêssego que definitivamente não era dela.

— Você estava tão doente quando saímos do seu apartamento que eu tive de te carregar até o carro, e me esqueci de arrumar uma mala com suas roupas — disse ele. — Eu comprei coisas novas para Mateo e alguns itens para você, mas você vai ter de comprar mais quando estiver se sentindo melhor.

— Isto não vai ser necessário — disse Lauren de maneira tensa. — Matty e eu não vamos ficar por muito tempo. Você não pode nos *obrigar* a ficar aqui — choramingou ela quando o rosto de Ramon se enrijeceu.

— Eu pretendo fazer o que for melhor para o meu filho — disse ele de forma funesta.

— Isso precisa ser uma batalha? — argumentou ela. — Ambos queremos o melhor para Matty. Não podemos chegar a um acordo amigável sobre como deveríamos cuidar dele?

— Acho que é possível... contanto que nós dois coloquemos as necessidades de Mateo em primeiro lugar. — Ele a pegou nos braços antes que ela tivesse tempo de protestar e a carregou de volta para a cama. — Você precisa descansar. Você esteve muito doente e ainda vai levar alguns dias até recuperar as forças totalmente.

— Eu quero ficar com Matty — protestou Lauren. — Quem está cuidando dele?

— Minha mãe o levou para um passeio nos jardins.

Era ridículo sentir ciúme desta nova mulher na vida de Matty, Lauren disse a si, mas ao mesmo tempo os olhos dela embaçaram com as lágrimas.

— Eu sinto falta dele — falou ela intensamente.

— Ele sentiu sua falta também. O único jeito que conseguimos fazê-lo sossegar na noite passada foi deitando-o ao seu lado na cama. Uma vez que ele dormiu, eu o levei para o quarto de bebê.

Ramon enrijeceu o maxilar. Se ele precisava de uma prova de que seu filho precisava da mãe, esta havia sido estabelecida pela visão de Mateo curvado contra a mãe enquanto seus soluços cessavam gradualmente. O laço entre mãe e filho era inegável, mas Mateo precisava do pai também, e na cabeça de Ramon havia apenas uma solução lógica que iria permitir a seu filho ser criado por ambos os pais.

— Vou trazer Mateo para te ver depois da soneca.

Ele pausou e observou Lauren, os olhos atraídos pelos contornos arredondados dos seios e pela pele levemente mais escura dos mamilos dela, visíveis através do tecido diáfano da camisola.

— Quem é Donny? — perguntou ele abruptamente.

Lauren lhe deu um olhar surpreso.

— Ele é meu pai — disse ela após um instante. — O nome dele é Donald. Quando eu era criança, costumava chamá-lo de Donny, em vez de papai, e ele me chamava de Laurie. Era só uma bobagem nossa. — Ela hesitou. — Por que a pergunta?

— Você ficou murmurando o nome dele enquanto estava doente.

Lauren tinha uma lembrança vaga sobre ter sonhado com o pai. Ele estava caminhando por um jardim, carregando uma pasta. O sonho havia sido uma reencenação do dia em que Donald Maitland abandonou a esposa e a filha.

Então Donny não era o amante dela. Mas isso não queria dizer que Lauren não tinha um amante na Inglaterra, pensou Ramon. A idéia de ter um homem desconhecido no apartamento dela, possivelmente assumindo o papel de padrasto de Mateo, o deixava furioso a ponto de socar a parede.

— Quando você descobriu que estava grávida, *deveria* ter me contado... por amor a Mateo — disse ele asperamente, incapaz de controlar a raiva. — Teria sido bem melhor para ele se você tivesse largado seu emprego e tivesse sido mãe em tempo integral. Eu teria cuidado de vocês dois...

— Eu não queria seu dinheiro — disse Lauren de maneira contundente.

— Talvez não quisesse, mas teria sido melhor para Mateo se você tivesse me envolvido na história.

De repente ela se sentiu desesperadamente cansada. Uma conseqüência da gripe, ela supôs. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela piscou freneticamente para dispensá-las. Lidar com Ramon era emocionalmente desgastante na melhor das hipóteses e eles ainda precisavam discutir o acordo da divisão de custódia do filho.

— Eu apenas quis fazer o melhor para Matty.

Ramon se aproximou da cama e a encarou com um olhar duro que preencheu Lauren com uma sensação súbita de mau agouro.

— Neste caso —- disse ele friamente — presumo que você não tem objeções em se casar comigo?

— Devo presumir que você está brincando? — replicou Lauren após um silêncio prolongado de choque.

Ela foi tomada pela raiva:

— Você não quer se casar comigo, então não tente fingir que quer. Eu nem mesmo atingi o status de namorada quando estávamos juntos. Você sempre me enxergou como sua amante, e o fato de eu ter dado à luz seu filho não é um motivo bom o suficiente para nos unir numa relação que nenhum de nós deseja. Nós dois podemos estar envolvidos na criação de Matty sem um casamento ridículo — insistiu ela desesperadamente quando Ramon não disse palavra e simplesmente a analisou com um olhar sombrio, imperscrutável.

— Como? — quis ele saber rudemente.

— Bem... — Lauren lutava para visualizar como poderia ser realmente possível para ambos criarem Mateo quando moravam em países diferentes. — Talvez você pudesse comprar uma casa na Inglaterra e ele pudesse ficar com você quando o visitasse — sugeriu ela, repelindo instantaneamente a idéia de que tivesse de passar dias, até mesmo semanas longe de Matty enquanto ele estivesse com o pai.

— Já deixei claro que Mateo vai morar permanentemente no Castillo dei Toro.

— Mas seria complicado para mim me mudar para a Espanha e encontrar um emprego. Eu falo espanhol razoavelmente bem, mas não estou familiarizada com a legislação local. Eu provavelmente teria de fazer uma graduação em Direito aqui.

Ramon deu de ombros, indicando sua indiferença em relação à preocupação dela com sua carreira.

— Como minha esposa, você não vai precisar de trabalho. Vou providenciar tudo do que você possivelmente pudesse precisar.

— Eu não *quero* que você me sustente — argumentou Lauren, o pânico surgindo dentro dela. — Trabalhei duro para ter uma boa carreira e valorizo minha independência.

Ele a olhou de maneira especulativa.

— O que você valoriza mais, Lauren? Sua independência ou seu filho? Porque você não pode ter ambos — disse ele a ela em um tom implacável que fez seu coração mergulhar no peito.

— Isto é ridículo — disse ela de forma trêmula, as mãos tremendo quando ela tirou o cabelo do rosto. — Você não pode querer se casar comigo. Não sou uma espanhola de sangue azul e não saberia ser uma *duquesa.*

— É verdade que você não é uma escolha ideal — disse Ramon a ela com uma franqueza brutal. — Mas você é a mãe do meu filho e por ele tenho o dever de me casar com você para que ele possa crescer sob os cuidados de ambos os pais.

— Você precisa enxergar que nunca funcionaria. Para começar, como você iria se sentir por estar casado com uma mulher que não ama?

— O amor nunca esteve nos meus planos — disse ele de maneira negligente. — Eu não considero isto um pré-requisito para um casamento bem-sucedido. Nós dois queremos estar com nosso filho enquanto ele cresce, e acredito que somos adultos o suficiente para sermos capazes de fazer a coisa funcionar. Nós já fomos amigos — lembrou a ela. — E nós provamos na noite do baile que ainda somos sexualmente compatíveis... não concorda, *querida?* — quis saber ele, a voz tão atordoantemente sexy que Lauren sentiu um latejar profundo na pélvis.

— Aquela noite foi um erro e eu lamento que tenha acontecido — disse ela, trêmula.

— Mesmo? — falou ele lenta e sarcasticamente. — Então espero que você esteja preparada para uma luta pela custódia. — Pegando-a de surpresa, Ramon caminhou a passos largos para fora do quarto. Ele olhou para trás quando estava perto da porta.

— E espero que você esteja pronta para perder... porque nunca vou desistir do meu filho — disse Ramon severamente, deixando-a olhando para ele, o coração palpitando de medo.

Depois que Ramon saiu, Lauren pulou da cama, e então teve de parar por alguns instantes quando sentiu a cabeça girar. A fraqueza nos membros era enfurecedora e a fazia perceber o quão doente ela havia estado. Ela precisava tirar Matty do castelo, pensou freneticamente.

O plano era encontrar Matty, e então telefonar para um serviço de táxi para levá-los até o aeroporto. Lauren tinha certeza de que Ramon presumiria que ela estivesse descansando no quarto, e, com sorte, ela poderia escapar do castelo antes que ele percebesse. Mas quando ela deu um passo no longo corredor, não fazia idéia para qual lado ir. Para seu alívio, uma governanta apareceu.

— Onde está o *senor* Velaquez? — perguntou ela à jovem, grata por falar espanhol razoavelmente bem. — Quero encontrar meu filho — disse ela à empregada com

urgência. — Você sabe onde ele está?

— *Si* — assentiu a governanta. — Siga-me e vou te levar até ele.

Ao fim do corredor, havia uma série de portas, uma das quais estava levemente entreaberta, revelando um toque moderno extra do castelo: uma linda estufa com vista para os extensos jardins além. O sol brilhava através das janelas por sobre as mulheres e crianças que estavam nos sofás ou, no caso das crianças, espalhadas pelo chão em volta de um bebê risonho.

Mateo parecia completamente à vontade dentre todos, aqueles estranhos. Lauren pensou vagamente. Ela supôs que a mulher mais velha com aparência de realeza fosse a mãe de Ramon, e as três mulheres mais jovens, uma das quais em estágio final de gravidez, deveriam ser suas irmãs.

Ela ficou detrás da porta entreaberta e observou Matty. Ele estava sentado sobre um tapete, cercado por um grupo de meninos e meninas. As crianças o estavam ensinando a bater palmas, gargalhando e conversando em espanhol, e para a surpresa de Lauren Matty já parecia compreendê-los e estava sorrindo alegremente.

Ele *pertencia* àquele lugar. O pensamento a atingiu com a força de uma lança em seu coração. Com seus cachinhos negros e pele morena clara, ele era a imagem e semelhança de seus primos, mas compartilhava mais do que uma semelhança física com eles. Matty era um Velaquez, um membro da nobreza espanhola. O castelo era seu lar legítimo e aquelas pessoas eram sua família. Como ela poderia levá-lo para seu lar inegavelmente pequeno, para um estilo de vida que estava longe do ideal? Ela odiava ter de deixá-lo na creche todos os dias, mas havia acreditado que não tinha escolha.

As escolhas dela agora não eram ótimas, pensava ela sombriamente. Ela podia concordar com um casamento sem amor, desistir de seu emprego e de sua independência, e ser tolerada ali apenas pelo fato de ser a mãe de Matty. Ou ela poderia arriscar uma batalha judicial contra Ramon, a conseqüência que, na melhor das hipóteses, lhe renderia a guarda compartilhada de seu filho e poderia, numa permissão para Ramon, ser concebível manter Matty na Espanha, enquanto para ela seria resguardado o direito de visitá-lo apenas algumas vezes por ano.

Não havia escolha, reconheceu ela pesarosamente. Ela preferiria morrer a ser separada de seu bebê.

Cinco minutos depois, Ramon a encontrou no corredor, parada como se fosse uma estátua de mármore enquanto observava Mateo e seus primos na estufa adiante.

— Você está péssima — disse ele de forma contundente quando chegou até ela. — Você não deveria ter descido.

Finalmente ela virou a cabeça para ele, e o resplendor das lágrimas penduradas nos cílios dela evocou uma dor curiosa no íntimo dele.

— Lauren...?

— Você venceu: — disse ela, a voz tão frágil quanto vidro. — Não posso tirar Matty daqui, levá-lo para longe da sua família. Mas não consigo viver sem ele. — Ela engoliu em seco e então prosseguiu rapidamente, antes de a coragem abandoná-la: — Sendo assim, por ele, vou me casar com você.

Ela fez soar como se estivesse se oferecendo a um sacrifício humano, pensou Ramon de maneira irritada. *Dios,* ele era um *duque* bilionário, e de agora em diante ela iria viver uma vida de luxos.

— Você já pensou que se casar comigo pode não ser a provação que você parece achar que será? — perguntou ele sucintamente. — Como minha esposa, você vai ter tudo que desejar.

— Como você sabe o que desejo? — disse Lauren baixinho. As palavras dele dilaceraram o coração dela, pois ela sempre ansiaria pela única coisa que ele nunca poderia lhe dar.

Praguejando, Ramon a guiou até o escritório, caminhou até a escrivaninha e pegou

algo em uma gaveta.

— Agora que estamos noivos formalmente, você vai usar isto — disse ele a ela, abrindo uma caixinha de veludo para revelar uma aliança, que fez Lauren engasgar.

Obviamente era uma antigüidade: um enorme rubi cercado por um círculo de diamantes e outro círculo de rubis menores.

— É uma monstruosidade — murmurou ela, verbalizando o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça quando Ramon pegou sua mão fria e deslizou o anel por um dos dedos.

— Só *você* poderia descrever um anel recentemente avaliado em um milhão de libras como uma monstruosidade — disse Ramon secamente. — Para gerações incontáveis toda noiva dos Velaquez ganhou este anel, e minha família espera que você continue com a tradição.

Um milhão!

— Mas suponhamos que eu o perca? — argumentou Lauren enquanto olhava horrorizada para o anel enorme. — Ramon, não acha que não tem necessidade disso? Não é como se estivéssemos nos casando pelos motivos convencionais. Não estamos *apaixonados* um pelo outro — explicou ela de maneira contundente quando as sobrancelhas castanhas dele se ergueram de forma zombeteira.

— Eu duvido que o amor tenha sido um fator da hora de muitos de meus ancestrais escolherem uma noiva — respondeu ele laconicamente. — Para muitos o casamento era um arranjo de negócios entre famílias abonadas.

Enquanto Lauren pensava nas palavras dele, ele lhe agarrava o cotovelo e a guiava para fora do escritório e corredor afora, rumo às portas que levavam à estufa.

— Minha mãe, no entanto, tem a ilusão de que nosso acordo tem a ver com amor — disse ele a ela de maneira severa — e eu não tenho a intenção de destruir seus ideais românticos.

— Isso quer dizer o quê exatamente?

— Significa que na frente da minha família você vai agir como minha noiva apaixonada.

— Desculpe, mas não sou tão boa atriz assim — murmurou Lauren sarcasticamente.

— Talvez isto te ajude a entrar no personagem.

Ramon baixou a cabeça antes de ela perceber sua intenção, e seu arfar surpreso se perdeu sob a pressão faminta da boca dele. Ela estava despreparada para a investida da língua dele entre seus lábios e, para a própria vergonha, foi tomada por um desejo quente e desmedido enquanto ele a explorava com um erotismo audacioso que a deixava fraca, trêmula e se dependurando a ele em busca de apoio.

Ela estava com o rosto vermelho quando Ramon finalmente interrompeu o beijo, e o constrangimento dela se intensificou quando descobriu que ele havia aberto a porta enquanto a estava beijando e eles foram vistos por todos na estufa.

— Bem, Ramon, espero que você esteja prestes a anunciar seu noivado e acabe com nosso rubor — comentou uma das jovens com uma voz divertida.

— Estou — respondeu Ramon, com triunfo em sua voz enquanto ele deslizava o braço em torno da cintura de Lauren e a empurrava para frente. Ele a guiou até a mulher mais velha, que se levantou do sofá quando eles se aproximaram. — *Madre,* esta é Lauren, a mãe do meu filho, e estou feliz por informar, em breve será minha esposa.

— Lauren, bem-vinda. Sou Marisol e estas são minhas filhas: Alissa, Juanita e Valentina, que você deve ter adivinhado, está esperando gêmeos.

Lauren gostou dela instantaneamente e o medo de que a mãe de Ramon não aprovasse o casamento dele com uma mulher inglesa em vez de um membro da nobreza espanhola foi atenuado pelo calor no sorriso da mulher mais velha.

— Estamos encantadas em conhecê-la, Lauren, e sentimos muito por você ter estado doente. — Juanita, a irmã de Ramon que havia falado primeiro, agora se dirigia a

Lauren num inglês perfeito. — Ramon explicou que você teve uma febre alta. É uma sorte que Mateo não tenha contraído o vírus.

Lauren não tinha dúvidas de que a família de Ramon havia aceitado seu filho de coração, especialmente a avó dele, pensou ela severamente, quando notou a expressão suave no rosto de Marisol Velaquez. Ela se ajoelhou em frente a Matty, o coração dolorido de amor por ele. Ele esticou os bracinhos imediatamente e ela o abraçou junto a si, fechando os olhos enquanto aspirava o perfume delicioso de seu bebê.

Foi preciso toda sua energia para ficar de pé com Matty nos braços. Lauren tinha certeza de que ele havia crescido nos últimos quatro dias, enquanto ela estivera doente. Ele certamente estava mais pesado, pensou ela fazendo uma careta, ou talvez ele apenas parecesse mais pesado porque a gripe a havia deixado terrivelmente fraca.

— Deixe-me levá-lo — disse gentilmente a mãe de Ramon. — Você ainda não está forte o suficiente para carregar este lindo e enorme bebê.

— Venha... é hora de você voltar para a cama — disse Ramon a ela, pegando-a nos braços e ignorando seus protestos.— Quanto mais cedo você se recuperar, mais cedo poderá se tornar minha esposa — acrescentou ele com um olhar de zombaria que fez Lauren querer estapeá-lo.

— Eu sei andar — disse ela furiosamente enquanto ele saía da estufa e cruzava o corredor. — Sua família não pode nos ver agora e não há necessidade de agir como noivo apaixonado comigo. Ao contrário da sua mãe, eu não tenho ilusões a seu respeito.

— Talvez não — disse ele calmamente —, mas você teve o bom-senso de concordar em se casar comigo para manter seu filho, e por amor a Mateo vai ser melhor se acabarmos com as hostilidades e tentarmos ser amigos.

Lauren ficou em silêncio enquanto ele a carregou escadarias acima e ao longo de vários corredores até eles chegarem ao quarto dela.

— Como pode esperar amizade da minha parte quando me chantageou para casar com você? — quis ela saber amargamente quando ele a colocou de pé. — Você usou meu amor por Matty de maneira insensível para conseguir o que queria.

— Eu fiz o que é melhor para o nosso filho — disse ele inexoravelmente. — Mateo precisa de nós dois.

Antes que Lauren tivesse chance de reagir, ele a girou e abriu o zíper de seu vestido.

— O que você pensa que está fazendo? — Ela tentou afastar as mãos dele, mas ele a ignorou a puxou o vestido pelos quadris, fazendo-o cair no chão.

— O casamento será muito em breve, querida — murmurou ele. — O melhor lugar para você se recuperar da sua gripe é na minha cama.

Ele precisou apenas olhar para ela, e Lauren ficou louca de desejo por ele, pensou ela desesperadamente. Os seios estavam inchados e ela foi atingida por um calafrio quando ele colocou as mãos em cada lateral do corpo dela. Ela ergueu a cabeça cegamente, pensando que ele iria beijá-la, mas seus olhos se abriram em choque quando ele removeu as cobertas e a colocou na cama gentilmente.

— Fico feliz que você compartilhe da minha impaciência — disse ele com uma voz divertida — mas você não está forte o suficiente para o que tenho em mente.

— Eu te odeio — murmurou Lauren entre os dentes, queimando de humilhação. Ela virou a cabeça para um lado quando ele se inclinou sobre ela, mas ele lhe agarrou o queixo e a forçou a encará-lo enquanto ele a puxava e lhe capturava a boca em um beijo punitivo com a intenção de provar seu domínio.

Ela deveria resistir a ele. O cérebro dela sabia disso, mas infelizmente seu corpo não concordava. A língua dele provou a linha fina dos lábios dela até que, com um gemido, ela os entreabriu de modo que ele pudesse sondar sua umidade cálida.

— Amo o jeito como você odeia, *querida* — falou Ramon de modo pachorrento quando finalmente interrompeu o beijo e ambos recuperaram o fôlego. Ele se levantou da

cama e a observou calmamente enquanto ela puxava o lençol por sobre o corpo seminu. — Chantagem é uma palavra feia. Eu posso tê-la compelido a se casar comigo, por amor ao nosso filho, mas por mais que eu te deseje, eu nunca te forçaria a ir para a cama comigo. Felizmente, não precisarei fazer isto... precisarei, Lauren?

Ela lhe deu um olhar furioso.

— Não fique zangada — repreendeu-a. — A paixão é um alicerce para um casamento bom como qualquer outro... Particularmente quando combinada ao nosso desejo mútuo de fazer o melhor para Mateo. O que mais há para se desejar?

Amor! Lauren queria gritar. Ela queria que ele a amasse do jeito que ela o amava praticamente desde o dia em que o conhecera. Mas neste momento em especial ela estava tão brava com ele por demonstrar seu poder sobre ela que Lauren só queria jogar um objeto pesado na cabeça dele.

— Saia — rebateu ela, nervosa além do tolerável por causa do sorriso arrogante dele.

— Isso não é modo de falar com o homem a quem você logo estará prometendo honrar com seu corpo. — Confie em mim, *querida* — disse ele com uma urgência repentina. — Eu acredito que nós podemos fazer nosso casamento funcionar.

Algo na voz dele fez Lauren chorar, e ela virou a cabeça levemente sobre o travesseiro de modo que ele não visse seus olhos marejados.

— Não acho tão fácil assim confiar — admitiu ela rudemente, perdendo a batalha contra as ondas de sono que estavam minando suas forças.

Será que havia acontecido algo no passado para fazê-la valorizar tanto sua independência e tornar difícil para ela confiar nas pessoas? Pensou Ramon enquanto ficava perto da cama e olhava para ela. Havia tanta coisa que ele não sabia a respeito dela, já que durante o caso dele ele deliberadamente não se envolvera na vida pessoal dela. Manter aquela distância entre eles o fazia sentir que ele estava no controle da relação, mas agora que ela estava prestes a se tornar esposa dele, ele podia se permitir baixar a guarda. Talvez, na hora certa, ele fosse ser capaz de persuadi-la a baixar a guarda dela.

CAPÍTULO SETE

Eles se casaram duas semanas depois, em uma capela particular no castelo. O casamento foi modesto, apenas com familiares próximos e a presença de amigos do noivo e de nenhum amigo da noiva.

Ramon havia perguntado para Lauren se ela desejava convidar alguém da Inglaterra, mas ela decidira não fazê-lo, pensando que já seria complicado o suficiente enganar a família dele fingindo ser uma noiva radiante sem precisar manter a charada para os próprios amigos.

— Eu não quero que mamãe e Alan interrompam o cruzeiro — havia explicado a Ramon quando ele a chamara no escritório para discutir os preparativos do casamento.

— Quem é Alan?

— Meu padrasto. Minha mãe se casou com ele há dois anos e esta viagem é uma lua de mel atrasada.

— E o seu pai de verdade? — Ramon hesitou quando Lauren ficou visivelmente

tensa. — Ele é falecido?

Não que ela soubesse, pensou ela vagamente. Mas não havia tido uma notícia dele desde o dia em que ele foi embora e não tinha conhecimento do seu paradeiro.

— Meus pais são divorciados e eu sei que papai vai ser incapaz de vir à Espanha — disse ela a ele, e mudou de assunto antes que ele pudesse perguntar algo mais.

E assim, em um dia claro de primavera, enquanto o sol brilhava num céu sem nuvens, Lauren chegava à capela sozinha e era escoltada pelo pórtico arredondado pelo chofer, Arturo.

Apesar de o dia estar quente, ela estava gelada por causa da tensão ferroando seu estômago assim que começou o que parecia uma caminhada interminável pela nave sob olhares curiosos dos convidados, os olhos fixados no homem belo e sério aguardando no altar. Durante alguns segundos ela se apavorou e ficou tentada a se virar e fugir. Mas então ela viu Matty, sentado no colo de Cathy Morris no banco da frente da igreja, e deu um suspiro profundo. Ela preferiria morrer a ser separada de seu filho, e se queria evitar uma batalha pela custódia do filho contra Ramon, deveria se casar com ele. Era simples assim.

E ela estava velha demais para acreditar em contos de fadas, afinal, lembrava a si enquanto parava ao lado de Ramon e se forçava a encará-lo.

— Obrigada pelas flores — murmurou ela timidamente. — Foi uma surpresa agradável.

O mordomo a havia presenteado com o buquê quando ela estava prestes a sair do castelo para o curto trajeto até a capela, informando-a que elas eram uma oferta de *el duque.*

Ramon havia mandado três dúzias de rosas vermelhas um dia depois que ela o conhecera, com um bilhete convidando-a para jantar, ela se lembrava. O coração dela deu uma pequena cambalhota quando ela pensou se dar rosas no dia do casamento tinha algum significado para ele.

— Teria sido estranho se minha noiva não carregasse flores — disse ele friamente.

O sorriso dela não vacilou. O casamento deles era de natureza prática, não um conto de fadas, ela se lembrou, e endureceu o coração para ignorar o pesar assombroso pelo fato de as coisas não poderem ter sido diferentes.

A cerimônia na igreja foi seguida por um almoço no castelo. A equipe da cozinha se superou e a refeição estava espetacular, sendo finalizada por um bolo de casamento de cinco andares lindamente decorado, o qual Ramon e sua nova noiva cortaram juntos.

Lauren adivinhou que havia certa quantidade de fofocas dentre os convidados, envolvendo o fato de o duque de Velaquez estar se casando com a mãe de seu filho quase um ano depois que a criança havia nascido, e também por sua nova esposa não ser um membro da nobreza espanhola. Mas ninguém mencionou tais questões, pelo menos não na cara dela, e os parentes de Ramon pareciam felizes em recebê-la na família.

Uma convidada não parecia compartilhar da satisfação de todos os outros pelo fato de o duque ter se casado. Durante o almoço Lauren estivera consciente dos olhos escuros submetendo-a a um demorado escrutínio, e em alguma ocasiões, quando ela olhou pelo ambiente, seu olhar colidiu com o olhar gélido de uma espanhola assustadoramente linda.

— Pilar é estonteante, não é? — murmurou Juanita, irmã de Ramon, quando ela se juntou a Lauren perto das portas francesas e passou o olhar pelo terraço, onde Ramon estava absorto numa conversa com uma mulher esbelta, elegante, cuja massa de cachos escuros lhe caía sobre as costas. — Você provavelmente ouviu falar dela ou viu alguma foto — continuou Juanita. — Pilar Fernandez é uma das top models mundiais. Acho que ela vai se concentrar na carreira de modelo agora que... — Juanita parou abruptamente, e pareceu tão desconfortável que a curiosidade de Lauren foi despertada:

— Agora que o quê?

— Agora que Ramon se casou com você — murmurou Juanita, arrependendo-se claramente por ter surgido com o assunto Pilar Fernandez. — Era meio que esperado que... Bem, de qualquer modo — ela se apressou quando viu a expressão de Lauren desmoronar — Pilar é adorada pelos grandes estilistas, então não acho que ela vá visitar o castelo tanto quanto costumava.

As palavras da irmã de Ramon não eram reconfortantes, pensou Lauren de forma sombria. Quando Ramon a levara para jantar em Londres, ela tinha ignorado a relação dele com Pilar, considerando-a nada mais do que amizade, mas claramente havia sido mais do que isso, se havia existido uma expectativa para que *ela* fosse escolhida por ele para ser sua esposa.

Faria sentido para ele se casar com ela, pensou Lauren. Pilar era uma espanhola aristocrática, do círculo social de elite de Ramon, elegante, sofisticada e idealmente adequada para ser uma *duquesa.* Perdida nos pensamentos, Lauren saiu do terraço e caminhou na direção oposta de Ramon e sua acompanhante. Ela acelerou quando alguém chamou seu nome e seu coração afundou no peito quando ela olhou para cima e encontrou o olhar arrogante de Pilar.

— Mateo é uma criança encantadora. Ramon claramente tem muito orgulho dele — comentou a espanhola num tom claramente frio.

— Nós dois somos — respondeu Lauren educadamente, se sentindo desconfortável sob o escrutínio intencional de Pilar.

— Ramon se casou com você para reivindicar o filho, é claro.

Era uma declaração, não uma pergunta, e Lauren não sabia o que dizer. Era verdade, afinal, pensou ela com pesar.

Pilar deu de ombros como quem pedia licença para sair.

— Talvez você não seja *duquesa* por muito tempo, agora que Ramon tem o filho — sugeriu ela suavemente e se foi, deixando Lauren olhando para ela, tremendo de repente, quando uma nuvem cobriu o sol com uma sombra acinzentada.

A suíte principal do castelo era dominada por uma cama com dossel com veludo drapeado. Era uma cama enorme para uma pessoa, mas talvez Ramon não dormisse sozinho muito freqüentemente, pensou Lauren vagamente. Talvez Pilar Fernandez tivesse compartilhado a cama com ele durante os 18 meses em que eles haviam estado separados?

Pare, disse Lauren a si furiosamente. Ela estava inventando coisas, só porque Pilar havia feito um comentário malicioso sobre Ramon não querê-la como sua esposa por muito tempo.

Ramon ainda estava no andar de baixo, se despedindo dos últimos convidados, mas em poucos minutos ele se juntaria a ela. Após o conflito com Pilar ela se obrigara a voltar às celebrações do casamento e conversara e sorrira até sentir o maxilar doer.

Com um suspiro pesado, ela passou por uma porta que dava para um quarto adjacente que ele explicara ser tradicionalmente o quarto da duquesa.

Ela sentiu os olhos coçarem e, quando se viu no espelho, ficou desesperada de repente para se livrar dos aparatos do casamento. O vestido e as rosas haviam sido parte de uma ilusão, criada por Ramon para fazer todo mundo acreditar que o duque de Velaquez e sua noiva estavam abençoadamente felizes. Mas ela sabia a verdade e, com mãos trêmulas, rasgou o vestido dos sonhos e o frágil sutiã de renda que usava por baixo. Revirando a gaveta, ela pegou uma camiseta grande de algodão que estava dentre suas coisas mandadas da Inglaterra.

Ela estava em frente à penteadeira, escovando os cabelos, quando Ramon entrou.

— Não é exatamente o que eu imaginava — disse ele quando seus olhos deslizaram sobre a camiseta larga que ganhara manchas inapropriadas durante a lavagem. — Sua escolha de roupa para a noite deixa muito a desejar, *querida.* Embora nem mesmo *este*

vestuário disforme não apague meu desejo por você — acrescentou ele ironizando a si mesmo, quando ela girou para encará-lo e ele notou o contorno leve dos mamilos dela sob a camiseta fina.

— O que *você* imaginava? — perguntou ela de maneira contundente.— Que você iria entrar aqui e exigir seus direitos maritais?

— Não exigir — disse ele baixinho. — Eu não acho que precisaria fazê-lo. Você é minha esposa, e admito que havia presumido que iríamos passar a noite de núpcias redescobrindo a paixão que sempre inflamou entre a gente.

— Eu só sou sua esposa porque você concluiu que queria que Matty fosse seu herdeiro — disse Lauren resolutamente.

Ramon enrijeceu o queixo.

— Ele é meu filho e por definição também é meu herdeiro. Eu sempre iria querê-lo, mas você não me deu a oportunidade de ser o pai dele.

— Você deixou claro que eu só poderia ser sua amante. Na sua visão eu não era boa o suficiente para o grandioso duque de Velaquez, e eu acreditava que você se sentiria do mesmo jeito a respeito do meu filho.

E aquela era a raiz de seu ressentimento, reconheceu Lauren. Ela só era boa o suficiente para Ramon agora porque havia lhe dado um filho. Sem Matty ele só a teria desejado como amante. Ela não era uma aristocrata espanhola sofisticada como Pilar Fernandez, mas certamente não iria revelar a Ramon seu ciúme por causa da linda modelo.

— Eu não penso em Mateo como seu filho ou meu filho. Ele é parte de você e parte de mim, e nós nos casamos para que ambos possamos cuidar de nosso filho, que fizemos juntos — disse Ramon, o sotaque muito forte de repente, e as palavras dele afloraram as emoções de Lauren. — Achei que por ele nós fôssemos fazer o melhor possível para construir um relacionamento.

— Fazendo sexo? — murmurou Lauren severamente.

Ele não negou.

— Sexo é um começo. Foi onde tudo começou, afinal. Eu vi você numa boate lotada e te desejei mais do que jamais desejei qualquer mulher. — Ele pausou e então acrescentou gentilmente: — E ainda desejo. E eu acho, Lauren, que embora você pareça determinada a negar isto, que você me deseja também.

Talvez ele estivesse certo. Sexo *era* um começo. Foi o que os unira durante os seis meses em que tiveram um caso, e se ela não tivesse engravidado, quem poderia dizer por quanto tempo eles teriam ficado juntos?

Era justo culpar Ramon porque ele não havia se apaixonado por ela? E era justo afastá-lo e negar o que ambos queriam só porque ela tinha medo de que ele fosse um adúltero incorrigível como seu pai fora? Ele não fazia idéia de quanto aquilo era difícil para ela, mas se ela quisesse que o casamento deles tivesse alguma chance, teria de tentar.

— Eu não sou uma linda aristocrata de sangue azul —-murmurou ela, incapaz de se esquecer de Pilar.

— Para mim, você é a mulher mais linda do mundo — disse Ramon atentamente. — E seu sangue poderia ser verde fluorescente que eu não ligaria. Você é a mãe do meu filho. — Ele fez uma careta lastimável. — E o motivo pelo qual eu tenho tomado muitos banhos gelados nas últimas semanas para agüentar. Eu me comprometi a você, Lauren, e eu quero deixar nossas diferenças de lado e fazer nosso casamento funcionar — disse ele firmemente. — Mas tem de querer isto também, porque são necessários dois para fazer um casamento. — Ele sustentou o olhar dela, e ela engoliu em seco diante do calor latente nos olhos dourados dele. — Você quer consumar nosso casamento?

Ela poderia negar e manter o orgulho, ou poderia aceitar um casamento que não era perfeito, mas que com o tempo poderia crescer e se desenvolver para um relacionamento

mais profundo. A escolha era dela.

— Sim — sussurrou ela. Um calafrio de excitação lhe percorreu a espinha diante do brilho duro no olhar dele.

— Então venha cá.

O primeiro passo foi o mais difícil, o segundo um pouco mais fácil. E então ele se movimentou também e a encontrou no meio do quarto, respirando de maneira ofegante quando a pegou nos braços.

— Você estava tão linda hoje, *querida.* Mas tenho de admitir que meu pensamento principal quando te vi com o vestido de noiva hoje foi sobre o quão logo eu poderia tirá-lo de você. — Me dá ainda mais prazer remover *esta* monstruosidade — rosnou ele, tirando a camiseta dela em um movimento hábil para revelar seus seios firmes e cintura esbelta, o pedacinho de tanga de renda escondendo a feminilidade da visão dele.

Com um gemido de desejo ele a carregou e a levou até o quarto principal, onde a colocou sobre a cama e se deitou sobre a delicadeza do corpo dela, comprimindo os seios contra o peito dele enquanto clamava por sua boca em um beijo devastadoramente sensual.

— Esse sempre foi o jeito como nos comunicamos melhor — falou ele com dificuldade.

— Então faça amor comigo — ela convidou suavemente.

Ela tremeu de expectativa quando ele abarcou seus seios nas palmas das mãos.

— Linda... e toda minha — e gemeu com satisfação intensa quando levantou a cabeça para visualizar os montículos brancos como nata. Ele acariciou os mamilos rosados com os polegares, então eles se destacaram e intumesceram provocativamente para ele, e sorriu diante das lamúrias suaves de prazer dela. — Você vai me considerar um marido muito possessivo, *querida* — alertou-a antes de fechar a boca em torno de um dos bicos tesos, e então sobre outro, daí sugar até ela estremecer sob o corpo dele e implorar para ele nunca, *nunca* parar.

Lauren pressionava as costas contra o colchão e fechava os olhos com felicidade enquanto Ramon trilhava a boca dos seios à barriga dela, e então mais baixo ainda. O calor fundido entre as coxas dela era uma prova de sua excitação, mas Ramon parecia ter a intenção de lhe dar prazer máximo, e ela arfou quando ele lhe entreabriu as pernas e mergulhou a cabeça ali no meio.

A sensação da língua dele pulsando para cima e para baixo antes de sondar a região gentilmente a fez tremer, e ela enredou os dedos nos cabelos sedosos dele e soluçou seu nome quando ele fechou os lábios em torno da protuberância sensível de seu clitóris. Tudo estava acontecendo rápido demais; ela estava saindo do controle. Mas quando os primeiros espasmos do orgasmo começaram a ondular por ela, ele se movimentou rapidamente sobre ela e a adentrou com uma investida rija que a fez gritar.

— Eu te machuquei? — ele quis saber tensamente, o peito ofegante, enquanto lutava por controle.

— Não. — Ela arqueou sob o corpo dele e enlaçou as pernas em torno das costas dele, desesperada para ele investir novamente. — Não pare — ela arquejou.

De repente ele pareceu perceber que ela estava perto do clímax e deslizou as mãos para debaixo dos quadris dela para ajeitá-la de modo que ele pudesse ir mais fundo dentro dela.

A sensação em espiral dentro dela estava ficando mais e mais tesa. Ela abriu os olhos quando ele parou de se movimentar, mas antes que pudesse implorar a ele para continuar, ele mudou a posição deles e puxou as pernas dela para cima, para que se apoiassem sobre os ombros dele.

— Confie em mim, *querida.* Vai ser ainda melhor para você deste jeito — prometeu ele.

E foi. Ele a penetrou com força e a preencheu completamente, cada investida tão

profunda e intensa que o prazer foi indescritível, impossível de resistir.

O orgasmo dela foi devastador, mas um pedacinho da consciência dela sentia que ele estava perto do próprio nirvana, e ela ergueu os quadris para ir de encontro à última investida selvagem dele, ouviu o gemido violentamente arrancado da garganta dele quando o corpo enorme tremeu em função do forte alívio.

Levou muito tempo para Lauren voltar a si, e ela se deitou de forma contente sob Ramon, adorando a sensação do corpo quente, relaxado dele pressionando-a contra o colchão. Finalmente ele rolou de cima, porém enroscou o braço imediatamente em torno dela e a puxou para mais perto.

— Lágrimas, querida? — perguntou ele ofegante, esfregando os dedos no rosto dela e trilhando os arroios gêmeos de umidade.

Ela não podia contar a ele que naqueles momentos de paixão intensa sentia como se as almas deles, assim como os corpos, se fundissem em uma.

— Eu só queria que as coisas tivessem sido diferentes — sussurrou ela, imaginando como seria se ele a amasse. Talvez ele fosse murmurar suaves palavras de carinho ao ouvido dela, e ela estaria livre para verbalizar seu amor por ele, em vez de esconder seus sentimentos.

Ramon franziu a testa.

— Estar casada comigo é tão insuportável? — ele quis saber, sentindo como se tivessem chutado sua barriga.

— É claro que não. Eu aceito que era a coisa certa a se fazer por Matty.

— Como você diz, as necessidades do nosso filho são mais importantes. Mas esta noite pretendo satisfazer todas as *suas* necessidades, assim como as minhas — resmungou ele antes de baixar a cabeça e inclinar a boca sobre a dela para dar início a um beijo sensual que incitava brasas de desejo mútuo deles.

Ele colocou a mão possessivamente em torno do seio dela e levantou a cabeça para olhá-la, satisfeito em ver que os olhos dela brilhavam de desejo.

— Agora você é minha esposa — murmurou ele, incapaz de esconder a satisfação enquanto deslizava a mão por entre as pernas dela e descobria que ela estava pronta para ele. — E nós acabamos de provar que a paixão, juntamente ao desejo mútuo de fazer o melhor para nosso filho, são elementos-chave para fazer nosso casamento funcionar. — A voz dele ficou mais rouca quando ele se posicionou sobre ela. — Especialmente a paixão... não concorda, *querida?*

Ela não concordava, mas não disse a ele. Em vez disso, ela se rendeu ao prazer maravilhoso que só ele conseguia despertar nela. Mas mais tarde, quando estava deitada ouvindo o som rítmico da respiração dele, ela se perguntava pesarosamente se estava destinada a passar sua vida desejando mais do que ele poderia lhe dar.

CAPÍTULO OITO

— Decido que deveríamos ter uma lua de mel.

Lauren abriu os olhos para flagrar Ramon inclinado sobre ela, parecendo desgostosamente acordado, apesar do fato de ambos terem dormido muito pouco na noite anterior.

— Está certo — murmurou ela, se aconchegando mais entre os lençóis.

— Para onde você gostaria de ir?

Ela deu uma olhada para o relógio e fechou os olhos firmemente mais uma vez.

— Precisamos decidir às sete horas da manhã?

— Precisamos fazer planos para que eu possa mobilizar a equipe — disse ele.

Lauren desistiu de tentar dormir e rolou até deitar de costas, o coração falhando quando ela encontrou o olhar cálido dele.

— Você faz soar como se fosse uma operação militar. Por que a equipe precisaria vir em nossa lua de mel?

— Tenho uma casa de campo em Barcelona. Pensei que poderíamos levar Mateo para as praias lá, e há muitas lojas de estilistas para você no centro da cidade. Mas não há uma equipe permanente na casa, então vamos precisar de uma cozinheira e de um mordomo, e outra equipe para cuidar da casa... E Cathy, é claro, para cuidar de Mateo.

— Vai ser uma lua de mel bem cheia de gente, então — murmurou Lauren, a empolgação inicial diminuindo um pouco agora que soava como se a estadia na casa de campo fosse ser tão formal quanto a vida no castelo. — Para ser honesta, acho Matty um pouco jovem para ir à praia... Vamos passar o tempo todo tentando impedi-lo de comer areia. E eu realmente não preciso fazer mais compras — acrescentou ela pesarosamente.

Nas duas semanas anteriores ao casamento Ramon insistira em levá-la às compras em Madri por diversas vezes, e os guarda-roupas dela agora estavam explodindo com roupas de alta-costura de todos os melhores estilistas.

— Não podemos ir a algum lugar sozinhos... Só você, eu e Matty? Você se lembra daquele fim de semana que passamos em uma pousada na Escócia? Seria legal ir a algum lugar tranqüilo — disse ela saudosamente.

Ramon franziu a testa.

— A Escócia vai estar fria a esta época do ano. Mas se você quer ir às montanhas, conheço um lugar calmo e pacífico, com apenas o som de um riacho perto da casa para nos perturbar. Mas não é nada demais... é só um casebre simples. E não há alojamentos para empregados.

— Parece perfeito — assegurou Lauren a ele.

Ela sabia que muitas das suas amigas em Londres adorariam ter um exército de empregados para cozinhar, limpar e cuidar das crianças, mas achou a rigidez do castelo um tanto afetada e ela jamais se acostumaria às empregadas fazendo uma reverência sempre que viam a nova *duquesa.*

Ramon lhe deu um beijo na boca.

— Está decidido então. Vou instruir os empregados para arrumarem nossas malas e vamos sair dentro de algumas horas.

— Isto é espetacular — disse Lauren com uma voz intimidada algumas horas depois, enquanto descia do veículo 4x4 que Ramon dirigira do castelo até as montanhas Cantabrian. Abaixo deles havia um vale verde viçoso, com casas de fazenda pontilhando aqui e ali, com pomares de laranja e amendoeiras em flor. O riacho que passava pelo vale era brilhante como uma fita de prata sob o sol.

O chalé era tão simples quanto Ramon havia dito, porém perfeitamente confortável, com uma enorme sala de estar e uma cozinha, um quarto principal com um banheiro e um quarto menor onde eles montariam o berço portátil para Matty.

Eles tiraram a bagagem do carro, e então Ramon cuidou do filho enquanto Lauren

abria uma manta sobre a grama e abria a cesta de piquenique que a cozinheira do castelo preparara para eles.

— Que lugar paradisíaco — murmurou ela, os olhos atraídos pelas montanhas altas. —Você vem muito aqui?

Ramon dava colheradas de iogurte na boca de Matty cuidadosamente enquanto o bebê estava distraído brincando com as chaves do carro.

— Não tanto quanto gostaria. As responsabilidades por dirigir uma empresa e o espólio do castelo me deixam com pouco tempo livre, mas quando eu era menino eu vinha na maioria dos fins de semana, para caminhar ou pescar nos lagos das montanhas.

Lauren assentiu.

— Posso entender por quê. Adorei isso aqui. E eu adoro piqueniques. Parece que eu sempre como o dobro quanto estou ao ar fresco — disse ela tristemente enquanto dava outra mordida no sanduíche de salmão defumado. — E devo admitir que prefiro muito mais refeições assim do que os jantares formais que fazemos no castelo, com o mordomo e uma dúzia de empregados à disposição, até mesmo para apenas nós dois.

— Sempre foi uma tradição para o duque e a duquesa jantarem no grande salão. Até mesmo quando minhas irmãs e eu éramos pequenos meus pais insistiam que devíamos nos vestir adequadamente para o jantar todas as noites, e era esperado que esperássemos pelos cinco pratos e conversássemos adequadamente sem incomodar ou parecer entediados.

— Você queria ser um *duque?* — perguntou Lauren curiosamente, tentando imaginá-lo quando garotinho, talvez não muito mais velho do que Matty, sendo ensinado sobre as responsabilidades futuras.

— Na verdade, eu queria ser um astronauta — contou ele para ela, rindo quando ela lhe deu um olhar incrédulo. — Eu tinha uma paixão por Ciência, especialmente Física, o que aliás estudei na universidade. Depois que completei minha graduação me foi oferecida a oportunidade de estudar com a Agência Espacial Americana.

Lauren arregalou os olhos.

— Você aceitou? Por que não? — quis ela saber quando ele balançou a cabeça negativamente.

— Não pude — disse ele dando de ombros. — Eu era o único filho e herdeiro do duque de Velaquez e sempre soube que minha vida era no castelo, administrando a vinícola e a propriedade e presidindo outros interesses comerciais dos Velaquez.

— Então você sacrificou seu sonho por causa do dever — disse Lauren lentamente. — Estou surpresa por seu pai ter concordado com você ir para uma universidade.

— Precisei de muito tempo para persuadi-lo. — Ramon suspirou pesadamente. — E então lhe dei uma boa razão para se arrepender de sua decisão me apaixonando loucamente por uma modelo pornô e anunciando minha intenção de me casar com ela.

Lauren lhe deu um olhar surpreso, sentindo uma pontada aguda de ciúme por Ramon, cujo coração era feito de granito, ter sido capaz de estar "loucamente apaixonado".

— Mas pensei que fosse seu dever se casar com uma mulher da nobreza espanhola. O que seu pai disse?

— Naturalmente, ele ficou horrorizado e tentou me dissuadir. Mas eu tinha 18 anos, estava saboreando o primeiro gostinho de liberdade e estava determinado a tornar Catalina minha esposa. Foi quando meu pai tomou uma atitude. — O sorriso de Ramon desvaneceu quando ele se lembrou da dor que sentira quando soubera que havia sido traído pela mulher que amava. — Ele contratou um investigador particular, que descobriu que Catalina tinha um amante. O amante era um viciado em drogas, que precisava de dinheiro para manter seu vício, e então Catalina veio com um plano para seduzir o filho inexperiente de um *duque* abastado, persuadi-lo a se casar com ela, e então faturar com o acordo de divórcio. Armado com estes fatos, meu pai me arrastou para o hotel onde ele

sabia que Catalina e seu amante se encontravam em segredo e me apresentou os dois juntos na cama, nus.

— Oh! — murmurou Lauren com compaixão. — Esse não pode ter sido um momento agradável.

— Houve outros tão piores, quando a imprensa descobriu a história. Minha humilhação foi *bastante* pública — disse Ramon secamente. — Eu me senti um idiota e, pior, eu sabia que havia desapontado muito meu pai. Logo superei Catalina, uma vez que enxerguei que ela era uma vadia mercenária, e de certo modo a experiência sórdida toda foi boa para mim porque me ensinou a ser cauteloso em relação a quem eu confiava. A fortuna dos Velaquez é um afrodisíaco poderoso para muitas mulheres — disse ele sarcasticamente.

— Não para mim — disse Lauren firmemente, horrorizada com a possibilidade de ele tê-la considerado uma aproveitadora quando o conhecera. — Eu estava determinada a trilhar uma boa carreira para ganhar meu próprio dinheiro e *nunca* me fiar em homem algum.

— Seu desejo por independência é muito bom, mas você errou em manter meu filho como um segredo para mim — disse Ramon asperamente. — Você colocou seus desejos antes das necessidades de nosso filho.

Lauren mordeu o lábio.

— Já expliquei que não achei que você fosse querer nosso bebê quando havia acabado de me dizer que você tinha a intenção de se casar com uma noiva da aristocracia. Se eu soubesse que você amaria seu filho, indiferentemente da posição social da mãe dele. Eu iria te contar que estava grávida na noite em que rompemos.

O silêncio tenso que decaiu entre eles foi quebrado por Matty, que havia ficado enfadado de brincar com as chaves do carro e agarrou o pote de iogurte, gargalhando quando o iogurte voou pelos ares e caiu na camisa de Ramon.

Ela olhou para Ramon, preocupada que ele ficasse aborrecido com Matty, porém Ramon riu quando o pegou nos braços e o ergueu no ar, então o bebê deu gritinhos agudos de satisfação.

— Mesmo que você tivesse me contado, não acho que eu teria noção do que realmente significava ter um filho. Nem teria sabido que poderia sentir tanto amor pelo meu filho — admitiu ele em um tom baixinho. — Até eu vir Mateo pela primeira vez, eu enxergava que ter um filho era um dever para assegurar o nome dos Velaquez. Eu nunca imaginei como seria ser pai, sentir este amor absoluto, dominador por outro ser humano e saber que eu daria minha vida por ele alegremente.

Lauren engoliu o bolo que apareceu de repente em sua garganta, surpresa com a emoção crua na voz de Ramon.

— Eu sei o que você quer dizer — disse ela com voz rouca. — Na primeira vez em que o segurei fui inundada pelo amor mais intenso por ele, e tudo o mais, incluindo minha carreira, pareceu desimportante.

O olhar dela se prendeu ao de Ramon em um instante de orgulho paterno compartilhado pelo filho deles. Matty os unia de uma forma impossível de desatar, percebeu ela. Pela primeira vez desde o casamento ela sentira uma aceitação tranqüila de que fizera a coisa certa ao se casar com Ramon, e que desistir de sua carreira era um sacrifício pequeno quando significava que seu bebê iria crescer junto aos dois pais. Mas ouvir Ramon verbalizar seu amor por Matty fazia o coração dela doer de ansiedade para que ele a amasse também.

— Eu sempre respeitei meu pai, mas só nos últimos meses de sua vida é que percebi o quanto eu o amava e que ele me amava também — admitiu Ramon gravemente. — Eu aprendi que homens deveriam ser fortes e esconder suas emoções. Mas os maridos das minhas irmãs são todos excelentes pais, que não acreditam ser um sinal de fraqueza demonstrar amor pelos filhos. Eu quero ser como eles, mas é difícil mudar os

hábitos que foram enraizados desde a infância. — Ele hesitou. — Preciso que você me ajude a ser um bom pai, Lauren.

O tom de insegurança na voz dele deu um tranco no coração de Lauren. Era preciso esforço para um homem admitir que se sentia vulnerável, e ela o amava ainda mais por sua honestidade. Sem parar para pensar o que ele poderia achar da atitude dela, ela se inclinou em direção a ele e lhe deu um beijo no rosto moreno.

— Você já está fazendo isto brilhantemente — disse ela suavemente. — A maternidade é completamente nova para mim também, mas podemos aprender juntos.

— Que bom, *querida* — murmurou Ramon, virando a cabeça para que os lábios roçassem os dela em um beijo delicado que agitou a alma dela.

Havia uma promessa silenciosa naquele beijo, da união deles para fazer o melhor pelo filho deles, refletiu Lauren um pouco depois, quando Matty adormecera e eles o carregaram de volta para o chalé. Ele não se agitou quando o colocaram no berço portátil, e quando saíram do quarto de fininho e fecharam a porta, ela se deu conta de repente de que estava a sós com Ramon, e que era a lua de mel deles.

Ele deve ter lido a mente dela, porque a tomou nos braços e a levou até o quarto principal, o brilho faminto nos olhos dele fazendo o coração dela acelerar.

Sorriu diante do calafrio de satisfação dela quando ele se ajoelhou acima do corpo dela e deslizou as mãos sob a camisa para lhe abarcar os seios nus nas palmas. A pele dela era seda sob seus dedos, e com um gemido Ramon arrancou a blusa dela e envolveu a boca em torno de um mamilo rijo e então do outro.

Ele retirou as roupas de ambos rapidamente, a urgência do desejo dele deixando-o incomumente desajeitado. Mas Lauren não se importou quando ouviu sua saia de algodão rasgar. A impaciência dela combinava com a dele. Ela ergueu os quadris amavelmente para que ele pudesse tirar sua calcinha, suspirando de prazer quando ele a acariciou gentilmente com os dedos antes de ir para cima dela. Ele fez amor com ela com carinho, assim como com paixão, cada profunda investida a levando cada vez mais para o clímax, até ela atingir o ápice com um grito e cair de costas sobre a cama para então ser abraçada na segurança dos braços dele.

Eles passaram uma semana gloriosa nas montanhas. Longe das responsabilidades de um *duque* e de dirigir uma empresa multimilionária, Ramon relaxava e mais uma vez se tornava o amante carismático, espirituoso e divertido por quem Lauren se apaixonara em Londres quase dois anos antes. Foi uma chance para eles redescobrirem o companheirismo que haviam compartilhado outrora, e para focar em exercerem a paternidade.

A lua de mel havia sido um momento decisivo para o relacionamento deles, ela pensou algumas semanas depois, quando vestia o elegante vestido de seda que havia escolhido para usar no batizado dos sobrinhos de Ramon. Duas semanas depois de eles terem se casado, Valentina dera à luz dois meninos gêmeos. O batizado seria na capela particular do castelo e, sabendo que Valentina estava sem descanso agora que tinha quatro filhos, Lauren ofereceu para organizar a recepção.

Ramon surgiu do banheiro da suíte esfregando a mão sobre o queixo recém-barbeado. Ele reduziu os passos quando a viu, e seu sorriso sensual evocou a dor familiar no peito dela.

— Você está linda, *mi corazón.*

— Espero não ter me esquecido de nada — murmurou ela, fazendo uma checagem mental na lista de preparativos. — Eu quero que a festa seja perfeita para Valentina.

— Vai ser perfeita. Eu conheço você, *querida* — disse Ramon de forma confiante. — Não tenho dúvidas de que você planejou as coisas com precisão militar, exatamente como organizou as outras três festas que demos desde que nos casamos.

Ele ficara impressionado com o entusiasmo com o qual ela organizara os eventos: dois jantares de negócios e uma recepção para dignitários locais. Lauren havia assumido

seu papel de duquesa com a mesma determinação com a qual abordara todos os aspectos de sua vida, especialmente a maternidade.

Quando se aproximou dela, ele tirou uma caixa de veludo do bolso.

— Para você... porque quando as vi elas me lembraram da cremosidade da sua pele — murmurou ele, tirando os cabelos dela dos ombros para que pudesse abotoar o colar de pérolas em torno do pescoço esbelto.

O colar era primoroso, cada pérola intercalada por um pequeno diamante reluzente que captava a luz quando Lauren virava a cabeça.

— É adorável, mas você não deveria ficar comprando coisas para mim — protestou ela.

— Ah, mas hoje é um dia especial — disse ele, sentindo o calafrio que percorreu o corpo dela quando ele roçou os lábios no seu pescoço e prolongou no ponto sensível detrás da orelha. — Hoje é aniversário de seis semanas de nosso casamento. Você acha que eu tinha esquecido? — questionou ele suavemente, sabendo que ela estava se lembrando da noite desastrosa em Londres, quando ela quisera celebrar o aniversário de seis meses do relacionamento deles.

— Você disse que não criava grandes expectativas com aniversários — lembrou-o.

Ele sorriu.

— Mas aquilo foi antes, e isto é agora. As coisas mudaram. Eu mudei, *querida.* E acho que vale a pena celebrar seis semanas de casamento, não acha?

A resposta dela se perdeu sob a pressão faminta dos lábios dele e um bom tempo depois Lauren teve de reaplicar o batom antes de eles se apressarem rumo ao enorme salão para saudar os convidados.

Mais tarde naquela noite os quase cem convidados se agruparam de saída da capela rumo ao castelo depois da linda cerimônia de batizado, para brindar o nascimento dos filhos recém-nascidos de Valentina, Sancho e Tadeo.

Eles eram adoráveis, pensou Lauren. Ela havia se esquecido do quanto bebês novinhos eram pequeninos. Matty parecia enorme em comparação, e agora que ele estava andando, simplesmente adorava fazer parte da turma, ficando de pé para fazer travessuras juntamente aos primos mais velhos. O primeiro aniversário dele algumas semanas atrás havia sido um dia de emoções confusas para ela e Ramon.

Juanita também andou observando o irmão, e agora ela ia até Lauren e Ramon.

— Vocês vão ter de se apressar para ter outro bebê, Lauren, se você quiser nos alcançar — disse ela alegremente. — Alissa tem três, eu tenho dois e agora Valentina tem quatro. Definitivamente, a próxima vez é sua.

Houve um hiato na conversa dentre os convidados amontoados na sala, e as palavras de Juanita atraíram vários olhares curiosos em direção a Lauren. Consciente do repentino escrutínio proposital de Ramon, ela forçou um sorriso.

— Mateo acabou de completar 1 ano e por enquanto estou feliz por me divertir com ele — disse ela suavemente.

O momento constrangedor passou, mas a conversa com Juanita ficou presa na cabeça de Lauren pelo restante da tarde. *Seria* bom dar um irmãozinho a Mateo, ela reconheceu, e ela sabia, embora eles não tivessem discutido o assunto, que Ramon queria mais filhos. Ela suspirou e caminhou até a janela, observando Valentina empurrar um enorme carrinho pelo jardim.

Por que a maternidade não era o suficiente para ela como era para as irmãs de Ramon? Perguntou ela a si mesma de forma sombria. Ela adorava Matty, e adorava estar com ele, mas algumas vezes ela ficava envergonhada em admitir que ansiava usar o cérebro e sentia falta do emprego. Talvez quando Matty fosse mais velho ela pudesse retomar a carreira, disse a si mesma. Ela não queria trabalhar em tempo integral; adorava demais o filho para ficar longe dele por qualquer período prolongado. No entanto, um dia ela esperava trabalhar meio período e reconquistar um pouco da independência.

Ramon havia saído para atender um telefonema. Ocorreu a Lauren que ele havia saído há séculos, e ela supôs que a ligação fosse relacionada à Velaquez Conglomerates. Ela esperava que ele não tivesse de correr para a sede da empresa em Madri, como fazia algumas vezes, mas mesmo enquanto estava se perguntando o que o estava mantendo longe da festa, ele entrou na sala e foi até ela, com uma expressão proibitiva.

— Por que simplesmente não revelou a Juanita que não está planejando ter mais filhos porque sua carreira é mais importante para você? — quis saber ele, friamente. Uma olhadela para o rosto sombrio avisava a Lauren que ele estava furioso, mas devido à presença dos convidados ele estava lutando para manter o controle. — E no que diz respeito ao assunto, por que você não contou para *mim* que vai trabalhar em Londres uma vez por mês? Ou será que o bem-estar do nosso filho é tão desimportante para você que você não fez questão de mencioná-lo?

— É claro que Matty é importante para mim — disse ela rispidamente. — Ele é a pessoa mais importante na minha vida. — Ela franziu a testa. — Como você sabia...?

— Que você recebeu uma oferta de emprego numa firma de advocacia na Inglaterra? — completou Ramon para ela. — Minha mãe pediu para ver o álbum de fotos de Mateo de quando ele nasceu, e eu não achei que você se importaria se eu o pegasse na gaveta do criado-mudo ao lado da sua cama. Mas quando eu peguei o álbum, peguei também acidentalmente esta carta que estava escondida dentro dele.

Lauren olhou para a carta que ele enfiou na mão dela e reconheceu que não iria adiantar negar o conteúdo dela.

— Eu posso explicar... — começou ela, mas Ramon a interrompeu.

— Tenho certeza de que pode — disse ele sarcasticamente. — Mas será Mateo quem vai querer uma explicação quando estiver um pouco mais velho... para o motivo pelo qual você escolheu abandoná-lo por uma semana ou mais todos os meses.

— Eu não tenho a intenção de abandoná-lo — disse ela entre os dentes. — E posso dizer que *você* esteve fora por causa de negócios durante três dias na semana passada, e você não se preocupou tanto em abandonar o Matty.

— É diferente — rebateu ele. — Eu sou diretor-presidente da Velaquez Conglomerates e algumas vezes as viagens de negócios são inevitáveis. Mas não há absolutamente nenhuma necessidade de *você* trabalhar. Você não pode negar que eu te dou tudo que você possivelmente poderia desejar ou precisar.

Era discutível se ela *precisava* das numerosas jóias estonteantes que Ramon havia lhe dado desde o casamento, ou das bolsas de grife e do guarda-roupa repleto das mais belas roupas que era provável que ela fosse usar, pensou Lauren pesarosamente. Ela não podia colocar defeito na generosidade dele. Mas o fato de ele acreditar que coisas materiais importavam para ela provava que ele não a conhecia de jeito nenhum.

— Agradeço por não ser necessário eu trabalhar — disse ela baixinho — mas é realmente tão errado eu querer executar o trabalho para o qual passei anos estudando? Desejar um pouco de independência que vai me dar uma sensação de respeito próprio?

— Você e sua maldita independência — rosnou Ramon impacientemente. Ele não entendia o que ela queria. Ele a enchia de presentes numa tentativa de fazê-la feliz, mas ouvi-la insistir em querer sua independência era como um tapa na cara. — Seu lugar é aqui no castelo, como mãe de Mateo e minha esposa. Eu não vou permitir que você abandone nosso filho por dias de uma só vez para que você possa seguir seu capricho egoísta.

— Você não vai *permitir?* Sou sua prisioneira então, Ramon? — Lauren deu uma risada amarga, a felicidade que ela sentira mais cedo naquele dia quando ele lhe dera o colar de pérolas se esvaindo.

Alguns convidados haviam adentrado a sala, claramente intrigados pelo som das vozes elevadas de seus anfitriões.

— Esse não é o momento adequado para discussões particulares — falou Ramon

de forma tensa, aparentemente se esquecendo de que *ele* havia iniciado a discussão, pensou Lauren de maneira sombria.

— Acho que você deveria saber... — começou ela, mas ele se virou e saiu antes que ela pudesse continuar, deixando-a observando-o furiosamente.

— Oh, querida! Sinto problemas no paraíso?

Lauren enrijeceu diante do comentário sarcástico e se virou para ver Pilar Fernandez saindo da alcova à janela. Estava claro, pela expressão satisfeita dela, que a espanhola havia ouvido secretamente a discussão com Ramon, porém suas boas maneiras preveniram Lauren de acusar Pilar de escutar às escondidas.

— Está tudo ótimo — mentiu, e soube pelo arquear das sobrancelhas perfeitamente moldadas de Pilar que a linda modelo não acreditou nela.

Ela já sabia que a família Fernandez era próxima da família Velaquez há várias gerações, e Pilar havia estudado com Valentina. Ramon explicara isto quando Lauren questionara por que Pilar havia sido incluída na lista de convidados do batizado. O pai dela, Cortez, havia sofrido um derrame seis meses atrás, e desde então se tornara um recluso que nunca saía do lar dos Fernandez, a Casa Madalena.

Sendo assim, Pilar compareceu sozinha à festa, e passou a maior parte do dia flertando com Ramon. Lauren se preocupou, recordando as facas afiadas do ciúme que a apunhalaram quando ela viu os dois gargalhando e conversando juntos.

— O problema é que você não compreende um homem como Ramon — falou Pilar de modo pachorrento.

O autocontrole de Lauren estava perto de trincar.

— E devo supor que você compreenda? — disse ela entre os dentes.

— É claro. Somos de uma origem social similar. E estou ciente de que Ramon toma suas responsabilidades como duque seriamente, e ele necessita de uma esposa que seja adequada ao papel de duquesa.

— Está sugerindo que *você* seria uma esposa melhor para Ramon? — quis saber Lauren, concluindo que o único jeito de lidar com as insinuações ardilosas de Pilar era fazendo uso de rudeza.

A espanhola deu de ombros.

— Só Ramon pode decidir isto. — Ela inspecionou os próprias unhas perfeitamente arrumadas e disse indiretamente:— Você sabe onde ele passa todas as tardes de sexta-feira?

— Ele sai de carro para inspecionar as vinícolas em sua área de gerenciamento. — Lauren franziu a testa diante da pergunta curiosa. — Por que a pergunta?

— Por nada. — O sorriso de Pilar lembrava o do gato presunçoso de *Alice no País das Maravilhas,* porém ela saiu com afetação de volta ao salão antes que Lauren pudesse perguntar o que ela queria dizer.

CAPÍTULO NOVE

Lauren estava furiosa com Ramon, e o evitou pelo restante da festa. No momento em que os últimos convidados partiam, ela estava com uma dor de cabeça de rachar, e ficou grata quando Cathy se ofereceu para dar banho em Matty.

— Vá e deite-se num local tranqüilo durante algum tempo. Eu sempre acho que esse é o melhor remédio para dor de cabeça — disse a babá gentilmente.

Mas quando Lauren adentrou o quarto e encontrou Ramon arrumando uma mala, o coração dela golpeou contra as costelas.

— Você está saindo?—perguntou ela categoricamente.

— Algo no escritório de Madri exige minha atenção urgente. — Ramon deu uma olhadela para o rosto tenso dela e enrijeceu o maxilar.

Ele ainda se sentia amargamente nervoso com ela, mas vê-la tão abatida o fazia querer tomá-la nos braços e fazer amor com ela. Nunca havia mal-entendidos entre eles na cama. Era o lugar onde eles se comunicavam perfeitamente.

— Vamos conversar quando eu voltar — disse ele a ela severamente.

— Não há nada sobre o que conversar — falou ela de forma indiferente. — Eu não aceitei aquele trabalho. Eu tentei te contar mais cedo, mas você não queria me ouvir.

— Mas você ficou tentada a aceitá-lo.

— Sim, *eu fiquei* tentada. — Ela não iria negar.

— Eu não sei por que você quer voltar a trabalhar — disse ele, a frustração era tangível. — Eu te dou de tudo.

Não a única coisa que ela realmente queria que ele desse, pensou Lauren com tristeza. Ela sentia que eles estavam ficando mais íntimos, porém aquela discussão provara que eles estavam a quilômetros de distância, emocionalmente falando. Ela cruzou os braços defensivamente.

— Você não entenderia.

— Então *faça* eu entender. Se nosso casamento vai funcionar, você precisa confiar em mim, Lauren.

— Não é fácil confiar quando sua confiança foi quebrada — murmurou ela.

— O que aconteceu? Algum sujeito te decepcionou? Preciso de ajuda aqui, porque não consigo decifrar você.

— Eu te contei que meus pais são divorciados — disse ela abruptamente. — Eles se separaram quando eu tinha 15 anos, depois que meu pai abandonou minha mãe por uma dançarina exótica de 20 anos de idade e desapareceu com ela para o Brasil. Ele cortou todo o contato comigo e eu não tive notícias dele desde então.

— Deve ter sido difícil — murmurou ele. — Você tinha um bom relacionamento com ele antes de ele ir embora?

— Eu o adorava, e acho que ele me amava... Mas presumidamente eu não significava nada para ele. — Lauren engoliu em seco.

Mesmo depois de todo este tempo a deserção do pai ainda machucava e a sensação de abandono era tão forte agora quanto fora quando ela era adolescente.

— O dia em que ele foi embora foi o pior da minha vida — falou ela desoladamente. — Ele era o meu mundo e eu ainda não consigo acreditar que ele foi embora e me deixou. Eu nunca recebi nem mesmo um cartão de aniversário dele. É como se eu nunca tivesse existido para ele... Mas eu não entendo o motivo. Mesmo que ele não quisesse ficar com minha mãe mais, por que ele rejeitou a *mim!* Acho que a verdade é que ele simplesmente não me amava o suficiente para querer manter contato.

— Você fazia alguma idéia de que havia problemas no casamento dos seus pais? — perguntou Ramon gentilmente.

— Não... Eles pareciam perfeitamente felizes para mim. Minha mãe estava sempre ocupada com a instituição feminina de voluntariado da qual participava e com o clube de bridge e meu pai passava muito tempo no trabalho. Mas eles costumavam dar jantares e coisas assim, e as pessoas costumavam comentar que casamento forte eles tinham. Eu descobri bem mais tarde que era tudo fachada — disse ela pesadamente. — Aparentemente papai havia sido infiel durante anos, e tivera dúzias de casos antes de fugir com sua dançarina brasileira. Minha mãe tolerava a infidelidade dele porque ficava apavorada com a possibilidade de papai se divorciar dela caso ela questionasse, e ela iria perder a casa e o estilo de vida abonado ao qual estava acostumada. No fim, foi o que

aconteceu afinal. Sem minha mãe saber, meu pai hipotecou a casa e pegou todo o dinheiro da conta conjunta deles antes de voar para a América do Sul.

— Deve ter sido difícil para sua mãe se tornar uma mãe solteira de repente e ter de sustentar uma filha adolescente. Como ela lidou com isso?

— Ela não lidou. — Lauren suspirou. — A verdade é que mamãe teve algum tipo de depressão. Ela nunca havia tido um emprego ou havia ganhado o próprio dinheiro, veja só. Os pais dela haviam sido ricos e ela se casou com meu pai logo depois de terminar a escola. Mas sem renda para pagar a hipoteca, a casa teve de ser vendida e eu tive de abandonar a escola particular e ser transferida para a escola pública local. A maioria das amigas do clube de bridge não queria conviver mais com a minha mãe e ela acabou afogando as mágoas em gim-tônica.

— *Dios!* — Ramon franziu a testa. — O que aconteceu com você? Você era pouco mais do que uma criança.

— Eu tive de arranjar um emprego; bem, três empregos na verdade, compatíveis com os horários de escola. Eu trabalhei em uma loja e fiz limpeza, topava qualquer coisa para ganhar um pouco de dinheiro para pagar o aluguel e comprar comida. Felizmente eu fui capaz de continuar estudando e dei um jeito de entrar na universidade. Eu estava determinada a ter uma boa carreira. Você se pergunta por que eu quero conservar um pouco de independência? — disse ela impetuosamente. — Bem, o motivo é que depois do que aconteceu à minha mãe eu jurei que *nunca* dependeria de outra pessoa, do mesmo jeito que minha mãe dependia do meu pai. Quando meu pai foi embora eu fui forçada a crescer depressa. Aprendi a prosperar, e agora, quando os problemas ocorrem, eu prefiro lidar com eles sozinha em vez de procurar a ajuda de alguém.

— Incluindo criar seu filho sozinha — disse Ramon lentamente.

Ele nunca havia entendido o fato de por que Lauren tinha mantido o nascimento de Mateo em segredo. As palavras deram a ele uma compreensão repentina de por que ela havia se comportado do jeito que se comportara.

— É por isto que você não me contou que estava grávida? — quis ele saber.

Ela assentiu.

— Pensei que se você não soubesse sobre Matty você fosse ser livre para escolher uma noiva mais adequada para ser uma *duquesa.* — Ela hesitou. — Alguém como Pilar. Juanita me contou que todo mundo esperava que você se casasse com ela — murmurou ela quando Ramon franziu a testa.

— Minha irmã sempre teve a língua grande — disse ele sucintamente.

Mas, tal como um cão com um osso, Lauren achou que não conseguiria abandonar o assunto:

— Você não pode negar que com sua origem aristocrática Pilar teria sido uma esposa ideal e uma *duquesa* ideal.

Ramon deu de ombros.

— Talvez sim. Mas eu não me casei com Pilar. Eu me casei com você.

Ele não soava repleto de alegria por causa de tal fato, e Lauren não estava ciente de que a mente dele estava se desenrolando enquanto ele tentava assimilar tudo que ela lhe contara.

O queixo dele ficou tenso quando ele pegou a mala e caminhou até a porta.

— Para usar as palavras que você disse mais cedo: temos de apenas prosperar nisso. Voltarei em dois dias — disse ele brevemente, e saiu do quarto sem olhar para trás.

Ele telefonou diversas vezes enquanto estava fora, mas as conversas eram formais e completamente a respeito de Mateo.

Ele havia dito que estaria em casa no dia seguinte, mas quando, à meia-noite, ele não havia chegado ou pelo menos telefonado mais cedo, Lauren foi para a cama, fez uma tentativa sem entusiasmo de ler um livro e finalmente enterrou o rosto nos travesseiros e chorou lágrimas silenciosas.

Não valia a pena chorar por ele, ela disse para si furiosamente, quando se sentou para assoar o nariz. A mãe dela havia chorado constantemente depois que seu pai fora embora, e ela jurara então que nunca permitiria que homem algum significasse tanto assim para ela. Mas ela havia subestimado o poder do amor, reconheceu exaustivamente. Ela não *queria* amar Ramon, mas seu coração tinha vontade própria e parecia inclinado à autodestruição.

Ela estava prestes a apagar o abajur ao lado da cama quando a porta se abriu de repente e ele entrou. Os olhos de Lauren fluíram para o rosto dele e então para o buquê de rosas vermelhas que ele estava segurando. O coração dela palpitou no peito.

— Obrigada — murmurou ela quando ele lhe entregou as flores silenciosamente. — Elas são lindas.

Ela queria que ele parasse de fitá-la com aquela expressão insondável, curiosa nos olhos e dissesse alguma coisa. Mas quando ele finalmente falou, as palavras evocaram um sentimento de pavor no estômago dela:

— Preciso discutir algo com você.

Ele se sentou na cama, e os sentidos dela cintilaram instantaneamente quando ela aspirou o perfume evocativo da colônia dele.

— Eu estive em Bilbao.

Ela franziu a testa.

— Pensei que você tivesse ido a Madri.

— Eu fui. Eu voei para Bilbao esta tarde, em vez de vir diretamente para casa. — Ramon sorriu de repente, a tepidez dourada de seus olhos castanhos abrandando um pouco da tensão de Lauren. — Tenho uma informação que acho que você vai considerar interessante. — Ele abriu a mala e pegou um folheto. — Este é um prospecto da universidade em Bilbao. Pelo que entendi, você estudou um sistema de leis diferentes do sistema que temos na Espanha?

Lauren assentiu, confusa com o rumo que a conversa entre eles estava tomando.

— Mas você poderia estudar no sistema espanhol na universidade, talvez por meio período enquanto Mateo for bebê. Uma vez que se formar e ele começar a estudar, pensei que você poderia se juntar ao departamento jurídico da Velaquez Conglomerates ou procurar por um cargo numa empresa espanhola de advocacia, o que preferir —- disse ele baixinho quando Lauren o encarou num silêncio surpreso.

— Eu não compreendo. Você era tão contra eu voltar a trabalhar — falou ela de maneira fraca, tentando suprimir um jato de empolgação enquanto folheava sobre a universidade.

— Eu quero que você seja feliz — disse Ramon simplesmente. Foram precisos dois dias e duas noites infelizes longe dela para reconhecer que a felicidade de Lauren era importante para ele.

Lauren mordeu o lábio.

— Que idéia maravilhosa, e quando Matty estiver um pouco mais velho eu certamente vou cogitar isto. Mas até mesmo estudar em meio período significaria abandoná-lo durante dois ou três dias na semana, e embora Cathy seja uma ótima babá...

— Ele não vai ficar com Cathy — interrompeu-a Ramon. — Eu vou cuidar dele nos dias em que você estiver na universidade. Já providenciei para que diretores executivos cuidem da maioria das minhas responsabilidades na Velaquez Conglomerates.

Ele pausou, as sobrancelhas franzidas quando viu o brilho das lágrimas nos olhos dela.

— Qual é o problema, *querida?* Pensei que uma mulher moderna como você iria receber bem a idéia de compartilhar os cuidados de nosso filho com igualdade.

— E recebi bem — assegurou ela a ele. — É só que você me pegou de surpresa. Eu não esperava que você entendesse como eu me sentia — acrescentou ela com voz rouca.

O sorriso dela mexeu com Ramon.

— Você *deveria* esperar isto — disse ele seriamente. — Você é minha esposa e é meu dever tentar fazer você feliz.

O coração de Lauren desalentou um pouco diante da palavra *dever.* Ela não queria ser mais uma das responsabilidades dele. Seria tão melhor se ele quisesse fazê-la feliz porque ela era importante para ele, pensou ela, inconsciente da expressão sutilmente desejosa nos próprios olhos.

Ramon começou a desabotoar a camisa, revelando o peito musculoso, a pele de um acetinado dourado coberta por uma abundância de pelos escuros que seguiam pelo abdome liso. O coração de Lauren acelerou quando ele se inclinou mais perto dela e deslizou a mão sob seu queixo.

— Eu quero que nosso casamento funcione, *querida.* Não apenas por Mateo. E para conseguir isto estou preparado para o que quer que seja necessário.

O primeiro roçar da sua boca sobre a dela foi um néctar após dois dias sem ele, e ela correspondeu ansiosamente, como alguém que estivera perdido no deserto e que de repente havia descoberto um oásis. Ela suspirou de prazer quando ele a envolveu e aprofundou o beijo, deslizando a língua para dentro da boca de Lauren e explorando-a com uma maestria sensual que a fazia tremer.

Ele podia não amá-la, mas se importava o suficiente com ela para querer que fosse feliz, e aquilo era mais do que ela jamais ousara esperar.

Será que era provocar o destino pensar que a vida não poderia ficar mais perfeita?, perguntava-se Lauren algumas semanas depois, enquanto subia as escadas com Matty, vindos da piscina, com uma toalha enrolada em torno do corpinho molhado e sinuoso.

Estava ficando cada vez mais difícil esconder os sentimentos por Ramon, pensava ela enquanto carregava Matty de volta ao castelo para sua soneca vespertina.

— Pelo menos eu posso dizer para *você* o quanto te amo — murmurou ela para o garotinho cansado. Ele lhe deu um sorriso daqueles que sempre lhe arrebatava o coração, e ela deu um beijo em seu rostinho antes de sair do quarto do bebê.

O som do celular de Ramon a saudou quando ela entrou no quarto deles. Ela franziu a testa, percebendo que ele devia tê-lo esquecido, e após um instante de hesitação ela o atendeu. Ela explicou à assistente pessoal dele que ele estava nas vinícolas e que não voltaria até o início da noite.

— Vou sair para encontrá-lo e lhe entregarei o telefone — assegurou ela a Maria quando a assistente iniciou uma explicação prolongada sobre um problema urgente que exigia atenção imediata da parte dele.

A propriedade dos Velaquez era enorme, com quilômetros de vinícolas, mas ela suspeitava que Ramon fosse estar no chalé do administrador da propriedade. Era longe demais para ir andando sob o sol quente da tarde, então ela adentrou o carro esportivo que ele havia lhe dado de presente, baixou a capota e logo estava acelerando pelas estradas empoeiradas, com a brisa quente soprando nos cabelos.

Não havia sinal do jipe de Ramon do lado de fora do chalé. Então ele poderia estar em qualquer lugar na propriedade, pensou ela franzindo a testa, assim que parou o carro e olhou para as fileiras intermináveis de parreiras. Ela sentou por alguns instantes, pensando no que fazer, e ficou aliviada quando um dos trabalhadores passou pela estrada a cavalo.

— O chefe não está aqui — disse o homem a ela em resposta à sua pergunta. — Ele costumava vir às sextas, mas agora não mais.

— *Você sabe onde ele passa as tardes de sexta-feira?*

A pergunta curiosa de Pilar Fernandez no dia do batizado dos gêmeos de Valentina tomou a mente de Lauren, e apesar do sol quente batendo em suas escápulas, um frio lhe percorreu a espinha.

— Você sabe onde *el duque* está?

O homem deu de ombros.

— Algumas vezes eu o vejo dirigindo por esta estrada.

— E para onde esta estrada leva? — perguntou Lauren pacientemente.

— Para a Casa Madalena.

Toda a alegria do dia se foi e todo o calor do sol também. Lauren sentiu um calafrio e abraçou o próprio corpo, a náusea sacudindo o estômago. Então Ramon passava todas as tardes de sexta-feira na casa de Pilar Fernandez, e aparentemente o fizera durante semanas, apesar do fato de ele ter dito a ela que visitava as vinícolas às sextas-feiras. Por que ele havia mentido? Perguntou-se ela, e deu uma risada amarga. Só poderia ser porque ele não queria que ela soubesse sobre suas visitas regulares a Pilar.

A mãe lhe havia contado que seu pai tinha fingido durante anos jogar squash no clube todas as noites de sexta, quando na verdade estivera tendo um caso com sua secretária.

— *Ah, Deus!* — Lauren foi tomada pela dor e recostou contra o carro.

Ela entrou de volta no carro e olhou para a estrada na direção da casa dos Fernandez. Ela poderia retornar ao castelo e fingir que não sabia para onde Ramon realmente ia às sextas-feiras. A mãe dela havia aceitado silenciosamente os casos do pai durante a maior parte do casamento, e pela primeira vez Lauren verdadeiramente percebeu o quanto Francês devia ter amado o marido para ter tolerado a situação humilhante e causadora de sofrimento.

A pior coisa era que ela estava realmente tentada a fazer o que a mãe havia feito, percebeu ela, limpando as lágrimas com dedos trêmulos. Ela amava tanto Ramon que pensar em perdê-lo dilaceraria seu coração. Mas ela não podia viver uma mentira. Ela precisava saber a verdade.

Então, com o coração pulsando, ela virou o carro em direção à Casa Madalena.

CAPÍTULO DEZ

A visão do jipe de Ramon estacionado no pátio da casa de Pilar fez Lauren agarrar o volante tão apertadamente que os nós de seus dedos empalideceram, e as pernas dela ficaram fracas enquanto ela subia os degraus da frente da casa.

— *Si,* o *senor* Velaquez está aqui — confirmou um mordomo uniformizado quando chegou à porta de frente. — Ele está na piscina.

Era óbvio que a piscina era o prédio de vidro com aspecto de novo ao lado da casa principal. Lauren correu pelo quintal, o coração acelerando com uma mistura de raiva e tremedeira diante da perspectiva de encontrar Ramon e Pilar juntos.

Engolindo a bile que havia surgido em sua garganta, Lauren empurrou a porta da estufa onde ficava a piscina e parou abruptamente quando três rostos surpresos a encararam.

Ramon e outro homem com jaleco de médico estavam erguendo um homem bem mais velho, que só poderia ser Cortez Fernandez, para uma cadeira de rodas.

Lauren olhou em volta da borda da piscina de maneira turbulenta.

— Oh, eu pensei... Pilar... — Ela parou de repente quando encontrou o olhar estreito de Ramon.

— Pilar está no exterior, num trabalho de modelo. O que você *pensou,* Lauren? — questionou ele num tom duro, e naquele instante ela soube que havia cometido um erro

terrível.

— Eu pensei... — Ela engoliu em seco. — Sinto muito por minha intrusão — murmurou ela para o homem mais velho, que agora estava sentado na cadeira de rodas. Ele balançou a cabeça grisalha e lhe deu um sorriso fraco.

— Sou eu quem deveria me desculpar por roubar tanto tempo de Ramon — disse ele em espanhol. — Eu deveria saber que uma mulher recém-casada iria querer ficar com seu marido.

Uma enfermeira levou Cortez para longe, e Lauren mordeu o lábio quando viu Ramon encará-la.

— O que você esperava encontrar quando entrou apressada aqui, Lauren? — perguntou ele baixinho, a voz de repente soando curiosamente gélida.

— Pilar disse... Bem, não, sugeriu... — corrigiu-se ela honestamente. — Que você passava todas as noites de sexta-feira com ela. Eu tive de manter isso longe da minha cabeça todos os dias, até hoje, quando fui à vinícola para te entregar seu celular e descobri que você havia mentido sobre inspecionar a propriedade, e que na verdade vinha aqui todas as semanas.

Ramon exalou pesadamente.

— Eu venho todas as semanas. Cortez sofreu um derrame há seis meses, o que o deixou incapaz de andar. O médico sugeriu que ele devesse nadar regularmente para ajudar a fortalecer os músculos das pernas, mas o derrame o deixou tão deprimido que ele parecia estar desistindo da vida. Pilar pediu minha ajuda. Eu sempre fui um bom amigo de Cortez e o persuadi a nadar comigo todas as semanas. Mas ele é um homem orgulhoso, que odeia sua limitação, e quando ele me pediu para não discutir esta terapia com ninguém, eu senti que deveria respeitar sua vontade.

Lauren foi tomada pela vergonha e baixou o olhar.

— Como você *poderia* pensar que eu estava envolvido com Pilar de algum modo? — ele quis saber furiosamente. — Eu nunca te dei qualquer motivo para duvidar do meu comprometimento com nosso casamento.

Ele não dera mesmo, admitiu Lauren, a culpa lhe roendo por dentro.

— Pilar colocou dúvidas na minha cabeça deliberadamente — murmurou ela. — Acho que ela esperava criar confusão entre a gente.

— Ela parece ter conseguido — disse Ramon sucintamente. Ele se virou para o lado oposto ao dela e pegou uma toalha. — Não posso evitar sentir que você sempre vai me punir pelos pecados do seu pai.

Lauren deu um olhar surpreso para ele.

— O que você quer dizer?

— Você não confia em mim. E não tenho certeza se nosso casamento pode sobreviver sem confiança. Volte para o castelo — ordenou ele rudemente. — Estou bravo demais para conversar com você agora. Eu normalmente jogo uma partida de xadrez com Cortez, e, caso você esteja se perguntando, a única mulher por perto vai ser a governanta dele, que deve ter uns 93 anos de idade — finalizou ele sarcasticamente.

Ramon não voltou para o jantar. Um membro da equipe do castelo informou a Lauren que ele havia ligado para dizer que iria jantar com Cortez Fernandez. Claramente ele ainda estava bravo com ela, e ela não poderia culpá-lo, pensou ela pesarosamente quando, às 11 da noite, foi para a cama e ele ainda não havia chegado.

Atormentada pela culpa, ela passeava pelo quarto e finalmente vestiu o roupão, planejando esperá-lo no andar de baixo, assim poderia recebê-lo quando ele viesse para casa, se um dia ele viesse, pensou dolorosamente.

Ela ficou surpresa ao ver uma luz vindo de debaixo da porta do escritório, e após dar uma batida hesitante, adentrou o cômodo. Ele estava largado no sofá, o casaco e a gravata no chão, um copo de uísque na mão; não era o primeiro copo que ele bebia, pensou ela, olhando para a garrafa meio vazia sobre a mesinha.

— Eu... Eu não percebi que você estava de volta — falou ela de forma trêmula quando ele virou e a encarou com olhos vermelhos.

— Onde mais eu iria estar, minha querida esposa? — Ele deu uma risada amarga. — Não responda. Tenho certeza de que sua imaginação fértil pode criar uma dúzia de situações, comigo dormindo com uma das muitas amantes que você parece achar que eu tenho escondido.

— Eu sinto muito mesmo por ter duvidado de você — disse Lauren baixinho. — Eu não tinha motivos para suspeitar de você. É só que... Quando você não estava nas vinícolas, conforme eu tinha esperado, pensei em todas as vezes que meu pai deve ter mentido para minha mãe, todos os casos dele sobre os quais eu não sabia nada quando era criança, mas que partiram o coração dela. Durante alguns minutos estúpidos eu pensei que você fosse como ele, mas eu sei que não é. — Ela engasgou, engolindo as lágrimas que obstruíram sua garganta de repente.

Ramon esvaziou o copo e ficou de pé, se afastando dela para ficar à janela que dava vista para os terrenos do castelo e para as montanhas sombrias adiante.

— Eu nunca deveria ter obrigado você a se casar comigo — disse ele abruptamente. — Posso ver agora que foi um erro.

— Você não me obrigou... — começou ela, mas Ramon balançou a cabeça.

— *Dios mio,* eu ameacei lutar pela custódia do nosso filho, eu não te dei escolha senão ser minha esposa. E agora você se sente presa. Você perguntou uma vez se era minha prisioneira — disse ele asperamente. —A resposta é não, Lauren. Eu não vou manter você aqui contra sua vontade por mais tempo.

— Eu não entendo — sussurrou ela. Ele deu de ombros.

— Estou libertando você. Nenhum de nós pode ser feliz enquanto você continuar sendo assombrada pelo modo como seu pai tratou sua mãe. Você está esperando constantemente que eu te decepcione de algum modo, e no final das contas a falta de confiança vai destruir nosso relacionamento.

Ele pausou, e então continuou na mesma voz desprovida de emoção:

— Vou concordar com o divórcio, e você pode levar Mateo de volta à Inglaterra. Tudo que peço é que você me permita comprar uma casa para vocês dois e que você concorde em me deixar visitá-lo regularmente.

Ela estava tão chocada com o anúncio inflexível dele que não conseguia falar, não conseguia pensar.

— Eu não quero o divórcio — gaguejou ela finalmente. — Eu nunca levaria Matty para longe daqui... do castelo, da família dele, de você. Eu sei o quanto você o ama.

Ela deu um suspiro profundo.

— Eu não me sinto presa. Eu quero continuar casada com você porque... Eu te amo.

O silêncio foi tão intenso que Lauren conseguia ouvir o som rasgado de sua respiração. Não houve reação no rosto rijo de Ramon e os cílios espessos escondiam a reação em seus olhos.

— Que amor — disse ele severamente, finalmente. — Você diz as palavras, Lauren, mas você não demonstrou isto hoje, quando acreditou que eu estava tendo um caso com Pilar. O amor verdadeiro, o tipo que dura para sempre, é profundo e terno, apaixonado e carinhoso — falou ele profundamente. — Tem a ver com confiança e perdão, amizade e uma afeição duradoura que transcende todos os problemas e decepções da vida, e que traz as maiores alegrias. — Ramon pausou e encarou os olhos acinzentados, sentindo o coração contrair quando viu o brilho das lágrimas dela. — Pelo menos, este é o amor que sinto por você, *mi corazòn.*

Era muito para ela agüentar. Ele havia definido o significado de amor tão lindamente que ela não conseguia segurar as lágrimas. Ela deve ter entendido errado. Ele não podia querer dizer que sentia aquela emoção abundante por ela, pensou ela desesperadamente. Mas o brilho dourado nos olhos castanhos queimou na alma dela e,

para sua surpresa, o amor reluzia nos olhos dele.

— Você... Você me ama?

— Como todo meu coração, *mi preciosa.*

A emoção crua na voz dele lhe tocou mais do que às palavras, e ela percebeu que não era a única que estava tremendo. Perguntas giravam na cabeça dela.

— Por que você não disse? — sussurrou ela, ainda achando impossível acreditar.

— Primeiro eu não sabia — admitiu ele com a voz rouca. — Tudo que eu sabia era que eu pensava pra diabo em você e queria você na minha cama. Para meu incômodo, sentia sua falta quando você não estava por perto. Mas acho que até mesmo naquela época, durante nosso caso, eu sabia que você era especial — disse ele lentamente. — Eu me enganei achando que só queria me casar com você por causa de Mateo. Quando você entrou na igreja, indo na minha direção, parecendo um anjo, eu soube que você havia roubado meu coração irrevogavelmente e para sempre.

— Oh, Ramon. — Ela encarou o belo rosto esculpido e ansiou de amor por ele. — Você realmente não teria concordado com o divórcio, teria? — perguntou ela, um pequeno tremor de incerteza na voz.

— Você deve estar brincando. — Ele sorriu de repente, e a puxou para seus braços quando a reserva que ele havia imposto para si desabou diante da necessidade urgente de abraçá-la. — Mesmo quando disse isso, estava retrocedendo as palavras na cabeça freneticamente e planejando como poderia persuadi-la a ficar comigo. Eu nunca iria querer deixar você ir embora, *querida* — disse ele, ficando sério de repente outra vez. — Mas eu chantageei você para se casar comigo. Você precisa escolher se *quer* ou não ser minha esposa.

— Eu escolhi você... E quero ficar com você como sua esposa, amiga e amante até morrer. — Ela desatou o cinto do roupão e o tirou dos ombros, o calor fritando seu corpo quando Ramon observou a camisola de renda ousada com um desejo desmedido nos olhos. — Mas eu não vou reclamar se você quiser me persuadir um *pouquinho* — convidou ela num tom provocante.

Não havia palavras para expressar a profundidade do amor dela por ele mas ele pareceu compreender, e a beijou para afastar as lágrimas antes de pegá-la nos braços e carregá-la para fora do escritório. A velocidade com que ele tomou as escadas era uma indicação de seu desejo selvagem para fazer amor com ela. Ele a colocou na cama e tirou a pequena camisola provocante de renda preta, os olhos queimando de desejo enquanto ele tirava as próprias roupas rapidamente e se posicionava entre as coxas macias dela.

— Mal posso esperar, *tesoro* — murmurava ele, enquanto a acariciava com dedos gentis e a encontrava úmida e pronta para ele. Mas ele se obrigou a ser paciente e procurou um preservativo na gaveta do lado da cama, dando um olhar confuso quando ela rejeitou o pacote.

— Acho que é hora de eu alcançar suas irmãs — disse ela suavemente. — Matty precisa de um irmãozinho e desta vez eu quero que você esteja envolvido da concepção ao nascimento... Se concentrando bastante na concepção — acrescentou ela com um suspiro feliz quando a paciência dele se foi e ele se lançou para cima dela.

— Tem certeza de que deseja outro bebê agora que está prestes a começar a estudar?

— Posso estudar enquanto estiver grávida... e um dia, quando nossos filhos estiverem mais velhos, eu gostaria de retomar minha carreira. Eu tenho tudo que poderia desejar — assegurou ela suavemente. — Você, Matty, e espero que sejamos abençoados com outro bebê. Mas, mais importante do que tudo. Eu tenho seu amor... assim como você tem o meu.

— Para sempre — Ramon jurou fervorosamente. E não houve necessidade de mais palavras quando ele mostrou a ela, com seu corpo, o amor que preenchia seu coração.

FIM